



unioeste
Universidade Estadual do Oeste do Paraná



PPGE
Programa de Pós-Graduação em Educação
Mestrado e Doutorado

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES/CECA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DE MESTRADO/PPGE
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**

PATRICIA CANABARRO COELHO DE MORAES

**A EDUCAÇÃO DA MULHER E A IMPRENSA: O PAPEL DA REVISTA JORNAL
DAS MOÇAS NA TRANSFORMAÇÃO/CONSERVAÇÃO SOCIAL (1914-1930)**

CASCADEL – PR

2022



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná



Programa de Pós-Graduação em Educação
Mestrado e Doutorado

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES – CECA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* E
EDUCAÇÃO - NÍVEL DE MESTRADO E DOUTORADO/PPGE
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

PATRICIA CANABARRO COELHO DE MORAES

**A EDUCAÇÃO DA MULHER E A IMPRENSA: O PAPEL DA REVISTA JORNAL
DAS MOÇAS NA TRANSFORMAÇÃO/CONSERVAÇÃO SOCIAL (1914-1930)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, área de concentração: educação, linha de pesquisa: história da educação, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE - Campus Cascavel, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Aparecida Favoreto

Coorientador: Prof. Dr. Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia

CASCADEL – PARANÁ

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

CANABARRO COELHO DE MORAES, PATRICIA
A EDUCAÇÃO DA MULHER E A IMPRENSA: O PAPEL DA REVISTA
JORNAL DAS MOÇAS NA TRANSFORMAÇÃO/CONSERVAÇÃO SOCIAL (1914-
1930) / PATRICIA CANABARRO COELHO DE MORAES; orientadora
Profa. Dra. Aparecida Favoreto; coorientador Prof. Dr.
Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia. -- Cascavel, 2022.
146 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Cascavel) --
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação,
Programa de Pós-Graduação em Educação, 2022.

1. Educação feminina. 2. Imprensa. 3. Conservação social.
4. Transformação social. I. Favoreto, Profa. Dra. Aparecida,
orient. II. Aurélio Gimenes Garcia, Prof. Dr. Ronaldo,
coorient. III. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO



PATRICIA CANABARRO COELHO DE MORAES

A EDUCAÇÃO DA MULHER E A IMPRENSA: O PAPEL DA REVISTA JORNAL DAS MOÇAS NA TRANSFORMAÇÃO/CONSERVAÇÃO SOCIAL (1914-1930)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestra em Educação, área de concentração Educação, linha de pesquisa História da educação, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Aparecida Favoreto'.

Orientador(a) - Aparecida Favoreto

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Simone Sandri'.

Simone Sandri

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Tânia Regina Zimmermann'.

Tânia Regina Zimmermann

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Andréa Cristina Martelli'.

Andréa Cristina Martelli

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Cascavel, 21 de novembro de 2022

AGRADECIMENTOS

Dedico esta dissertação, primeiramente, a todas as mulheres, pois sempre precisaram e ainda precisam reivindicar direitos e lutar por um mundo mais justo, igualitário, livre e seguro, diante das inúmeras situações de opressão, dominação, desigualdade e violência às quais estiveram e ainda estão expostas.

Sou grata, sobretudo, à minha orientadora, professora Dra. Aparecida Favoreto, e ao meu coorientador, professor Dr. Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia. Agradeço profundamente pela confiança depositada na minha proposta de pesquisa, bem como pelas contribuições, aprendizados, compreensão e incentivo. Vocês foram fundamentais para a concretização desta pesquisa.

Às professoras, Dra. Andréa Cristina Martelli, Dra. Simone Sandri e Dra. Tânia Regina Zimmermann, pelo aceite e participação na qualificação e defesa, bem como pelos importantes apontamentos, questionamentos e contribuições. A vocês, minha gratidão e admiração.

À CAPES, pela bolsa concedida. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Em tempos de retrocessos, sobretudo na área da educação, é preciso evidenciar a importância do conhecimento científico e da pesquisa em nosso país, ressaltando a necessidade de investimento e valorização.

À Unioeste, campus de Cascavel, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, a todos e todas os/as docentes. Sou grata pelo aprendizado, experiência e oportunidade. Evidencio a importância da educação pública e do acesso a um ensino de qualidade.

Aos amigos e amigas, pelo incentivo desde o processo de seleção até o ingresso na pós-graduação, pelo apoio durante a trajetória de estudos, pelos momentos compartilhados, tanto de angústias como os de celebração.

À minha família, sobretudo minhas amadas filhas, Ana Clara e Bianca, minha mãe, Loreci, e meu esposo, Everaldo. Sou grata pelo carinho, apoio, incentivo, confiança e por estarem ao meu lado nos momentos de alegrias e angústias. Obrigada por tudo.

A todas as pessoas que contribuíram e me apoiaram de alguma forma ao longo da vida.

“Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica e religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Você terá que manter-se vigilante durante toda a sua vida”

(Simone de Beauvoir)

“Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal

A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina

Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar

Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar

[...]

Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só

[...]

Eu não me vejo na palavra
Fêmea, alvo de caça
Conformada vítima

Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar

E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar

[...]

Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só
Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só.”

(Música: Triste, louca ou má.
Canção de Francisco, el Hombre.)

MORAES, Patricia Canabarro Coelho de. **A educação da mulher e a imprensa: o papel da revista jornal das moças na transformação/conservação social (1914-1930)**. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Área de concentração: Educação, Linha de pesquisa: História da Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2022.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a relação entre a educação feminina e a imprensa, a partir de publicações da revista *Jornal das moças*. Destinada especificamente ao público feminino, a referida revista de entretenimento apresenta um modelo idealizado de mulher, característico da sociedade conservadora e patriarcal. A partir disso, busca-se compreender como a imprensa, por meio da revista, atua no processo de transformação e/ou conservação social dentro do contexto em que está inserida, desempenhando uma função formativa, bem como pretende identificar qual a concepção de mulher e como ela é representada nas páginas da revista. Para tal, a análise efetiva-se a partir da pesquisa documental, sendo a revista a fonte primária, a qual abrange, como recorte temporal, o período de 1914 a 1930. Ademais, apoia-se, ainda, na revisão bibliográfica, de fonte secundária, utilizando-se de artigos, dissertações, teses, livros etc. Há também os referenciais teóricos, tais como Saffioti (2004; 2013; 2020); Louro (1987; 1997); Perrot (2007); Priore (2004; 2020); Hooks (2021); Federici (2019; 2021), dentre outros e outras que auxiliam a fundamentação e embasamento teórico da pesquisa. Além disso, foi realizada uma busca direcionada por trabalhos, mais especificamente teses e dissertações, que tinham a revista como objeto central, realizando, assim, uma pesquisa de estado da arte, para, então, definir o recorte e direcionar as análises. Desse modo, é possível identificar o caráter pedagógico da imprensa ao atribuir padrões e comportamentos específicos para o gênero feminino, naturalizando diferenças e promovendo desigualdades, além de apresentar seu caráter educativo e formativo. Diante disso, pode-se concluir que a concepção de mulher presente na revista reforça as desigualdades entre os gêneros, contribuindo para a manutenção e/ou conservação de um determinado modelo social, o patriarcado, pautado na supremacia masculina. Nesse sentido, as publicações contidas na revista não visam contribuir para uma transformação social efetiva, assim como não tendem a pensar uma educação na perspectiva emancipadora, sobretudo, voltada para as mulheres. Dessa forma, a revista, além de sugerir a inserção da mulher em um contexto de submissão, também surge como resposta de segmentos sociais mais conservadores, que procuravam rivalizar com o feminismo e o questionamento do papel da mulher na sociedade brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Educação feminina; Imprensa; Conservação social; Transformação social.

MORAES, Patricia Canabarro Coelho de. **Women's education and the press: the role of the magazine *Jornal das Mulheres* in social transformation/conservation (1914-1930)**. 146f. Dissertation (Master in Education). Graduate Program in Education. Concentration area: Education, Line of research: History of Education, State University of Western Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2022.

ABSTRACT

This study aims to analyze the relation between female education and the press, based on publications in the magazine *Jornal das Moças*, which was destined specifically to the female audience. This entertainment magazine presents an idealized model of women which is a characteristic of the conservative and patriarchal society. From this point, we seek to understand how the press, through the magazine, acts in the process of transformation and/or social conservation within the context in which it is inserted, performing a formative function, as well as intends to identify the conception of woman and how she is represented in the pages of the magazine. The analysis carries out a documentary research, with the magazine being the primary source, which covers, as a time frame, the period from 1914 to 1930. Furthermore, it is a bibliographic review, from a secondary source, based on articles, dissertations, theses, books, etc. Our theoretical framework is also based on Saffioti (2004; 2013; 2020); Louro (1987; 1997); Perrot (2007); Priore (2004; 2020); Hooks (2021); Federici (2019; 2021), among others. Moreover, a target search was carried out for theses and dissertations, which had the magazine as their central object, accomplishing a state-of-the-art research in order to define the clipping and to direct the analyzes. It was possible to identify the pedagogical character of the press by attributing specific patterns and behaviors to the female gender, which naturalizes differences and promotes inequalities, in addition to presenting its educational and formative character. In view of that, we can conclude that the woman conception present in the magazine reinforces inequalities between genders, contributing to the maintenance and/or conservation of a certain social model - the patriarchy - based on male supremacy. The publications contained in the magazine do not aim to contribute to an effective social transformation, just as they do not tend to think of education from an emancipatory perspective, especially aimed at women. Therefore, the magazine appears as a response from more conservative social segments, which sought to rival feminism and the questioning of the role of women in Brazilian society, in addition to suggesting the insertion of women in a context of submission.

KEYWORDS: Female education; Press; Social conservation; Social transformation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Capa da revista	41
Figura 2. Capa da revista	117
Figura 3. Matéria da revista.....	118
Figura 4. Matéria da revista.....	119
Figura 5. Matéria da revista.....	120
Figura 6. Matéria da revista.....	121
Figura 7. Capa da revista	122
Figura 8. Capa da revista	123
Figura 9. Matéria da revista.....	124
Figura 10. Matéria da revista.....	125
Figura 11. Matéria da revista.....	126
Figura 12. Matéria da revista.....	127
Figura 13. Matéria da revista.....	128
Figura 14. Matéria da revista.....	129
Figura 15. Capa da revista	130
Figura 16. Matéria da revista.....	131
Figura 17. Matéria da revista.....	132
Figura 18. Matéria da revista.....	133
Figura 19. Capa da revista	134
Figura 20. Matéria da revista.....	135
Figura 21. Capa da revista	136
Figura 22. Matéria da revista.....	137
Figura 23. Matéria da revista.....	138
Figura 24. Capa da revista	139
Figura 25. Matéria da revista.....	140
Figura 26. Matéria da revista.....	141
Figura 27. Matéria da revista.....	142
Figura 28. Matéria da revista.....	143
Figura 29. Matéria da revista.....	144
Figura 30. Matéria da revista.....	145
Figura 31. Matéria da revista.....	145
Figura 32. Matéria da revista.....	146

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
GEPEX	Grupo de Estudos sobre Sexualidade e Educação.
JM	Jornal da Moças

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2 JORNAL DAS MOÇAS: CONTEXTUALIZAÇÃO, CARACTERIZAÇÃO E PRODUÇÕES EXISTENTES	26
2.1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO: BREVE SÍNTESE DAS PRODUÇÕES EXISTENTES E METODOLOGIA DA PESQUISA	27
2.2 CONTEXTO SOCIAL, POLÍTICO E ECONÔMICO DO BRASIL ENTRE OS ANOS DE 1914 E 1930: BREVES CONSIDERAÇÕES	32
3 CONCEPÇÃO DE MULHER E O IDEAL DE EDUCAÇÃO FEMININA A PARTIR DO JORNAL DAS MOÇAS	46
3.1 A REPRESENTAÇÃO FEMININA NAS PÁGINAS DA REVISTA	47
3.2 A IMPRENSA COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO	60
3.2.1 O caráter da conservação social expresso na imprensa: reflexos das relações de poder e dominação	70
2.3 A SOCIEDADE PATRIARCAL E SISTEMA CAPITALISTA: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A PERSPECTIVA MATERIALISTA E O ESTABELECIMENTO DE UMA NOVA ORDEM SOCIALA	79
4 UMA EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO JORNAL DAS MOÇAS	88
4.1 A EDUCAÇÃO DA MULHER NA PERSPECTIVA DO MOVIMENTO FEMINISTA E AS POSSIBILIDADES DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	89
4.2 EDUCAÇÃO FEMININA: DA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL A NOVAS POSSIBILIDADES	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111
ANEXOS	117

1 INTRODUÇÃO

Mulheres e homens sempre tiveram papéis distintos, sendo eles determinados de acordo com o contexto social, político, cultural e ideológico no qual estavam inseridos e inseridas, bem como condicionados e condicionadas. Em grande parte da história, a figura masculina esteve em evidência, desse modo, a participação das mulheres, enquanto sujeitos históricos, não apresentava a devida relevância. As abordagens e representações¹ históricas privilegiaram, e ainda privilegiam, a condição masculina, desconsiderando e/ou invisibilizando a trajetória feminina ao longo de muito tempo.

Logo, um dos fatores que deve ser levado em consideração é a criação de estereótipos², que foram sendo atribuídos para homens e mulheres ao longo de toda história, amparados pelas questões biológicas e, posteriormente, endossado pelo discurso religioso. Assim, a partir das características biológicas de homens e mulheres, foram surgindo definições específicas, padrões a serem seguidos para cada um deles, que, gradativamente, foram sendo reforçados e impostos no meio social, normalizando-os. A partir disso, o conceito de gênero é fundamental para a discussão, contribuindo para pensar as práticas, as relações, os significados que, muitas vezes,

¹ Sobre o conceito de representações a ser usado ao longo do texto, Colling e Tedeschi (2019, p. 640) afirmam que “ao trabalharmos com a categoria representações e os estudos de gênero, uma das possibilidades seria a aproximação com a História Cultural pois tem uma especial afeição pelo informal, pelo popular, pelo resgate do papel de grupos sociais invisíveis na história, por uma abordagem plural na investigação histórica. A história cultural trabalhada por Roger Chartier é uma modalidade que procura entender a produção de sentido das palavras, das imagens e dos símbolos, e busca também a reconstrução das práticas culturais em termos de recepção, de invenção e de lutas de representações. Trabalha ainda as diferentes formas de apropriação dos discursos, de textos (verbais e não-verbais) e da produção do sentido, sendo este diferenciado pelas posições que os atores ocupam socialmente. Nesta perspectiva, nos mostrando algumas dependências da vida cultural, que aparecem nas diferentes formas de apropriação, mediadas pela representação”.

Sobre saber mais a respeito da história cultural, consultar a obra “A história cultural: entre práticas e representações”, de Roger Chartier.

² “Em diversas áreas os estereótipos são tomados como concepções rígidas sobre a realidade que não aceitam ponderações, questionamentos ou contraposições. Ou, ainda, como imagens mentais reduzidas, simplificadas sobre um fato do cotidiano, pessoa, grupo, lugar, crença, instituição, manifestação, constituindo-se como um julgamento generalizado, resultado do acesso fragmentado, incompleto, a informações sobre o observado, ou que se dá mesmo anteriormente à observação. Esta forma de pensar conduz um modo de agir e ressalta algum(s) aspecto(s) específico(s), único que possa(m) ser impingido(s) como característica única e determinante do todo, de modo a ser visto qualitativamente como positivo ou negativo. (COLLING; TEDESCHI; 2019, p.226).” Entretanto, vale ressaltar que o termo estereótipo não deve ser visto como um conceito restrito, mas sim como algo complexo, crítico e flexível.

são vistos como naturais, universais, mas que são produzidos pela sociedade por meio da cultura e que vão se transformando ao longo da história.

Desse modo, quando olhamos para os diferentes períodos da história, podemos observar o lugar ocupado por cada um deles - homens e mulheres - e o papel que desempenhavam. Portanto, faz-se necessário compreender como as construções históricas e culturais possibilitaram a manutenção e reprodução das desigualdades entre os gêneros, bem como foram se constituindo determinados padrões sociais e normativos ao longo do tempo e, ainda, como foram naturalizados, incorporados e perpetuados dentro de cada contexto social.

Ao abordar as questões de gênero, vale lembrar que elas são sempre relacionais, pois, ao abordar a figura feminina, estamos analisando aqui a sua relação com o masculino. Desse modo, é indispensável a compreensão das questões sociais, históricas, culturais e ideológicas que permeiam essas relações. Nesse sentido, é relevante analisar quais fatores possibilitaram as questões que perpassam as relações de gênero.

Pinsky (2009), ao evidenciar a importância dos estudos de gênero e ao reforçar que a temática traz inúmeras contribuições para as discussões no âmbito da história social, aponta diversas possibilidades de pesquisa por meio da união das temáticas, que vão agregar a produção historiográfica. Ao falar da história das mulheres, a autora ressalta que, dentre os diversos assuntos que abrangem as pesquisas sobre a temática, “esses trabalhos têm em comum: a atenção às mulheres do passado e o reconhecimento de que a condição feminina é constituída histórica e socialmente” (PINSKY, 2009, p.160).

Para a autora, os estudos na área da História que discutem as questões de gênero têm como proposta “entender a importância, os significados e a atuação das relações e representações de gênero no passado, suas mudanças e permanências dentro dos processos históricos e suas influências” (PINSKY, 2009, p.162). Para tal, gênero torna-se, então, uma categoria de análise³ importante nessa área, já que é fundamental compreender as construções e transformações históricas que permeiam as relações sociais, sendo assim, complementa a autora que “a categoria de gênero

³ Joan Scott (1995, s/p.), em seu texto, “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, aponta que gênero deve ser pensado como conceito, como ideia teórica, que vai além de uma terminologia gramatical.

remete à ideia de que as concepções de masculino e de feminino possuem historicidade” (PINSKY, 2009, p.163).

Desse modo, destacamos o papel da educação, bem como da imprensa - de caráter pedagógico - como fonte central da pesquisa, a fim de demonstrar como ambos contribuíram para estabelecer e manter determinados modelos sociais, criar padrões, formas de representação, projetar determinadas realidades, assim como formar cidadãos e cidadãs para um contexto social específico, para, então, promover a manutenção e/ou conservação de um determinado modelo social.

Ainda nessa perspectiva, a pesquisa visa demonstrar, a partir de um determinado sistema social - o patriarcado⁴ dentro do contexto da sociedade capitalista – como se estabeleciam as relações entre os gêneros, evidenciando o papel atribuído às mulheres e a forma de educação destinadas a elas, relacionando, ainda, o papel da imprensa diante desse contexto.

Feitas algumas considerações, é indispensável explicitar a escolha pela temática e o caminho percorrido até aqui. De início, destaco, como ponto de partida, o acesso ao meio acadêmico, a entrada na universidade pública para cursar a graduação em Pedagogia, no ano de 2013. Diante do acesso ao conhecimento científico de forma mais aprofundada, dos debates e reflexões acadêmicas, é que pude ter uma nova percepção de mundo.

A parti disso, evidencio a importância do acesso ao conhecimento como meio de emancipação humana, também ressaltando a relevância da educação pública, sobretudo nesse caso em específico, a universidade pública por possibilitar aprofundar e aprimorar meus conhecimentos. Desse modo, pude expandir meu olhar, observando as diferentes realidades diante de vários contextos que permeiam a vida em sociedade, o que provocou em mim profundas reflexões, acarretando inúmeras inquietações.

⁴ Para Melo (2019), o modelo patriarcal define de forma bem específica os papéis entre os gêneros, pautados numa relação de poder que restringe a mulher ao âmbito privado, usando como justificativa os atributos biológicos, uma vez que possuem útero e geram filhos. Sendo assim, a sociedade patriarcal evidencia a inferioridade feminina em relação à figura masculina, já que os homens desempenham um papel de autoridade nesse meio, exercendo o poder sobre elas. É preciso levar em consideração que fatores culturais, econômicos, sociais e ideológicos reforçam o papel dominante da figura masculina. Fica explícito, então, que a desigualdade entre homens e mulheres é reflexo desse modelo social, no qual os estereótipos de gênero passam a ser produzidos e reproduzidos em todos os âmbitos sociais, sendo normalizados e reforçados a todo o momento.

Nesse contexto, durante a graduação, participei como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC⁵ e do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID⁶, que possibilitaram uma proximidade maior com a docência e a pesquisa. Entretanto, foi pelo PIBID, ao participar por um período de quase dois anos, que tive contato direto com o meio escolar, desenvolvendo inúmeras atividades.

Ainda no primeiro ano da graduação, ao participar de uma palestra promovida para os acadêmicos e acadêmicas⁷ dos cursos de licenciatura, tive o primeiro contato com a temática que abordava as questões de gênero. Tal palestra foi ministrada pela professora Dra. Andréa Martelli, docente do curso de Pedagogia, e pelo professor Dr. Alexandre Ferrari, docente do curso de Letras, em que discorriam sobre educação, gênero e sexualidade. A partir daquele momento, as discussões e abordagens sobre a temática de gênero e sexualidade começaram a despertar meu interesse.

Durante o terceiro ano da graduação, por meio de uma rede social, tive acesso a uma publicação que continha uma foto com a imagem de uma mulher branca, magra, sorridente, em sua cozinha, preparando uma refeição - a típica mulher do lar. Abaixo da imagem, havia algumas frases que reforçam o papel da mulher como dona de casa, boa mãe e esposa, aquela que era responsável pela moral e bons costumes, que devia zelar por sua família, sugerindo um modelo idealizado de mulher. Tais frases foram tiradas de trechos de revista femininas do século XX.

Ao observar os comentários oriundos daquela publicação, pude perceber que muitas pessoas concordavam com aquelas afirmações e, ainda, muitos daqueles comentários partiam das próprias mulheres. Passei, então, a me questionar e demonstrar uma certa inquietude em relação aos argumentos e justificativas que

⁵ O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC tem como foco principal promover uma ênfase científica aos novos talentos que estão para se formar. Serve como incentivo para se iniciar em pesquisas científicas em todas as áreas do conhecimento. Os projetos de pesquisa devem ter a qualidade acadêmica, mérito científico e orientação adequada por um pesquisador qualificado.

⁶ O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID é mantido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES). É um programa que oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o PIBID faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais. A condição de bolsista de Iniciação à Docência ocorreu no subprojeto de Pedagogia, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus Cascavel, Pr., no período de abril de 2015 a abril de 2017.

⁷ Ao longo do texto, adotamos a flexão de gênero, haja vista que a linguagem é um instrumento de poder e de inclusão ou exclusão.

foram ali apresentados. Assim também, surgiu uma certa curiosidade em relação a tais revistas e seus conteúdos e, ainda, a visão de mulher que nelas estaria representada. Dessa forma, o interesse pelo tema poderia ser uma opção para desenvolver meu trabalho de conclusão de curso.

Já no quarto e último ano da graduação, em 2016, defini que meu trabalho final abordaria os papéis sociais atribuídos ao gênero feminino. Então, precisava de um/a orientador/a que pesquisasse sobre a temática. Dessa forma, procurei a professora Dra. Andréa - a docente que ministrou a palestra citada anteriormente - e apresentei minha proposta de pesquisa. A partir daí, algumas informações foram coletadas por meio da publicação (à qual me referi anteriormente), no sentido de gerar dados que possibilitassem aprofundar a pesquisa. Chamou-me a atenção um nome, “Jornal das Moças⁸”, uma revista feminina, fonte de alguns trechos elencados naquela publicação.

Dessa maneira, decidi que minha pesquisa teria como fonte principal alguns trechos e textos publicados na referida revista, destinada ao público feminino. Sendo assim, a proposta foi apresentar a visão de mulher na revista, estabelecendo um recorte numa seção específica, denominada “Evangelho das Mães”, que trazia dicas de comportamento, enfatizando padrões a serem adotados pelo público feminino. Ali, o papel de mãe, mulher e esposa estavam bem definidos, os textos eram pautados pelo conservadorismo, com caráter machista⁹- característicos da sociedade patriarcal, na qual predomina a supremacia masculina.

Enfim, finalizei minha pesquisa, intitulada “A noção de “mulher” via imprensa: uma análise a partir das publicações do “Jornal das Moças”, concluindo a graduação, no ano de 2017. Por não querer me afastar do meio acadêmico, decidi manter um vínculo com a Universidade, participando do Grupo de Estudos sobre Sexualidade e Educação – GEPEX¹⁰.

⁸JM será a sigla adotada para se referir à revista *Jornal das Moças* ao longo do texto.

⁹Para Castañeda (2006), “o machismo pode ser definido como um conjunto de crenças, atitudes e condutas que repousam sobre duas ideias básicas: por um lado, a polarização dos sexos, isto é, uma contraposição do masculino e feminino segundo a qual são não apenas diferentes, mas mutuamente excludentes; por outro, a superioridade do masculino nas áreas que os homens consideram importantes. Assim, o machismo engloba uma série de definições sobre o que significa ser homem e ser mulher, bem como uma forma de vida baseada nele (p. 167)”. Vale ressaltar que uma das formas de reprodução do machismo é pela cultura, podendo ser repassado pelas gerações, atrelado ao processo educacional, seja ele formal ou informal; dessa maneira, ele se naturaliza, perpetuando-se. Para a autora, o machismo interfere diretamente nas relações sociais por meio dos padrões de comportamento, de valores e normas de conduta.

¹⁰ O GEPEX é um grupo de estudos que visa discutir as questões sobre gênero e sexualidade. Está destinado aos alunos e alunas da graduação, pós-graduação e demais membros da universidade, assim como é aberto para membros da comunidade externa. Possui encontros mensais realizados na

Nessa perspectiva, o foco dos meus estudos continuou direcionado para as temáticas voltadas mais especificamente ao gênero feminino - a educação feminina e papéis de gênero -, por entender que estamos longe da tão sonhada igualdade entre os gêneros e que, apesar das inúmeras conquistas que as mulheres obtiveram ao longo dos tempos, a sociedade ainda está pautada na visão patriarcal, permeada pelo conservadorismo, pela misoginia, pelo preconceito.

Posteriormente, tive a oportunidade de ingressar na pós-graduação, fazendo parte do Mestrado em Educação, como aluna regular, sendo orientada pela professora Dra. Aparecida Favoreto, integrante do grupo de pesquisa História e Historiografia na Educação. Dessa forma, tive a oportunidade de desenvolver uma pesquisa mais aprofundada sobre a revista *Jornal das Moças* e dar continuidade às discussões sobre gênero. Entretanto, agora, com uma preocupação: compreender a revista em relação ao seu contexto histórico.

Nesse sentido, entendo que a educação é um dos elementos que pode contribuir para que haja mudança de concepção em relação ao papel da mulher na sociedade, pois, por meio dela, podemos desconstruir padrões e estereótipos, romper com as desigualdades e preconceitos, ensinar o respeito à diversidade, combater as diversas formas de violências, reivindicar direitos, dentre outros. É papel da escola propiciar uma educação que permita que os indivíduos sejam críticos, reflexivos e conscientes do seu papel enquanto cidadãos e cidadãs, perante o processo histórico.

Segundo Bell Hooks (2021), ao pensar na transformação social por meio do feminismo, afirma que “uma revolução feminista sozinha não criará esse mundo; precisamos acabar com o racismo, o elitismo, o imperialismo” (p.18). Ainda, segundo ela, a perspectiva apresentada pelo movimento feminista baseia-se na igualdade, liberdade e justiça, oportunizando, assim, mudança da realidade social.

Para tanto, é fundamental compreender que o gênero é uma construção social e que a educação – tanto formal quanto informal - contribui para perpetuar determinados comportamentos, estabelecendo padrões e criando normas de conduta específicas para cada gênero. Desse modo, as distinções atribuídas aos gêneros

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE *campus* Cascavel. É um projeto interdisciplinar, integrando os cursos de Pedagogia, Letras, Ciências Biológicas e Enfermagem da mesma Universidade. As pautas discutidas no grupo são de extrema importância, pois visam desmistificar os assuntos relacionados à sexualidade e ao gênero, muitas vezes, interpretados erroneamente e fora de contexto, assim como fornece subsídios para compreensão sobre o tema, promovendo reflexões sobre a necessidade de inserir a discussão dessas temáticas no âmbito escolar.

seguem amparadas e justificadas pelas questões biológicas, o que, de fato, não deveria ser considerado como um fator determinante para definir uma pessoa, usando-se de atributos associados ao sexo biológico.

Cabe à sociedade problematizar as imposições da sociedade patriarcal, tais como padrões e comportamentos que promovam desigualdades, preconceitos, discriminação e violência; não contribuir com a naturalização e perpetuação da misoginia, do machismo; questionar as relações de poder e dominação pautadas pelo autoritarismo e conservadorismo. Para tal, é preciso estender esse debate para todos os âmbitos sociais, gerando discussões e reflexões que resultem em tomadas de consciência e, conseqüentemente, em mudanças efetivas.

Cientes, ainda, do alto índice de violência que atinge sobretudo o gênero feminino, precisamos compreender que a educação pautada na supremacia masculina, estruturada nas relações de poder e dominação, precisa ser questionada, problematizada, pois contribui para o aumento e permanência das diversas formas de violência contra a mulher. Nesse sentido, é de extrema importância ressaltar o elevado índice de violência contra mulher, sobretudo no Brasil, nos últimos anos. Tal fator deve ser considerado diante de uma nova configuração social, a partir da pandemia da Covid-19, pois, devido à necessidade de isolamento social, houve um aumento e isso contribuiu para que a violência se agravasse.

De acordo com os dados obtidos no site do Instituto Patrícia Galvão¹¹, em 2018, o número de casos de feminicídio¹² foi de 1.206; já no ano de 2020, foram 1.320 casos, um aumento muito expressivo dentro de dois anos. Já sobre a violência sexual, no ano de 2020, foram registrados 60.460 casos, equivalente a 165 estupros por dia. Os dados apontam ainda que 1 a cada 4 mulheres, no ano de 2020, foi vítima de algum tipo de violência (física, sexual, dentre outras) considerando, como fator agravante, a pandemia.

Considerando os casos de violência contra a mulher, 7 de 10 agressores são próximos/conhecidos da vítima, segundo apontam os dados do Instituto Patrícia

¹¹ O Instituto Patrícia Galvão é uma organização feminista sem fins lucrativos que atua há 20 anos de forma estratégica na mídia, promovendo a discussão e visibilidade sobre os direitos das mulheres. O instituto, que já é referência no país, leva o nome da escritora, ativista e jornalista, Patrícia Rehder Galvão (1910-1962) - conhecida por Pagu -, como forma de homenagem, pois foi defensora da participação mais ativa das mulheres na esfera pública. Disponível em: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/> Acesso em: 12 ago. 2021.

¹² Designação para se referir ao assassinato de mulheres em contextos marcados pela desigualdade e/ou discriminação de gênero. No Brasil, esse tipo de crime é considerado como hediondo – que causa repulsa.

Galvão, sendo eles cometidos por: pai, padrasto, filho, irmão, namorado, companheiro ou ex-companheiro. De acordo com os dados, metade dos atos violentos foram cometidos dentro de casa e 50,8% das mulheres afirmam que um dos agravantes dessa situação foi propiciado pela pandemia. Olhando para os dados, observa-se a necessidade de pensar numa educação que contribua para amenizar as diversas formas de violência e desigualdade entre os gêneros, lembrando que essa é uma questão mais ampla, de ordem estrutural da sociedade capitalista e que a escola por si só não consegue erradicar.

Adentro num contexto mais específico, em relação ao objeto de pesquisa, a revista JM, que se configura como fonte primária, datada do período de 1914 a 1965; apresenta sua primeira publicação em 21 de março de 1914 e seu último exemplar foi publicado em 15 de dezembro de 1965. O acesso aos exemplares originais efetiva-se por meio do ambiente virtual, visto que se encontra disponível, de forma digitalizada, no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional¹³, organizado por ano de publicação e número de edição.

Apontada como uma revista destinada ao público feminino, a revista JM circulou inicialmente no Rio de Janeiro, sendo distribuída posteriormente nas capitais de todo o Brasil, chegando, ainda, a algumas cidades do interior. Cada exemplar apresentava em torno de 45 a 75 páginas em média, com períodos de edições semanais ou quinzenais, possuindo uma grande variedade de conteúdos, tais como: dicas de beleza, propagandas, culinária, decoração, moda, assuntos relacionados à educação, saúde e higiene, dicas de comportamento, acontecimentos sociais, contos, piadas, histórias, dentre outros¹⁴.

Era comercializada em bancas ou entregue via correios para suas assinantes, logo, é preciso levar em consideração que a revista não estava acessível a todas as mulheres, abrangendo um público específico - já que apresentava um custo para sua aquisição, bem como pesava o fato de haver muitas pessoas analfabetas naquele período. Sendo assim, pode-se considerar que ela se destinava, mais especificamente, às mulheres das classes médias e altas da sociedade. Entretanto, a revista atingiu indiretamente algumas mulheres pertencentes à classe trabalhadora,

¹³ Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 12 ago. 2022.

¹⁴ É válido ressaltar que não foram analisadas todas as edições da revista devido ao grande número de exemplares. Aqui, apresenta-se um panorama geral dos principais componentes e características da revista para situar o leitor.

especialmente aquelas que desempenhavam trabalho doméstico, tendo em vista que, na casa de suas patroas, podiam ter acesso às imagens contidas na revista.

Por ser uma revista que se manteve em circulação por mais de cinquenta anos, chamam a atenção alguns aspectos que ela apresenta, tais como: modo como é organizada, as imagens/ilustrações, a seleção dos conteúdos, o contexto social, histórico e cultural em que estava inserida, bem como a influência e reflexo desses fatores nas suas publicações e, ainda, o fato de ser criada e escrita, na maioria das vezes, por homens.

Outro fator a ser observado é o nome de determinadas seções, colunas ou títulos de textos – sem deixar de lado a relevância de todo o conteúdo presente na revista - em especial, aqueles que eram destinados, mais especificadamente, a dar conselhos, dicas de comportamento, sugerir normas de conduta, assuntos sobre a vida conjugal e familiar, educação dos filhos etc. Dentre eles, estão: “Evangelho das mães”; “O que as esposas precisam saber”; “Vida no lar”; “As mães não devem esquecer que as tarefas das donas de casa são as seguintes...”; “Como aguardar seu esposo”; “A ciência da vida doméstica”; dentre tantos outros.

Diante disso, um dos objetivos ou finalidades da revista, destacados por Albuquerque (2016), é que, além de promover entretenimento por meio de diversos conteúdos, a revista visa apresentar um modelo de mulher “ideal”. Assim, há um modelo universalizado, indicando que a mulher seja recatada, submissa, doce, dedicada, amorosa, dentre outros, sendo ela responsável por zelar pela moral e bons costumes da família tradicional pertencente à sociedade patriarcal.

Nessa lógica, há um reforço para que as mulheres não percam suas características - ditas como naturais - que são impostas pela sociedade, evidenciando, assim, a moral, os bons costumes, o comportamento, a reponsabilidade pelo cuidado com o lar, com os filhos e o bem-estar do marido, exigindo que esteja sempre bela e disposta, sem reclamar, nem questionar ou fazer exigências.

Desse modo, a revista apresenta um cunho pedagógico e formativo quando traz elementos que visam reforçar um modelo idealizado de mulher, de ações e comportamentos, procurando manter um determinado modelo social. Em virtude de perpetuar esse modelo de educação - característico do patriarcado -, no qual as mulheres têm um papel especificamente destinado ao âmbito privado, ao contrário dos homens que têm sua vida voltada ao âmbito público, reafirma-se, dessa forma, a visão conservadora e machista.

Devido a esses fatores, uma das hipóteses em relação ao papel da imprensa diante desse contexto é que ele contribui para a perpetuação e manutenção e/ou conservação de um determinado modelo social. Neste caso, evidenciando um modelo idealizado de mulher, desempenha, assim, um papel formativo ao naturalizar alguns discursos¹⁵ e posicionamentos, estabelecendo e perpetuando padrões, sobretudo quando produz e reproduz as desigualdades entre os gêneros.

Diante do exposto, um fator fundamental para realizar essa análise é compreender o contexto social que permeia as relações de gênero, sobretudo no período de circulação da revista, especificamente a partir do recorte selecionado, de 1914 a 1930, levando em consideração os acontecimentos em âmbito cultural, político e econômico, relacionando-os com o papel da mídia naquele contexto.

Para tal, a pesquisa de cunho bibliográfico, associada com o estado da arte sobre o tema, fornece os subsídios essenciais para a concretização dos objetivos estabelecidos. Permite reunir dados e informações das pesquisas e produções já existentes, bem como sua sistematização e aprofundamento sobre o tema, possibilitando, assim, a identificação de aspectos relevantes, além de fornecer subsídios para responder e esclarecer alguns questionamentos e, por fim, almeja alcançar os objetivos propostos.

Nesse sentido, um dos procedimentos adotados foi a pesquisa em banco de dados, por exemplo, o “Catálogo de Teses e Dissertações”, disponível no site da Capes e Scielo. Na busca, foi inserido o marcador “Jornal das Moças”, contido nos títulos das referidas produções/pesquisas. Após, foram selecionados os títulos que se referiam à: educação feminina ou da mulher; representação feminina ou da mulher; e similares. Na sequência, foi realizada a leitura dos resumos desses trabalhos, para, então, estabelecer os critérios de análises para cada um deles, visando extrair as informações necessárias, alinhadas aos objetivos da pesquisa.

¹⁵ Ao usar o termo “discurso(s)” ao longo do texto, vale evidenciar que nossa análise tem como ponto central compreender o sentido do discurso. Desse modo “o processo de análise discursiva tem a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção, que podem ser verbais e não verbais, bastando que sua materialidade produza sentidos para interpretação” (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 680).

Michel Pêcheux é um dos fundadores da Análise do Discurso - AD, um estudo que estabelece “a relação existente no discurso entre língua/sujeito/história ou língua/ideologia. [...] a linguagem é estudada não apenas enquanto forma lingüística como também enquanto forma material da ideologia [...]. A AD trabalha com o sentido e não com o conteúdo do texto, um sentido que não é traduzido, mas produzido; pode-se afirmar que o corpus da AD é constituído pela seguinte formulação: ideologia + história + linguagem” (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 680). Para mais, ver as obras de Michel Pêcheux.

A partir das informações coletadas, definiram-se os elementos que permitem desenvolver a pesquisa, buscando responder algumas inquietações referentes aos nossos objetivos específicos, tais como: compreender os objetivos ou finalidades da revista ao apresentar determinados conteúdos e posicionamentos; analisar se os conteúdos contribuíam para a conservação ou transformação de um determinado modelo social; demonstrar qual o papel da imprensa, sobretudo a destinada ao público feminino; compreender para além do contexto social, observando as questões culturais e ideológicas; problematizar o papel da mulher, as suas representações e a educação destinada a elas.

Para tal, adentrado nas questões metodológicas, a revista JM configura-se como fonte primária, sendo adotada, num primeiro momento, a pesquisa de caráter documental, que, de acordo com Lakatos e Marconi (2013), acontece quando a coleta de dados centra-se em documentos de diversas origens, de elaboração do próprio autor, neste caso em específico, a revista *Jornal das Moças*. Para auxiliar a análise dos dados coletados e contribuir com a discussão da temática, adota-se a pesquisa de caráter bibliográfico, que “abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo” (LAKATOS e MARCONI, 2003, p.183), configurando-se na pesquisa por meio de fonte secundária, por meio de teses, dissertações, artigos e livros sobre o tema.

Nesse seguimento, aplicam-se, na pesquisa, as contribuições do estado da arte, que tem por objetivo “compreender como se dá a produção do conhecimento em uma determinada área de conhecimento em teses de doutorado, dissertações de mestrado, artigos de periódicos e publicações” (ROMANOWSK, 2006, p.39). A intenção é analisar, dentre esses materiais, aquilo que já foi produzido em relação à revista e quais foram seus recortes e enfoques, para, então, buscar outras formas de abordagem, trazendo uma nova visão sobre a temática.

O referencial teórico pauta-se na seleção de autores e autoras, tais como Beauvoir (2008), Louro (1987, 2007), Saffioti (1987, 2004, 2013), Perrot (2007), Priori (2004, 2020), Buitoni (2009), Tiburi (2021), Hooks (2021), dentre outros e outras que vão contribuir para apresentar, discutir e analisar conceitos. Sendo assim, fornece subsídios para a consolidação da base teórica da presente pesquisa e complementa a discussão da temática; ademais, auxilia o método de análise, para a investigação e coleta de dados e/ou informações.

Além disso, é importante enfatizar que a utilização de uma revista, como fonte documental para o desenvolvimento desta pesquisa, permite a compreensão de todo um percurso histórico, pois é olhando para o movimento que a história faz, é olhando para o passado, que podemos compreender o presente e pensar o futuro, refletindo novos modos de agir.

Diante disso, a pesquisa almeja questionar e problematizar a concepção de mulher e como ela é representada a partir das páginas da revista, bem como promover a reflexão sobre educação formal e informal destinada às mulheres; ademais, visa analisar que meios são utilizados para promover discursos e posicionamentos que conservam e perpetuam determinados modelos sociais, criam e reforçam estereótipos, disseminando a desigualdade, a discriminação, preconceitos e violências. Por fim, busca contribuir para a reflexão sobre as possibilidades de uma transformação social a partir da perspectiva de uma educação feminista emancipadora.

Por meio da análise e discussão dos aspectos históricos, culturais e sociais de um determinado período ou contexto, surge uma nova forma de compreender e olhar para o presente e, conseqüentemente, contribui com uma visão mais ampla e esclarecida para o pensar o futuro. Isso porque, na sociedade contemporânea, ainda se encontram, de forma muito presente, os discursos e práticas machistas, sexistas, promovendo desigualdades e violências.

Para tal, é necessário compreender as construções sociais que permeiam as relações de gênero e os dispositivos que, ao longo do tempo, serviram para produzir e reproduzir as situações de poder, dominação, desigualdade e violência entre eles, bem como os fatores que propiciaram a criação de padrões específicos, que serviram para naturalizar determinados discursos e comportamentos, principalmente, aqueles que os associam às questões biológicas.

Nessa perspectiva, a dissertação está organizada em três capítulos; o primeiro destina-se a situar leitores e leitoras. Num primeiro momento, traz uma breve revisão bibliográfica por meio do estado da arte, apresentando, de modo sucinto, algumas pesquisas que discorrem sobre a revista. Posteriormente, contextualiza o período de 1914 a 1930 – recorte da pesquisa –, apresentando um resumo do contexto histórico, social e político que marca o período, tanto a nível nacional como internacional. Por fim, caracteriza a revista, trazendo os elementos que a compõem, evidenciando pontos principais de sua estrutura, organização, conteúdos e formas de discursos.

No segundo capítulo, fica expressa a concepção de mulher, demonstrando como ela era representada nas páginas da revista e seu papel social. Traz alguns apontamentos sobre as perspectivas da sociedade em relação à mulher e sua educação, relacionando a uma visão idealizada de mulher e ao caráter formativo da imprensa. Elenca as questões naturalizadas pela visão patriarcal e conservadora, que atribuem comportamentos estereotipados associando-os às questões biológicas, que perpetuam a desigualdade entre os gêneros por meio de relações de poder e dominação. Aponta, ainda, o caráter educativo e formativo da imprensa, fator que expressa o desejo da conservação social.

O terceiro e último capítulo discorre sobre uma educação para além do Jornal das moças. Iniciamos a discussão sobre a educação feminina a partir da perspectiva do movimento feminista e as possibilidades de uma transformação social. Apresentamos um breve panorama sobre o surgimento do movimento, tanto no contexto mundial como nacional. Falamos dos princípios de uma educação feminista e sobre o surgimento do movimento diante do contexto mundial e nacional. Finalizamos com a discussão da questão da transformação social e novas possibilidades a partir da perspectiva da educação feminista.

2 JORNAL DAS MOÇAS: CONTEXTUALIZAÇÃO, CARACTERIZAÇÃO E PRODUÇÕES EXISTENTES

Iniciamos nossa análise trazendo de forma breve uma contextualização do período de 1914 a 1930 - recorte da pesquisa -, apresentando alguns fatos históricos tanto a nível mundial como nacional, além de abranger o âmbito social, político e econômico. O contexto histórico configura-se como elemento de extrema importância para a pesquisa, pois, por meio dele, podemos compreender como as relações sociais se estabelecem e quais os reflexos das questões políticas e econômicas perpassando pelas questões de gênero.

Nesse sentido, a abordagem de gênero é um dos mecanismos que permite a reflexão e análise das relações sociais entre homens e mulheres. De acordo com Pinsky (2009), o termo sexo não se encaixa nessas discussões – falando de homens e mulheres, nesse caso em específico - a não ser para se referir às questões biológicas; já o termo gênero, é o mais adequado, pois evidencia os aspectos culturais que vão estar relacionados com as diferenças sexuais. Sendo assim, ao se remeter à cultura, o gênero é uma construção social.

Posteriormente, apresentamos, de forma sucinta, algumas das principais produções existentes sobre a revista *Jornal das Moças*. A forma encontrada para realizar essa busca foi por meio da pesquisa caracterizada como estado da arte e pelo levantamento bibliográfico. Desse modo, as informações coletadas forneceram subsídios para definir o recorte da nossa pesquisa, contribuindo ainda com a análise e coleta de informações sobre a temática.

Por fim, discorreremos sobre a caracterização da revista, trazendo alguns elementos que a compõem, o que permitiu compreender seu modo de organização e estrutura, o formato dos conteúdos, público-alvo, o que estava em evidência naquele momento e o que era considerado mais relevante de repassar às leitoras, dentre outros elementos que são de grande importância para situar o leitor e possibilitar uma compreensão mais ampla da revista.

2.1 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO: BREVE SÍNTESE DAS PRODUÇÕES EXISTENTES E METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta seção destina-se a apresentar, de forma sintetizada, algumas produções referentes especificamente à revista *Jornal das Moças*, a fim de apresentar um estado da arte. Também, visa apresentar a metodologia utilizada para desenvolver a referida pesquisa. Desse modo, a análise se restringe aos trabalhos realizados na pós-graduação - teses e dissertações - que abordam a temática; sendo assim, foram extraídos dos seguintes sites de pesquisa acadêmica: Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD; Google Acadêmico e Scielo. Para tal, usamos, na busca, o descritor “jornal das moças”, contido nos títulos das produções; posteriormente, analisamos os resumos e, assim, selecionamos o que se refere à educação e/ou representação feminina - e outros termos equivalentes – e, após, realizamos a leitura dos resumos. Resultante dessa seleção, obtivemos um total de sete dissertações e duas teses – datadas entre 2008 a 2019 - para realizar a análise e desenvolver a pesquisa.

No intuito de selecionar as informações necessárias, utilizou-se, neste caso em específico, para a análise das fontes - dissertação e tese -, os estudos que utilizam o estado da arte, que, segundo Romanowski (2002), tem sua relevância, pois possui, como objetivo, a sistematização da produção por meio de áreas específicas do conhecimento, possibilitando uma visão ampla do que foi e está sendo produzido em determinadas áreas.

A pesquisa pautada no estado da arte, de acordo com Romanowski (2002), apresenta alguns procedimentos e segue algumas etapas, sendo elas, em primeiro lugar, determinar quais descritores vão direcionar a pesquisa, definir os bancos para busca das pesquisas, estipular critérios para selecionar materiais, levantamento de dados e coleta de materiais; organização para posterior leitura do material e, por fim, analisar e elaborar conclusões prévias.

O primeiro trabalho selecionado é de Nukácia M. A. de Almeida, que, no ano de 2008, apresentou sua tese, cujo tema era “*Jornal das Moças: Leitura, civilidade e educação femininas (1932-1945)*” para o programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará. Em seu trabalho, ela abordou a forma como são assimiladas pelo público feminino as normas sociais que são propagadas pela revista por meio dos diversos suportes textuais. Nesse sentido, apontou que

havia condutas específicas destinadas às mulheres naquele período e que os papéis sociais femininos se reafirmaram por meio dos discursos presentes na revista, os quais eram assimilados e, conseqüentemente, incorporados pelas leitoras.

A segunda tese é intitulada “Em nome da mãe: modernização urbana do Rio de Janeiro e transformações do papel das mulheres por meio do *Jornal das Moças*”, que tem, como autora, Clarice Rodrigues de Carvalho, no ano de 2012; foi apresentada ao Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. A pesquisa não é na área da educação, mas aborda o papel da mulher como protagonista diante do processo de modernização e urbanização retratado neste trabalho. Por meio dos discursos presentes na revista JM¹⁶ - estabelecendo um recorte do período entre 1914 a 1934 - , busca compreender como foi o processo de transformação social e o papel da mulher diante da configuração de um novo imaginário urbano.

Já em 2013, Caetana A. M. Pereira apresentou, em sua dissertação, o tema “Práticas discursivas, práticas políticas: a feminilidade performada no *Jornal das Moças* (1960)”, apresentada para o Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Brasília. Nesse trabalho, a autora discorreu especificamente sobre os exemplares da revista JM que circularam no ano de 1960, no sentido de abordar a questão da feminilidade produzida por seus discursos heteronormativos. Trouxe para a discussão o que ela chama de “modo de subalternização” feminina voltado à maternidade, casamento e docilização dos corpos. Enfatizou o papel da revista como produtora de identidade - dispositivo que produz e promove determinadas construções.

Em outro momento, no ano de 2016, Dálete C. S. H. de Albuquerque apresentou sua dissertação para o Programa de Pós -graduação em Educação na Universidade Federal do Mato Grosso, com o seguinte tema “A revista que não pode deixar em sua casa porque não há perigo de perversão: a representação da mulher nas colunas da revista *Jornal das Moças* (1930-1945)”. Ela contextualizou o período da Era Vargas e enfatizou o ano de 1932 como uma importante conquista, o voto feminino, mas lembra que, mesmo diante de um cenário constante de lutas feministas, predominava, ainda, um determinado modelo feminino, o qual deveria ser seguido e

mantido. Segundo ela, havia um projeto educacional diferenciado para homens e mulheres - sendo eles direcionados para a vida pública e elas, para a vida privada -; ambos tinham seus papéis bem definidos. Segue argumentando que a imprensa, principalmente aquela voltada ao público feminino, servia de aliada nesse contexto, pois reforçava e disseminava os modelos estereotipados destinados às mulheres, colaborando, assim, para a manutenção de determinados padrões.

Em 2017, a dissertação de Bruna Ximenes Corazza, intitulada “Se conselho fosse bom... Produções de feminilidades no *Jornal das Moças* e *Capricho*”, foi apresentada ao Instituto da Linguagem da Universidade de Campinas. A pesquisa objetiva uma análise sobre as representações de feminilidades a partir de textos que visam ao aconselhamento das leitoras. O foco é o contraste da representação feminina, os papéis sociais e as normas de conduta atribuídas a elas por meio da mídia impressa a partir de “conselhos”. Como recorte temporal para a análise, a autora usa a década de 1950 para a revista *Jornal das Moças* e os anos 2000, para a revista *Capricho*, fazendo o contraponto entre elas.

Outro trabalho selecionado é do Programa de Pós-graduação em História, do ano de 2018, intitulado “Para além de bordadeiras: a representação feminina nos periódicos: *Jornal das Moças* e *Modas e Bordados* durante os Estados Novos (1937-1945)”, que tem, como autora, Vitória Almeida Machado. Nesse trabalho, apresenta-se uma comparação no modo como são representadas as mulheres nas referidas revistas. Nesse sentido, o objetivo da pesquisa é fazer uma relação entre uma revista brasileira e outra, portuguesa, bem como os respectivos regimes nos quais os dois países estavam inseridos, pautados, segundo ela, no autoritarismo.

Segundo Machado (2018), havia uma similaridade entre o projeto político e os discursos dos dois países, no que diz respeito às mulheres, os quais visavam estabelecer uma delimitação que as destinava ao espaço privado. Desse modo, ela apresenta uma contextualização, não só dos dois regimes, como traz a história das duas revistas que se propôs a analisar. Sendo assim, reforça que a análise central de sua pesquisa é o papel social das mulheres no referido cenário. Ao realizar essa comparação, o objetivo é compreender como foi a atuação das revistas, bem como das mulheres na sociedade daquele período.

Ainda nessa perspectiva, também no ano de 2018, Jeany S. C. Azevedo concluiu sua dissertação no programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, com o título “A construção discursiva do

trabalho feminino em revistas: uma comparação entre *Jornal das Moças* e *Claudia*¹⁷. Sendo assim, ao analisar o trabalho feminino a partir da construção discursiva presente na revista JM, especificamente nos anos 50, a autora apresentou elementos para analisar a condição feminina naquele período ao fazer um comparativo com outra revista do século XX. Para a autora, a revista JM contribuiu para a construção de uma imagem feminina associada ao lar, filhos e marido.

No ano de 2019, visando ao título de mestre em História Social, Aiene Rizza Melo apresentou sua pesquisa no Programa de Pós-graduação em história, nível mestrado profissional, na linha de pesquisa “História, sociedade e práticas educativas”. Nesse trabalho, denominado “O Estado Novo: História das mulheres na representação no *Jornal das Moças* de 1937 a 1945”, a autora apresentou um relatório científico e a elaboração de um material didático destinado aos docentes da disciplina história do ensino fundamental e médio. Sua proposta era enfatizar o papel da mulher e sua participação na história, para que, assim, sejam reconhecidas como sujeitos históricos, utilizando o JM como fonte de pesquisa. Dessa forma, mostrou como foi a participação das mulheres no referido período, relacionando com o período de circulação da revista JM. Analisou como a imagem do presidente Getúlio Vargas foi representada e enaltecida na revista, retratando ainda alguns aspectos do período higienista¹⁸.

Ainda no ano de 2019, Priscila Dieguez Alves Batista apresentou sua dissertação elaborada no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, denominada “Lugar de mulher é na sala de aula ou na cozinha? A inserção feminina no ensino superior durante os Anos Dourados: um olhar através do *Jornal das Moças*”. A autora abordou como é a representação da mulher com acesso ao ensino superior, por meio do recorte do Anos Dourados (1956 e 1961). O diferencial de sua análise é que incluiu a questão masculina e feminina direcionando a sua pesquisa para uma análise das relações de gênero naquele contexto histórico, visando apresentar como ambos eram retratados.

¹⁷ A revista *Claudia*, assim como o *Jornal das Moças*, destinava-se ao público feminino.

¹⁸ De acordo com Melo (2019), o Brasil sofreu com a falta de saneamento básico até meados do século XX. Nesse cenário, havia muitos problemas em relação à saúde pública, principalmente a disseminação de doenças e a desnutrição. Diante dos ideais de modernização no Brasil, a higiene tornou-se um dos principais problemas a ser resolvido, necessitando de medidas para contornar essa situação. Sendo assim, o discurso médico, pautado pelo crivo da ciência, visava orientar a população sobre as condições de higiene inseridas em suas práticas e costumes, para que, então, a população pudesse melhorar sua qualidade de vida e de saúde.

Ao observar o direcionamento das referidas pesquisas, seus enfoques e suas abordagens, pode-se dizer que há similaridade no recorte escolhido, dentre eles, a ênfase no período de 1930 a 1945, tratando do período que se denomina de Era Vargas, no qual três delas discorrem especificamente sobre esse contexto. Outras três ficam com períodos posteriores, sendo duas com a década de 50; uma com o período de 1956 a 1961, destacando os Anos Dourados; uma com a década de 60 e, ainda, uma delas com o período anterior, de 1914 a 1934. Tais fatores foram essenciais para a definição do recorte de nossa pesquisa, que optou por estudo sobre um período menos abordado, seguindo outras perspectivas.

Os trabalhos analisados permitem observar como a pesquisa pode ser diversa, mesmo ao optar por analisar um mesmo objeto. As metodologias, procedimentos, recortes e direcionamentos demonstram que, diante de uma mesma fonte, podemos elencar diferentes categorias para desenvolver a análise. Desse modo, as análises podem estar amparadas por diferentes referenciais teóricos, o que permite novos olhares e reflexões a partir de um mesmo objeto, destacando, assim, a diversidade que há na produção do conhecimento científico.

Nessa perspectiva, ao definir a fonte e os objetivos da pesquisa, o material selecionado permitiu o levantamento de dados sobre a referida revista a ser analisada. Para tal, é necessário comparar e organizar as informações coletadas, verificar e analisar as fontes utilizadas, para, então, selecionar o que corresponde aos objetivos elencados para o desenvolvimento da pesquisa. Dessa forma, além de contribuir com uma nova visão para a temática, também evidencia aquilo que já foi produzido. Para tal, é pertinente lembrar que:

Escrever História não é escrever ficção ou registrar versões sem nenhum critério. A descrição, a explicação da “realidade” e as generalizações subsequentes devem aliar-se à preocupação de fazer uma leitura crítica das fontes, questionar ideias preconcebidas a respeito do assunto e, se for o caso, chamar a atenção para outros esquemas interpretativos. Diante da variedade de versões, é preciso questionar o sentido dessa diversidade e as condições de sua produção. Por outro lado, nos casos em que o objetivo é estabelecer uma reconstituição minimamente consensual da história, o historiador deve escolher entre uma versão ou outra e apresentar justificativas sólidas para o resultado de seu trabalho (PINSKY, 2009, p.177).

Como fonte de pesquisa secundária, utiliza-se, ainda, como metodologia, a pesquisa bibliográfica, que, de acordo com Severino (2007), é realizada com base nas

produções já existentes, nas suas mais diversas formas de registro; no caso da pesquisa em questão, inicialmente, baseia-se a partir de dissertações e teses e, posteriormente, utiliza demais materiais, tais como: livros, artigos e outros. Esses materiais fornecem subsídios para a construção do trabalho por meio dos dados e das categorias teóricas apresentadas pelos seus respectivos pesquisadores, tornando-se, então, fonte da temática pesquisada por meio de suas contribuições.

Para Lakatos e Marconi (2003), esse tipo de pesquisa não pode ser considerada uma repetição sobre determinado assunto, mas sim é desenvolvida a partir de um novo olhar, uma nova forma de análise sobre a temática utilizando abordagens e enfoques diferentes; dessa forma, resulta em conclusões diferenciadas e inovadoras. Esse contato direto com os registros disponíveis sobre a temática a ser pesquisada propicia um constante estudo analítico desses materiais, o que resulta numa revisão bibliográfica.

2.2 CONTEXTO SOCIAL, POLÍTICO E ECONÔMICO DO BRASIL ENTRE OS ANOS DE 1914 E 1930: BREVES CONSIDERAÇÕES

Ao apresentar uma breve discussão contextualizando o período proposto correspondente ao recorte da pesquisa, o ano de 1914 a 1930, vale destacar alguns acontecimentos históricos. Naquele período, a Primeira Guerra Mundial (1914–1918) provocava muitas mudanças na Europa e em todo mundo, visto que diversas nações entraram em conflito.

Como fatores, podemos destacar o imperialismo decorrente das disputas pelas colônias asiáticas e africanas; o nacionalismo, resultante de um revanchismo francês - derrota da Guerra franco-prussiana de 1870 a 1871 - e do Pan-eslavismo, disputa pelo controle da Bósnia, entre a Sérvia e Áustria-Hungria. Ainda, é preciso considerar o desejo dos sérvios em formar a chamada “Grande Sérvia”, apoiados pela Rússia por meio de alianças militares.

O estopim para a Guerra, de acordo com Mendonça (2008), foi o assassinato do arquiduque austríaco chamado Francisco Ferdinando, na cidade de Sarajevo, na Bósnia, em vinte e oito de junho de 1914, por meio de um atentado efetivado por um estudante, membro de uma organização extremista da Sérvia. A motivação do atentado foi política, já que sua visita à Bósnia foi interpretada como forma de provocação pelos grupos nacionalistas e extremistas tanto da Sérvia como da Bósnia,

fato que gerou uma grave crise política - conhecida como “Crise de Julho”. Não havendo saída para esse fato instaurado, ocorreram, em cadeia, diversas declarações de guerra: Áustria contra Sérvia; Rússia em defesa da Sérvia; austríacos e alemães movimentaram seus exércitos; Alemanha contra Rússia; Reino Unido contra Alemanha.

Dois grupos organizaram-se para a guerra: um, chamado de Tríplice Aliança, composto principalmente pela Alemanha, Império Otomano, Áustria-Hungria e Itália; e a outra aliança com Grã-Bretanha (Inglaterra), Rússia e França; posteriormente, outras nações foram se envolvendo no conflito. As consequências da Guerra foram inúmeras, com milhões de mortos; derrocada de impérios russo, alemão, otomano e austro-húngaro; reconfiguração do mapa mundial - continente europeu, em específico (delimitação de fronteiras, extinção e criação de países). O Tratado de Versalhes, assinado depois da guerra, condenou a Alemanha a duras penas e abriu caminho para o nazismo. Estabelecem-se, assim, novas relações de poder e novas configurações sociais.

Nessa perspectiva, de acordo com Saffioti (2013), diante do contexto da Primeira Guerra, a visão de mulher e seu papel sofrem algumas transformações, tendo em vista que precisaram ocupar espaços que anteriormente estavam restritos a elas. Com os maridos participando dos conflitos, elas precisaram assumir algumas posições ocupadas por eles, sobretudo no mercado de trabalho. Dessa forma, ao fim da guerra, muitas mulheres estavam inseridas no mercado de trabalho, fator esse que não promoveu grandes mudanças para a condição feminina.

Em relação à participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial, pode-se dizer que foi pouco expressiva, de início, adotando a neutralidade. Posteriormente, o presidente do país, Venceslau Brás, declarou apoio à aliança formada pela Grã-Bretanha, Rússia e França, ofertando seus navios militares, envio de alguns aviadores e apoio médico. Em uma das participações no conflito, enviaram grupos para lutar juntamente com soldados franceses e britânicos. Mas o apoio mais significativo foi a remessa de matéria-prima e alguns suprimentos agrícolas para as nações que se encontravam em conflito.

Nesse sentido, o país sentiu os reflexos na economia, uma vez que o modelo predominante era o agroexportador, voltado mais especificamente para a produção e exportação do café. Para Da Silva e Da Silva (2014, p. 40): “as primeiras décadas do século XX foram marcadas por profundas transformações materiais. O trabalho servil

foi substituído pelo trabalho livre através da cultura do café”. Desse modo, a economia via-se próspera diante da expansão industrial que favorecia o desenvolvimento do país.

Com ampliação das atividades industriais, surgiu a necessidade de intensificar a produção interna, o que deu origem a novos ramos para a indústria e, conseqüentemente, um aumento na demanda por operários. Dessa maneira, aponta Mendonça (2008):

O bloqueio comercial privou-nos de diversos produtos importados forçando o país a se industrializar. Novas indústrias atraíram mão-de-obra estimulando a migração para as cidades, enquanto os serviços foram ampliados para atender a demanda da crescente população. O capital internacional voltou-se para o Brasil, engendrando novas concepções e valores em nossa cultura econômica (MENDONÇA, 2008, p.11).

Diante do contexto de transição em que o país se encontrava - passagem do modelo exportador para a industrialização - segundo Cano (2012), uma nova configuração no padrão de acumulação instaurou-se por meio das transformações socioeconômicas, resultando em mudanças significativas nas estruturas produtivas - expansão econômica, industrial e urbana.

Essa expansão gerou maior complexidade social e econômica, ampliando os conflitos de interesses e obrigou o Estado a se fortalecer institucionalmente. O conservadorismo das elites propiciou-lhe o aumento considerável também do aparelho repressor (CANO, 2012, p.901).¹⁹

O período destaca-se pelo aumento dos lucros e do emprego, originados pelo ciclo expansivo, segundo o autor, fator que promoveu o aumento dos conflitos em diversos âmbitos. Decorrente do processo de expansão, o aumento populacional foi expressivo e trouxe consigo a necessidade de ampliar determinados serviços (educação, saúde, saneamento, outros) e de se ter um planejamento.

O crescimento da indústria deu origem a uma nova organização do trabalho e fez surgir o “trabalhador fabril”. Nos grandes centros urbanos do país, estava concentrada a maior parte da oferta e geração de empregos. Logo, diante do contexto social vivido pela classe operária e das condições de trabalho, começaram a surgir

¹⁹ O conservadorismo das elites tem relação com a educação das mulheres, público-alvo do JM.

reivindicações e movimentos sindicais indicando uma tomada de consciência em relação à sua classe e um amadurecimento social.

As condições precárias de trabalho efetivavam-se pelas instalações fabris em locais improvisados, muitas vezes, com baixa luminosidade, quente, úmido e sujo submetendo os operários a condições desumanas, além das longas jornadas de trabalho, do emprego de mulheres e crianças, bem como da ausência de leis trabalhistas.

Nesse sentido, a mulher, pertencente à classe trabalhadora, pobre, passava a assumir a dupla jornada de trabalho. Em casa, desdobrava-se para dar conta dos afazeres domésticos e cuidados com os filhos, desempenhando seu papel de mãe, dona de casa e esposa. Fora do lar, para contribuir com o orçamento doméstico, trabalhava em fábricas ou desenvolvendo outras atividades. Segundo Toitio (2008):

A inserção da mulher na esfera produtiva está ligada, entre outros fatores, com a necessidade do capital de diminuir o preço da força de trabalho, ao se apropriar das “diferenças”, criadas histórica e socialmente, entre os sexos e instrumentalizá-las a seu favor (TOITIO, 2008, p.4).

A afirmação da dupla jornada feminina pode ser substituída por um conceito mais atual, o de múltiplas jornadas, tendo em vista que a maioria das mulheres se desdobram para desempenhar inúmeros afazeres - trabalho, estudos, afazeres domésticos, filhos etc. Ao longo do tempo, essas múltiplas jornadas resultaram na normalização da sobrecarga feminina que, de certa forma, auxilia a manutenção da estrutura da sociedade capitalista e patriarcal.

Apesar do conceito inicial de divisão sexual do trabalho associar o homem à esfera produtiva e a mulher à esfera reprodutiva, sabemos que a mulher transita pelas duas esferas, pois, ao longo do tempo, passou a ocupar cada vez mais um lugar no mercado de trabalho. Mesmo assim, o trabalho produtivo executado pelas mulheres não teve e ainda não tem o devido reconhecimento, sendo, na maioria das vezes, considerado um prolongamento do trabalho reprodutivo.

Já as mulheres da classe burguesa²⁰, de acordo com Silva e Silva (2014, p. 41), restritas ao espaço doméstico, desempenhavam “a função de esposa, senhora

²⁰ Vale evidenciar que não se pode generalizar a situação da mulher burguesa, tendo em vista alguns nomes que fugiam dessa regra, não seguindo os padrões impostos para as mulheres de sua época,

da sociedade, educadora dos filhos e multiplicadora da moral cristã e dos costumes tradicionais”; no tempo livre, aproveitavam para cuidar da beleza e realizar leituras, sendo essas tanto de livros como de revistas especificamente destinadas ao público feminino. Nesse sentido:

O capitalismo passa a moldar a imagem e o comportamento da mulher burguesa a qual seria ou deveria ser espelho para todas as mulheres [...]. Senhoras e senhoritas eram forjadas como instrumentos de construção do ideário da nova ordem estabelecida com a revolução burguesa, principalmente por meio da educação dos filhos, da conduta de suas famílias nos espaços públicos e privados, impondo comportamentos e falas no universo público (SILVA e SILVA, 2014, p. 42).

Na década de 1920, a partir das ideias feministas, movimentos de mulheres começaram a se organizar para lutar não só pelo direito ao voto²¹, mas também pelo acesso aos estudos, por condições igualitárias no trabalho e na sociedade como um todo, entre outros. Desse modo, por meio da tomada de consciência, demonstravam que não aceitariam de forma pacífica as imposições sociais que visam privá-las da participação na esfera pública²², condicionando-as à vida privada, mais especificamente ao âmbito doméstico. Destaca-se ainda que, nesse período, o âmbito político foi conturbado, permeado por conflitos e instabilidades, autoritarismo e crise econômica (crise mundial em 1929).

Inspiradas pela luta das mulheres da Europa e Estados Unidos, os movimentos feministas do Brasil, no decorrer do século XX, atuaram de forma expressiva, buscando direitos políticos e equidade social. Nessa perspectiva, de acordo com Toscano e Goldenberg (1992, p. 19), é preciso considerar que o feminismo se configurou enquanto movimento “na medida em que as diferenças de tratamento entre o homem e a mulher, no mercado de trabalho e no conjunto da sociedade, foram se

tais como Bertha Lutz, Cecília Meireles, Pagu e tantas outras. Outro aspecto a ser ressaltado é que, nesse trecho, ao se referir à mulher burguesa, estamos falando do século XX.

²¹ O movimento sufragista que visava ao direito ao voto e participação feminina na esfera pública ocorreu em vários países. Anterior ao Brasil, muitos deles haviam concedido esse direito às mulheres, por exemplo, na Alemanha, em 1918, nos Estados Unidos, em 1920. Várias pautas foram sendo associadas ao movimento, como a luta pela igualdade de gênero e direitos trabalhistas e, ao longo do tempo, começaram a ganhar mais adesão, espalhando-se para diversas partes do mundo, incluindo o Brasil.

²² Aqui, podemos visualizar as contradições entre conservar e transformar sob a perspectiva das mulheres e do movimento social.

tornando mais e mais evidentes”. Sendo assim, o movimento foi se fortalecendo e agregando cada vez mais pautas para suas reivindicações e lutas.

Em consonância, foi possível observar uma organização da classe trabalhadora e surgimento de movimentos trabalhistas para reivindicar seus direitos tendo como pautas principais os salários, a jornada de trabalho, férias, direitos civis e legislação como um todo. As reivindicações ocorriam de diversas formas, como por meio de manifestações, greves, encontros, pautados muitas vezes pela organização sindical.

O movimento operário foi majoritariamente organizado pelo movimento anarquista e, a partir da década de 1920, pelos comunistas. A articulação desses movimentos no Brasil aconteceu pelo contato com as teorias europeias - socialismo²³ e anarquismo²⁴ - que despertou, aos poucos, a consciência política dos trabalhadores, fazendo com que eles comesçassem a se organizar.

Diante dos conflitos originados a partir da transformação e diversificação social, destaca-se o conservadorismo como um modelo em ascensão alinhado com a ideologia dominante do período. Os diversos segmentos sociais compostos por burgueses, proletariados, oligarquias, classe média, militares e o próprio Estado contavam com o aparelho repressivo que integrava o campo jurídico, empresarial e policial/militar.

Vale destacar uma forma de atuação política que predominou nesse período, denominada coronelismo, que foi um movimento que perdurou no Brasil desde a Proclamação da República, em 1889, até meados da década de 1930. Consolidando-se, segundo Luz e Santin (2010), por meio de ações políticas advindas do setor latifundiário no Brasil, seus membros eram denominados coronéis. Eles exerciam um poder de controle ao desenvolver suas atividades em determinadas localidades, utilizando seu poderio econômico, sua influência e prestígio social, suas habilidades políticas e intelectuais e, caso fosse necessário, o uso da força e de outros expedientes nada democráticos, como as fraudes eleitorais, manutenção dos chamados currais eleitorais e a política de clientelismo.

²³ O socialismo pode ser considerado como uma doutrina política e econômica que é pautado no princípio da igualdade. O contexto de surgimento dessa corrente é a Primeira Revolução Industrial, que fez emergir uma nova visão sobre o sistema capitalista vigente. Teóricos, como Karl Marx e Friedrich Engels, são importantes pensadores dessa corrente, sendo sua teoria denominada como marxismo.

²⁴ O anarquismo caracteriza-se como uma teoria, corrente de pensamento ou ainda uma ideologia política, assim como o socialismo. Nessa corrente, a crítica é sobre as diversas formas de exploração do sistema capitalista, sendo assim, visam a uma transformação social e essa deve partir daqueles que sofrem algum tipo de dominação.

Nesse contexto, os coronéis “influenciavam diretamente na atuação dos poderes públicos instituídos, já que tinham o domínio econômico e social de suas regiões, a fim de possibilitar a manipulação eleitoral” (LUZ e SANTINI, 2010, p.6012). Assim, podiam agir em favor de sua própria causa ou do grupo social do qual faziam parte garantindo, então, a detenção e permanência no poder local.

Ainda no campo político, a Revolução de 1930 foi um movimento que visava derrubar o governo do então presidente Washington Luís e conseqüentemente impedir que Julio Prestes assumisse a sucessão presidencial. Eles puseram fim ao governo dos coronéis de São Paulo e Minas Gerais que monopolizavam o poder central. O período foi marcado pela instabilidade e tensão na esfera política. Rumores de uma conspiração política rondavam o país, com apoio de militares; Getúlio Vargas havia sido derrotado nas eleições; assim, instituiu um governo provisório por meio de um golpe, iniciando, então, a chamada Era Vargas²⁵.

O período denominado como Primeira República foi marcado por instabilidade, ascensão, transformação, crise e outros acontecimentos que refletiam no âmbito econômico, político e social. De acordo com Oliveira (2012), nesse período, inúmeros eventos marcaram a história contribuindo para direcionar o país, provendo uma nova configuração social, política e econômica. Ele evidencia que a influência militar esteve presente permeando o âmbito político, trazendo para a discussão social os conceitos de nacionalidade e cidadania.

Em relação à condição feminina, vale ressaltar que, para Silva e Silva (2014), o início do século XX é marcado pelo culto à beleza, à elegância, à boa imagem, condições que estavam atreladas com o progresso e as mudanças nos costumes urbanos, resultantes do processo de industrialização devido à importação do movimento europeu, chamado Belle Époque²⁶.

²⁵ O Governo de Getúlio Vargas iniciou em 1930 e foi até 1945. O presidente chegou a ser capa da revista JM na edição de número 803. Seu governo era constantemente retratado nas páginas da revista, mas não vamos nos deter a essas informações, tendo em vista que o período da Era Vargas ultrapassa o nosso recorte.

²⁶ De acordo com Almeida (2008), a revista JM nasceu num contexto permeado pelas influências da Belle Époque europeia. Com início em 1871, o período que compreende a Belle Époque Francesa perdurou até o início da Primeira Guerra Mundial (1914). Visando recuperar a economia de Paris, que havia passado pelo período do pós Guerra Franco-prussiana, o governo propôs inúmeras transformações que remodelaram a cidade e, assim, serviram de inspiração e modelo para a Europa e para o mundo. Os reflexos desse modelo chegam ao Brasil no fim da década de 1880, seguindo até meados de 1920, configurando a Belle Époque brasileira. “Uma das principais características dessa fase foi o crescente processo de modernização por que passaram os maiores centros urbanos brasileiros, com destaque especial para o Rio de Janeiro e São Paulo” (ALMEIDA, 2008, p.120).

Nesse período, houve uma valorização da medicina, das questões de higiene e dos cuidados com a saúde. A partir desse contexto, os meios de comunicação começam a evidenciar a figura feminina. Segundo Silva e Silva (2014, p. 41), “as mulheres neste instante eram colocadas pelas revistas e jornais da época, como agentes importantes nas campanhas sanitárias inseridas nas estratégias de propaganda como signos indispensáveis”.

O estabelecimento de uma nova ordem social trouxe consigo uma mudança nos comportamentos, sobretudo em relação à figura feminina, tendo em vista o modelo econômico e político vigente. Dessa forma, a sociedade burguesa passou a seguir determinados ideais, visando manter seu domínio e ver, na figura feminina, uma forma de propagar normas e regras, os quais serão incorporados por meio de modelo idealizado de família. (SILVA e SILVA, 2014).

É válido destacar que, no ano de 1930, no Senado Brasileiro, teve início a tramitação do projeto que visava garantir o direito ao voto para as mulheres, mas, diante do contexto social conturbado e ideias divergentes no meio político, não foi possível dar continuidade, sendo executado posteriormente. Assim, a conquista pelo direito ao voto feminino ocorreu no ano de 1932 - diante da reforma eleitoral proposta por Getúlio Vargas -, por meio do decreto nº 21.076, sendo assegurado pelo Código Eleitoral. Posteriormente, passou também a ser garantido pela Constituição Brasileira, no ano de 1934.

A conquista do direito ao voto perpassou pelos ideais feministas, pois, desde o surgimento do movimento no país, no início do século XX, essa reivindicação já estava incluída como uma de suas pautas principais. O movimento pelo sufrágio²⁷ no Brasil foi reflexo das conquistas do movimento feminista²⁸ em outros países, tais como Estados Unidos e Europa, segundo Goldenberg e Toscano (1992).

Nesse período, destaca-se a participação de Bertha Lutz, que teve um papel muito importante na luta pelos direitos políticos das mulheres no Brasil e contribuiu, por meio de diversas ações, para a conquista do direito ao voto feminino, sendo ela uma das responsáveis pelo movimento sufragista no país.

O início do século XX, mais especificamente até a década de 30, demonstrou que, a partir da consolidação do sistema capitalista, a divisão dos papéis de gêneros ficou mais evidente, assim como suas esferas de atuação. Diante disso, outra divisão

²⁸ Sobre o movimento feminista, no capítulo 3, será abordado com maior ênfase.

ocorreu, mas essa especificamente dentro do universo feminino, no qual a mulher da classe trabalhadora adotou novos papéis – conciliando a dupla jornada - e a da classe burguesa reproduziu um modelo feminino idealizado. Há ainda aquelas que tentaram subverter essa ordem social previamente estabelecida, associando-se aos ideais feministas, de maneira que travaram inúmeras lutas dentro dos contextos nos quais estavam inseridas.

2.3 UMA REVISTA COM NOME DE JORNAL: CONTEXTUALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO PERIÓDICO

A revista denominada *Jornal das Moças - JM* - foi um dos periódicos de maior duração do século XX, que circulou durante em torno de cinquenta e um anos. De acordo com os exemplares que se encontram de forma digitalizada no site da Biblioteca Nacional Brasileira, ela surgiu no ano de 1914 e circulou até 1965 - sua primeira publicação foi no dia 21 de maio de 1914; já seu último exemplar foi o de número 2422, em 15 de dezembro de 1965. Contendo em média 60 a 80 páginas, podia variar de acordo com os anos, assim como sua periodicidade que, por vezes, era semanal, outras, quinzenal.

Seu idealizador e fundador foi o Comandante Francisco Antônio Pereira²⁹, que ficou como diretor e proprietário da revista até o início do ano de 1916. Conforme informações coletadas na própria revista, houve substituição na direção, fato que foi justificado como sendo por questões particulares. É válido enfatizar que, quando se fala em troca de direção, conseqüentemente, remete-se à troca de proprietário, visto que os diretores, na maioria das vezes, eram os próprios donos da revista.

Posteriormente, assumiu, então, a direção da revista em 16 de abril de 1916, Jonathas de Carvalho³⁰, ficando até o mês de fevereiro de 1919. Em seguida, de

²⁹ Sobre Francisco Antônio Pereira, poucas informações constam na revista. Diante de poucos relatos, encontra-se a justificativa da venda por questões financeiras, conforme relato: “o fundador desta bella revista, embora com prejuízo, em começo, e arcando com obstáculos de toda a espécie, a começar pela falta de papel de impressão, cujo custo acaba de atingir um preço fabuloso, nem assim se lhe entibiu o ânimo, tão seguro estava do bom êxito de sua feliz e apreciável tentativa (*JORNAL DAS MOÇAS*, 1916, p.12). (A escrita e acentuação segue conforme consta na revista).

³⁰ Sobre Jonathas de Carvalho, encontram-se poucas informações que se referem a ele como diretor, redator chefe e proprietário da revista sempre em tom de elogio, evidenciando sua pessoa. Em determinada publicação, encontra-se a informação de que a revista passou a ser distribuída semanalmente, visto que, antes da troca de direção, era quinzenal. Na publicação de 20 de fevereiro de 1919, foi anunciado que Jonathas deixava a direção da revista, “o bom amigo e chefe ausenta-se do *Jornal das Moças*, por motivos de muitos afazeres que lhe impossibilitaram de continuar dirigindo”.

acordo com o que consta na revista, Octavio Gama³¹ foi o próximo diretor e, logo depois, Egygdio Salles Abreu³². Já em 1919, outro proprietário assumiu o comando da revista, Agostinho Menezes³³.

Figura 1 Capa da revista



Primeira edição da revista, do dia 21 de maio de 1914
Fonte: Jornal das Moças

Sobre sua periodicidade, de acordo com Albuquerque (2016), a revista circulava inicialmente nas capitais brasileiras, às quintas-feiras, chegando, ainda, a algumas cidades do interior. Primeiro, sua distribuição era de forma quinzenal; após o ano de 1916, mudou seu formato de distribuição para semanal (CARVALHO, 2012).

A revista JM nasceu na cidade do Rio de Janeiro - onde era publicada - num contexto permeado por diversas transformações em todos os âmbitos sociais. A

³¹ A única menção a Octavio Gama encontra-se na publicação de 20 de maio de 1920, na página 35 da revista.

³² Não encontramos informações sobre Egygdio Salles Abreu.

³³ Agostinho Menezes seguiu com a posse da revista até o encerramento das atividades do periódico, juntamente com seu filho Álvaro Menezes. Ambos ora constam como diretor, ora como gerente e proprietários, em determinados momentos em trechos da revista. Ver nos anexos (imagem 5) um recorte de uma publicação que faz menção a ele.

cidade encontrava-se em processo de reurbanização e modernização, em especial, a partir da administração de Pereira Passos³⁴.

Diante desse contexto, vale ressaltar que a inspiração para a modernização veio do modelo europeu, fator que refletiu na imprensa escrita. O modelo seguido por ela eram os chamados magazines ilustrados, ou ainda as revistas de variedades.

Em suas colunas e/ou seções, é possível encontrar assuntos diversos, tais como culinária, beleza, moda, higiene, decoração, propagandas, dicas e conselhos referentes ao cuidado dos filhos, do lar, felicidade conjugal, conquistas, casamento, comportamento, dentre muitos outros assuntos³⁵. Algumas seções e colunas são fixas e recorrentes em determinados períodos; outras aparecem de modo aleatório, esporádico.

Melo (2019, p. 18) destaca que o público principal da revista eram “as mulheres pertencentes a classe média e alta”, mas resalta um fator importante a ser considerado, que é o índice de analfabetismo entre a população mais pobre que, naquele período, era elevado. Dessa forma, as mulheres que tinham acesso à escola eram as pertencentes às classes mais abastadas e, conseqüentemente, o público-alvo das revistas femininas³⁶.

Outro fator relevante é que as mulheres mais pobres trabalhavam fora de casa, ao contrário daquelas pertencentes à classe média, que poderiam dedicar-se completamente à sua vida ao lar. Sendo assim, a maioria dos conteúdos não condiz com a realidade da mulher da classe trabalhadora e pobre. Para Almeida (2008), cabe salientar ainda que a revista não representava as mulheres negras, indígenas ou acima do peso, expressando, assim, a restrição do seu público.

Apesar disso, o JM apresenta uma característica importante na sua composição; como suas páginas são muito ilustradas - em todo o período de sua existência -, proporciona, de certa forma, o acesso para as mulheres iletradas, tendo como foco, nesse caso, o consumismo - outro ponto forte da revista, as propagandas.

³⁴ Francisco Pereira Passos assumiu como prefeito do Rio de Janeiro no dia 30 de dezembro de 1902, por meio de uma nomeação feita pelo então presidente Rodrigues Alvez. Sua gestão foi marcada pela proposta de modernização e urbanização da cidade.

³⁵ Ver, em anexos, alguns trechos recortados da revista. Neles, é possível observar como a revista era organizada, apresentando alguns de seus conteúdos por meio de textos e imagens.

³⁶ Embora não se possa descartar que essas revistas também tenham passado pelas mãos das mulheres das classes populares, na medida em que essas prestavam serviços como empregadas domésticas e/ou babás nas casas da classe média e da alta burguesia.

Não se pode deixar de considerar as diferenças no modo de consumo e necessidades dentro de cada classe social.

Para Carvalho (2012), a publicidade por meio das ilustrações tem papel importante na revista e na vida das leitoras, contribuindo com a nova configuração social pautada cada vez mais no consumismo e na divisão de classes. Sendo assim, segundo a autora:

[...] percebemos claramente um novo modo de construção de subjetividade feminina apoiado no consumo, o papel de consumidoras de produtos em voga, estimulando a aquisição de produtos para o lar, para higiene e saúde da família estimulando o mercado e a publicidade no desenvolvimento da sociedade consumista. A evolução das propagandas no Jornal Das Moças pode apontar para a mudança também nos significados atrelados à ostentação de produtos com as identidades que se forjavam e de seus papéis e hierarquias sociais na sociedade brasileira (CARVALHO, 2012, p.100 -111).

Nessa perspectiva, a autora em questão evidencia que o ideal feminino reforçado pela revista vai além do papel de mãe e esposa, visando torná-las também consumidoras³⁷. Ao apontar o público específico do JM, podemos considerar um aspecto importante no direcionamento da revista diante desse contexto que, segundo Pereira (2012), é o seu caráter pedagógico, ficando explícito o intuito de educar as leitoras.

Dessa forma, para a referida autora, “tais pedagogias atuam na produção de modos de ser e pensar e sentir, e apresentam mundos, performam mundos que se apresentam como universos possíveis ou ideais” (PEREIRA, 2012, p.50). Ainda nessa perspectiva, vale ressaltar que:

O JM enquadra-se perfeitamente no estereótipo da revista feminina e, assim, se ocupa de assuntos mundanos, domésticos e frívolos, divulgando e sugerindo condutas femininas pautadas na imagem da mulher moderna de classes mais abastadas: a mulher que se preocupa com o lar, com a vida em sociedade, mas que não estende suas preocupações além dos cuidados com a casa, os filhos e o marido e com algumas festas religiosas ou pagãs [...]. Essas eram, então, as civilidades insinuadas o/ou prescritas pela Revista (ALMEIDA, 2008, p.126).

³⁷ Por conta disso, vale lembrar que esse aspecto não pode ser associado às mulheres da classe trabalhadora.

Outro aspecto relevante é evidenciado por Pereira (2013), em que a revista traz o que denomina de “modelo de feminilidade”³⁸, representada na forma de “imagens e textos que se referem exclusivamente aos modos de ser (e parecer) “mulher” (p.43), propondo-se como algo natural. O que chama atenção da autora é o “vasto campo de produção dos modos de feminilidade performados” e que se encontram explícitos principalmente em “textos que indicam “conselhos” e enunciados pautando modos de existência” (p.43). Sendo assim, em suas páginas, o JM reforça de modo recorrente:

A ideia de ser a única revista que auxiliava as mulheres, que trazia conteúdos que realmente interessavam às leitoras, que conseguia ir para além da moda, do consumismo, e que se preocupava com questões morais e com prazer das leitoras (MACHADO, 2018, p.25).

De acordo com Corraza (2017), o JM apresenta um posicionamento no sentido de evidenciar comportamentos referente às mulheres, desse modo, uma das ferramentas adotadas é o uso do termo “conselho”, sempre enfatizando a questão da moral, da honra, os deveres, o papel de mãe e esposa, entre outros. Para a autora, “o conselheiro (a revista), figura de autoridade e de credibilidade, não abre espaço para o interlocutor (a leitora) e constrói, por meio de um discurso ideológico e autoritário, modelos de condutas sociais” (p.50) e, conseqüentemente, acaba determinando para seu público específico - o feminino - seu comportamento.

A mulher, o sexo bello e fraco, nascida para toda a espécie de ternuras e graças delicadas da vida domestica, para todos os maiores e mais ocultos sacrificios, é que sente, comprehende e patenteia a abnegação e a dedicação.

Sabe elevar essas duas virtudes á sua máxima potencia.

E maior parte das vezes é nas classes inferiores da sociedade que se abrigam esses preciosos thesouros de virtudes femininas.

A habitação da filha do povo é moralmente bela. Bem que a descreve um dos primeiros poetas francezes da nova geração, na pureza do seu christianismo, no ardor da sua crença, na tranquillidade do seu existir, na summa belleza da sua vida. PYLLARE LUESHENRI³⁹. Rio – 19 -1- 916. (JORNAL DAS MOÇAS, 1916) (edição 47).⁴⁰

³⁸ Referente ao modelo de feminilidade, apontado por Pereira (2012), pode-se considerar que se configuram em normas de conduta destinadas às mulheres, em definições atribuídas especificamente a elas; desse modo, há um modelo com características predeterminadas para ser adotado, uma forma de “ser mulher”.

³⁹ O nome Pyllare Luesheni, citado no texto em questão, não foi localizado em nenhum outro momento, diante de nossa pesquisa, no decorrer da revista. Da mesma forma, isso aconteceu ao pesquisar no Google, pois nada foi encontrado. Mantemos a escrita original conforme consta na revista, adequada ao período vigente, bem como as informações que lá constam.

⁴⁰ Optamos por manter a escrita original das citações conforme consta na revista, inclusive com a mesma grafia.

Vale ressaltar que essa é umas das formas adotadas para comunicação com suas leitoras, assim como a relação citada anteriormente com as propagandas e o consumismo, já que a revista traz uma diversidade de conteúdo e utiliza diferentes gêneros textuais para dialogar com seu público-alvo. Mas fica evidente que os conselhos têm presença marcante nas revistas femininas, assim como no JM, de acordo com as análises realizadas pelas pesquisadoras aqui referidas. Conforme Pereira (2013, p. 43), podemos perceber mais explicitamente textos que indicam “conselhos” e enunciados pautando modos de existência, característica recorrente em grande parte das revistas direcionadas às mulheres”.

De acordo com Bassanezi (2005), ao abordar a questão do ideal de felicidade conjugal a partir de duas revistas femininas, uma delas o JM, evidencia-se que elas “penetram no espaço doméstico e procuram atuar como guias de ação, conselheiras persuasivas, companheiras de lazer ou alienação” (p.112) das mulheres, seu público-alvo. Assim, segue levantando alguns aspectos, no qual afirma que:

Jornal das Moças faz questão de manter-se dentro dos “limites da moral e dos bons costumes”, estar sempre de acordo com o “bom senso”, claramente a favor da “família estável”, considera que a prioridade da vida feminina deve ser o lar. A revista não faz distinções de classe, como se os modelos veiculados pairassem acima das diferenças sociais. Procura veicular valores morais conservadores e manter as relações de gênero nos moldes tradicionais; seu discurso é quase que homogêneo, não comportando grandes transformações no decorrer do tempo (BASSANEZI, 2005, p.113).

Dessa forma, é possível observar que o JM expressa o modelo dominante da sociedade daquele período pautado no patriarcalismo e conservadorismo, fatores que reforçam os estereótipos entre os gêneros, ditados pela família “tradicional”, em que homens e mulheres têm papéis muito específicos. A questão da moral e bons costumes destina-se exclusivamente às mulheres; a ela, é atribuída a responsabilidade pela educação dos filhos, precisando ser uma boa dona de casa, que deve manter a harmonia no lar e prezar pelo bem-estar de todos. Visto como provedor, o homem atua no espaço público e não divide funções com a mulher, tais como lavar, passar, cozinhar e cuidar dos filhos. Dessa forma, a revista JM expõe as práticas e normas sociais de acordo com o período e contexto que a sociedade está vivenciando, apresentando como os papéis sociais são atribuídos aos gêneros em momentos específicos da história.

3 CONCEPÇÃO DE MULHER E O IDEAL DE EDUCAÇÃO FEMININA A PARTIR DO JORNAL DAS MOÇAS

A concepção do que é ser uma mulher se constitui histórica e socialmente, desse modo, ao longo do tempo, as formas de representação feminina sofreram interferência do contexto em que estavam inseridas. Ao trazermos a categoria gênero para discutir as relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres, estamos indicando que as concepções atribuídas a eles e elas possuem uma historicidade (PINSKY, 2009).

A perspectiva de gênero remete às construções sociais estabelecidas culturalmente para questionar as diferenças sexuais existentes entre os homens e mulheres. Desse modo, a partir dos processos históricos, é possível compreender como as representações e concepções de gênero se estabeleceram, se perpetuaram e se naturalizaram com o passar do tempo.

Diante dessa perspectiva, vale ressaltar que a história das mulheres foi permeada por situações de desigualdade, opressão e violência. Algumas concepções contribuíram para manter a mulher numa posição secundária em relação ao homem, sendo eles pautados pelas questões biológicas ou mesmo pelo discurso religioso. A distinção e a hierarquização do espaço que cada gênero ocupava no meio social foi estabelecida a partir dessas concepções e discursos, sendo o âmbito privado - o lar - destinado às mulheres; já o âmbito público, para o homem.

Partindo desse pressuposto, constitui-se um ideal feminino que foi reforçado de diferentes formas no meio social, mas sempre evidenciando a questão da submissão, recato, docilidade, fragilidade, dentre outros, como atributos especificamente femininos. Sendo assim, os papéis de gênero foram sendo determinados, evidenciando o lugar que cada um ou uma deve ocupar e o comportamento que devem seguir, o que resultou em normas de conduta impostas para cada gênero.

Nesse sentido, surge a revista *Jornal das Moças*, que se destinava mais especificamente ao público feminino. Nela, encontramos diferentes formas de representação feminina expressas por meio de diferentes gêneros textuais. Sendo assim, diante da sua variedade de temas abordados, pode-se observar que a revista visa apresentar um modelo idealizado de mulher.

3.1 A REPRESENTAÇÃO FEMININA NAS PÁGINAS DA REVISTA

A revista JM apresentou diversas visões e conceitos de mulher que eram reflexos do contexto social durante o período no qual estava inserida, lembrando que ela circulou por 51 anos (1914 a 1965). Desse modo, mesmo passando por diferentes momentos históricos, inseridas nos mais diversos contextos culturais, políticos e econômicos, alguns elementos estão presentes desde o seu início até o seu fim, sobretudo em relação à figura feminina.

O que se pode observar, de modo geral, é que a revista mantém um padrão em suas publicações, voltadas a expressar um modelo idealizado de mulher, reforçando recorrentemente alguns comportamentos estereotipados, tais como submissão, recato, docilidade, fragilidade etc.; atributos que são perpetuados pelo patriarcado.

De acordo com Pereira (2013), os conteúdos da revista associam alguns atributos destinados especificamente às mulheres a partir das questões biológicas, que se configuram como sendo da “natureza feminina”. A base de seus discursos evidencia que o papel da mulher está diretamente voltado ao lar, no cuidado com os filhos e afazeres domésticos, reforçando que deve prezar pelo bem-estar de sua família.

Diante disso, podemos encontrar, em várias seções, discursos que expressam essa visão da mulher apresentados em forma de dicas e conselhos. Na seção da revista JM, denominada “O que mulher dever ser⁴¹”, do ano de 1914, encontramos as seguintes afirmações:

4- **É de bem que procure agradar ao homem, pois para isso nasceu**, mas sem que tente deslumbra-lo, affectando dotes e qualidades que não possui. Com cadeiras postiças e seios de algodão, raramente ateará incêndio ao combustível do amor, ou, quando isso acontece, bem depressa se extinguirá.

5- Vestir com simplicidade, embora com bom gosto. Não exclue a modéstia a elegância, nem aquela exclue a arte. Si é bela de rosto e possui outros atractivos phisicos, facilmente seduzirá a quem a encare com qualquer espécie de tecido. A verdadeira formosura vence por si só. A falsa é a que tem necessidade de artificios para conquistar amores.

⁴¹ A seção denominada “O que a mulher deve ser” aparece já na primeira edição da revista, no dia 21 de maio de 1914. Nela, aparecem enumeradas algumas sugestões, conselhos e dicas sobre educação dos filhos, cuidados com o lar, matrimônio, comportamento adequado, dentre outras que apontam um modelo idealizado de mulher.

6– **Si está enamorada e é correspondida, procure, si o seu coração consente, não ceder ao namorado mais do que a boa educação permite.** Embriague-o com palavras, com suspiros, com promessas, com lágrimas, mas não consinta nunca que o amor sinta o sabor dos beijos. Pôde alguma vez, quando já sente quase garantida pelo compromisso amoroso, fingir um instante de distração para que o namorado a beije, reclamando, porém em seguida, em termos brandos, contra a ousadia. Isso aguçara o desejo do casamento para mais breve.

7- Quando for esposa, é que deve, mais do que nunca, galantear o marido, para que este nunca se enfare do amor conjugal. **Deve procurar levantar-se mais cedo do que ele e sempre às escuras ou sob a penumbra do aposento, para que o marido não a veja desgrenhada.**

Algums esposas, ao envez de procurarem agradar aos maridos, exibem-se, ao contrário, aos olhos deles em grosseiro desalinho, sem compreenderem quanto podem perder com esse procedimento.

8– Não convém despachar muitos pretendentes, pois cada vez mais escasseiam os candidatos ao matrimonio. Não sonhe com príncipes nem com titulares ou doutores. Contente-se com quem possua elementos physicos para ganhar a vida e bastante força toma-la em seus braços algumas vezes por semana, em atitude carinhosa. [...]

10– Não case com philosophos. Estes, ou são muito distraídos ou têm a mania de analysar tudo. Tanto num como noutro caso são maus maridos, já por falta, já por excesso (JORNAL DAS MOÇAS, 1914, p.17, nº1. Grifos nossos).

Os trechos acima demonstram o papel formativo da revista a partir do indicativo de como a mulher deve se comportar. As instruções surgem de forma enumerada, elencando diversos aspectos que as mulheres devem levar em consideração, nesse caso em específico, ao falar do relacionamento amoroso. Entretanto, as publicações dessa seção não estavam restritas a um determinado assunto.

Observa-se, ainda, a questão dos padrões beleza que são recorrentemente evidenciados. Há sugestões daquilo que é socialmente aceito, deixando perceptível a referência de um determinado padrão estético. Além do mais, o corpo feminino – magro - que era idealizado estava presente nas imagens no decorrer da revista. Portanto, podemos perceber a idealização de um modelo de mulher, a inserção de um padrão dominante.

Segundo Machado (2018), nesse período, o imaginário social que gira em torno da figura feminina afirma que “se ela não tivesse no padrão considerado correto e belo, não seria uma boa mulher e, com isso, não seria uma boa mãe e esposa” (p.62). Isso demonstra a cobrança vivida pelas mulheres no século XX e o peso dos padrões atribuídos a elas. Nesse sentido, não podemos atribuir que a sujeição feminina se

efetivava apenas por escolha; é preciso considerar inúmeros fatores que permeavam as relações entre os gêneros para compreender as situações de opressão.

Nesse cenário, a culpabilização da mulher também é um fator constante, pois seria dela toda a responsabilidade de manter um bom relacionamento com seu esposo, ou, ainda, “se algo estivesse fora do padrão, tanto estético quanto social, eram as mulheres as culpadas e, também, as responsáveis pela correção desse desvio” (MACHADO, 2018, p.62). Desse modo, configura-se a subordinação feminina que se expressa a partir da visão dominante patriarcal, que está inserida no meio social, resultante das relações hierárquicas e de poder que são estabelecidas entre os gêneros. De acordo com Simone de Beauvoir:

[...]na maior parte do tempo é ainda a mulher que paga pela harmonia do lar. **Parece natural** ao homem que ela trate da casa, que assegure sozinha o cuidado e a educação das crianças. A própria mulher estima que, em casando, assumiu encargos de que não a dispensa sua vida pessoal; ela não quer que o marido seja privado das vantagens que houvera encontrado associando-se a “uma mulher de verdade”: quer ser elegante, boa dona de casa, mãe dedicada, como o são tradicionalmente as esposas. [...] **Educada no respeito à superioridade masculina**, é possível que estime ainda que cabe ao homem ocupar o primeiro lugar; por vezes teme também, em o reivindicando, arruinar o lar; hesitando entre o desejo de se afirmar e o de se apagar, fica dividida, estraçalhada (BEAUVOIR, 2008, p. 66-67. Grifos nossos).

Dessa forma, a mulher acaba incorporando certas atribuições tendo em vista que são reforçadas e impostas constantemente. Ao se referir ao papel feminino, Beauvoir (2008) faz a seguinte afirmação: “elas são mulheres em virtude de sua estrutura fisiológica; por mais longe que se remonte na história, sempre estiveram subordinadas ao homem (p.29)”. Diante disso, de acordo com a autora, a independência feminina encontrava-se num futuro muito distante – olhando para determinado contexto. Vale evidenciar que, atualmente, no século XXI, esse pensamento está presente em muitas culturas e em diferentes sociedades. Louro (1987) complementa que:

[...] há uma ideologia que prega um perfil feminino dócil, submisso e obediente, uma mulher dedicada apenas às funções de mãe ou à participação profissional condizente com essas funções, e que esta ideologia foi sendo construída ao longo dos tempos. Esta é uma representação de dominação masculina,

que tem sido apresentada como “natural”, ou seja, como se fosse da “natureza feminina” ter tais características (LOURO, 1987, p. 12).

De acordo com essa perspectiva, cada contexto social expressa suas questões culturais e ideológicas, estando presentes em todos os âmbitos da sociedade, além de refletir nas relações estabelecidas entre os gêneros, sendo elas pautadas pela dominação e poder. Para Louro (1987), as formas de dominação dos homens sobre as mulheres estão presentes em diversas instituições, como a igreja, a escola, família, veículos de informação, a exemplo da imprensa, dentre outras que reafirmam os ideais femininos associados à obediência, submissão, docilidade etc. Em outro momento, na seção “O que a mulher deve ser”, encontram-se as seguintes falas:

17- Deve a mulher cultivar esta preciosa virtude – a paciência – sem a qual todo o consorcio se transforma em jugo tyrannico.
A serenidade nos dias prósperos fará com que a mulher se prepare com resignação para receber os maus dias.
Quando o marido contrariado por qualquer incomodo da rua, se recolhe ao lar, como a um porto de salvação, seria insensato recebe-lo com má cara ou de mau humor.
Nesses dias, **procurará a mulher trata-lo e cerca-lo desse coquetismo amoroso** com que as mulheres conseguem tudo e em maior dose do que nos dias comuns. Deverá abraça-lo com mais ardor, mostrando-lhe desse modo que todos os rigores da sorte e todos os furacões da desgraça são impotentes para abalar o rochedo que serve de base ao carinho da mulher.
A mulher que assim souber preceder fará sempre do lar a mais bela e a mais feliz região do mundo (JORNAL DAS MOÇAS, 1914, s/p, nº3. Grifos nossos).

Para Albuquerque (2016), a revista reproduz um discurso que visa “domesticar” a mulher por meio dos seus mais variados temas, que, em forma de conselhos, aborda questões sobre beleza, higiene, moda, cuidados com o lar e filhos, comportamentos, dentre outros. Destaca-se, então, o caráter educativo da revista, evidenciando um modelo de mulher que passa a ser exigido perante a sociedade.

As representações da mulher contidas na revista seguem um modelo padronizado; parece não haver outra forma de ser além daquela descrita nos textos da revista. As especificidades das mulheres não são consideradas, mas sim retratadas de maneira homogênea, de acordo com Machado (2018). Assim também, uma visão restrita de mundo era apresentada para elas, caracterizando o caráter conservador daquele período que visava à manutenção desse modelo social.

Destacamos, ainda, em mais alguns trechos da seção “o que a mulher deve ser”:

11- Adestrada em todos os mistéres domésticos. Caso não tenha a necessidade de fazei-os executar, servir-lhe-á para dirigi-los, porque quem não sabe uma coisa, não sabe outra.
Uma casa limpa e bem dispostos os seus moveis, desperta os instinctos estheticos e dá boa **idéa da capacidade** da dona de casa (JORNAL DAS MOÇAS, 1914, s/p, nº2. Grifo nosso).

O uso do termo “adestrada” demonstra o caráter formativo empregado nos discursos, reforçando que a mulher deve ser ensinada, preparada para dominar o âmbito doméstico. A ideia de “capacidade” surge como um atributo que a mulher deve demonstrar ao desempenhar suas funções dentro do lar.

Diante da hierarquização das relações, o homem foi perpetuando seu status social de supremacia, já que é educado, preparado para atuar no espaço público, ao contrário da mulher, que tem sua educação determinada a um espaço mais restrito, o privado – o lar -, assumindo a responsabilidade de manter a harmonia familiar, prezando pelo bem de todos. Assim, o lugar social de cada um está determinado.

Para Novaes (2015), a divisão desse lugar social se justifica por meio do “discurso biologizante que naturalizou papéis sociais de forma sexuada, atrelando a mulher ao estereótipo da reprodução, dos sentimentos, da intimidade e o homem ao cérebro, à inteligência, à razão (p.54)”. Desse modo, delimita-se o espaço de atuação e as atividades previamente destinadas a homens e mulheres.

No contexto da sociedade patriarcal, Albuquerque (2016) vai apontar que há um conceito projetado para a figura masculina, sendo ele considerado como sujeito ideal. Dessa forma, para a mulher, também há um modelo idealizado, estabelecido a partir de preceitos religiosos e discursos biologizantes que reforçam a chamada natureza feminina, que não a coloca como figura principal, mas sim como coadjuvante.

Nesse sentido, Melo (2019) afirma que essa violenta normalização constitui uma estratégia de produção e reprodução de desigualdade de gênero, que acaba por naturalizar o discurso de que certos atos e condições são naturais para as mulheres” (p.16). Já para Tiburi (2021), o patriarcado constitui-se num sistema que está enraizado não só na cultura, mas em todas as instituições; desse modo, ele cria uma estrutura firmada em crenças tidas como verdades absolutas que vão se expressar nos mais diversos discursos, não só na revista.

Pode-se considerar, então, que, de certa forma, havia uma imposição da sociedade como um todo, que visava delimitar qual é o papel da mulher e em manter um determinado modelo social. Por meio do caráter pedagógico implícito na imprensa, diversos meios foram encontrados para penetrar na mente feminina, adotando discursos que se expressam na forma de dicas, conselhos e exemplos, referindo-se à sua função social. Em trechos retirados da seção denominada “Pensamentos alheios”, encontramos as seguintes afirmações:

A mulher que não ama e que não é mãe é uma mulher incompleta.

*

Nada é suficiente ao amor; si tem a felicidade quer o paraíso; si tem o paraíso quer o céu.

*

Uma mulher amável deve possuir duas qualidades: sentimento muito delicado no coração e grande presteza de espírito. (JORNAL DA MOÇAS, 1914, p.10, nº 6. Grifo nosso).

A associação da figura feminina com a maternidade é algo evidenciado recorrentemente, visto que, assim, ela se torna um ser completo, já que é sua “vocação”, evidenciando a relação que é feita com os atributos biológicos. O que chamam de natureza biológica, no caso em específico das mulheres, foram construções sociais e culturais sobretudo atreladas à questão da reprodução, da função feminina de gerar uma vida e que essa dependia dos seus cuidados. Nessa perspectiva, na seção denominada “as esposas, as mães e as filhas”, encontramos as seguintes afirmações:

A saúde da mulher

- é o Remedio das Esposas, porque, actuando beneficemente sobre o Utero e os Ovarios, prepara as Esposas para a geração de filhos sadios e robustos;

- é o Remédio das Mães, porque, dando-lhes a saúde permanente, assegurando-lhes a normalidades de seus incomodos permite às Mães a continuidade de sua vigilância sobre a ordem da sua casa e sobre a existência doméstica (JORNAL DAS MOÇAS, 1927, s/p. nº633. Grifo nosso).

Nota-se que as palavras em letra maiúscula evidenciam o papel de esposa e mãe, assim como seus órgãos reprodutivos, chamando atenção das leitoras. Ao falar de saúde, a reprodução é apontada como o elemento mais importante; era com isso que as mulheres deviam se preocupar, pois esse seria um de seus papéis primordiais.

Para Lerner (2019), desde os discursos presentes na civilização ocidental, tal como o da filosofia aristotélica, afirmando que as mulheres seriam seres defeituosos e incompletos, os constructos metafóricos naturalizaram a subordinação feminina. Segundo a autora, desde as sociedades mais remotas, a divisão sexual do trabalho já estava amparada nas diferenças biológicas entre homens e mulheres, de acordo com a sua funcionalidade, capacidade e habilidades diante das necessidades de cada grupo ou tribo.

Desse modo, no período que vai desde a gestação ao nascimento da criança, a mulher pode ter mais dificuldade para desempenhar suas atividades profissionais. Considerando que uma criança demanda muitos cuidados, a mulher precisa dedicar grande parte do seu tempo a ela. Sendo assim, para garantir a subsistência do grupo, os homens realizavam as atividades que demandavam força, resistência, agilidade e outros atributos. Dessa forma, a questão biológica passou a ser associada de acordo com o papel que cada um ou uma desempenhava. Nesse sentido,

[...] o número de diferenças biológicas comprovadas entre os sexos foi demasiadamente exagerado por interpretações culturais e que o valor dado às diferenças sexuais é, por si só, um produto cultural. Atributos sexuais são fatos biológicos, mas gênero é produto de um processo histórico. O fato de mulheres terem filhos ocorre em razão do sexo; o fato de mulheres cuidarem dos filhos ocorre em razão do gênero, uma construção social (LERNER, 2019, p.47-48).

Diante dessa perspectiva, a sociedade estrutura-se em cima de um fenômeno histórico que é a dominância e supremacia masculina, pois, a partir de fatores biológicos, houve essa determinação que foi criada e reforçada ao longo do tempo. Nas sociedades primitivas, era fundamental que a mulher desenvolvesse habilidades maternas, pois eram essenciais para garantir a sobrevivência do grupo por meio da procriação (LERNER, 2019).

A partir dessas considerações, são recorrentes os discursos presentes na revista JM que apresentam esse determinismo biológico, atribuído como a essência feminina. O contraponto com a figura masculina também ocorre, de modo que fica evidente a distinção de atributos para cada gênero.

O amor e o ciúme

O homem raramente tem amor, porque o amor não pode existir sem a dedicação e o affecto perdurante.

A mulher tem mais amor que o homem porque n'ella os sentimentos de dedicação e de affectividade, regidos pela sua organização cerebral e princípios da infância, são mais pronunciados e firmes.

O ciúme que mata, não é amor, porque amor é o ciúme que perdoa, - por mais paradoxal que pareça esta sentença. E tanto é isso uma verdade, que **a mulher perdoa mais facilmente o homem.**

Ella tem o amor e a dedicação. Elle, tem o sentimento da pose, a que chama – amor; o sentimento da vaidade, a que chama ciúme; e o amor próprio da opinião dos outros, a quem chama – desagravo. E.F. (JORNAL DAS MOÇAS, 1920, s/p. Grifos nossos) (edição nº 237).

A forma como a mulher é representada diz muito sobre a organização patriarcal estruturada diante das diferenças entre os gêneros. A simbolização da figura feminina constitui-se como um produto e fenômeno histórico. De acordo com Priori (2020), há um fundamento que se estabeleceu como uma ordem social que foi mito da superioridade masculina, pois a valorização da força, virilidade e demais atributos, considerados como instinto, serviram de justificativa.

De acordo com o excerto acima, está implícita a ideia de que a educação das meninas deve ser essencialmente diferente da dos meninos, uma vez que iriam ocupar papéis específicos na vida adulta. Há também uma indicação de que a infidelidade deve ser “tolerada” por parte da mulher. Em uma sociedade patriarcal como a brasileira, o adultério masculino era aceito e institucionalmente amparado, haja vista a existência da roda dos expostos⁴², que, no Brasil, existiu até a década de quarenta.

Diante da complexidade das relações, a partir das transformações sociais ocorridas ao longo do tempo, as questões culturais foram se estabelecendo, sendo repassadas pelas gerações. Desse modo, para Saffioti (2004), é no processo de socialização, que ocorre a partir da infância, que já começam a ser atribuídos os papéis sociais que cada gênero deve desempenhar. Com base nisso, há uma relação que envolve diversos fatores que vão contribuir para o desenvolvimento dos indivíduos e, conseqüentemente, com sua formação social, tais como o biológico, as vivências, o processo histórico e cultural.

⁴² A roda dos expostos foi uma instituição criada pela igreja para dar um destino aos filhos tidos como “indesejáveis”, principalmente frutos de adultérios. Hospitais, especialmente as Santas Casas, possuíam um pequeno berço em uma parede lateral para o depósito dos bebês. Nesses locais, devido à grande precariedade de mantimentos e de condições sanitárias dignas, grande maioria das crianças acabavam morrendo em seu primeiro ano de vida. No Brasil, as Rodas foram implantadas por volta de 1730 por influência dos portugueses (MARCÍLIO, 2006).

Ao elencar os elementos históricos e culturais que permearam as relações de gênero, vale ressaltar que a sujeição feminina vivenciou um período que associava o determinismo biológico com discurso religioso; aliás, podemos considerar que ele ainda está fortemente presente na atualidade, na sociedade do século XIX. Os sistemas religiosos presentes em diferentes culturas e períodos históricos projetavam e projetam uma imagem idealizada da mulher, traçando seu destino a partir daquilo que consideram ser natural a ela.

Para tal, normas e valores tornaram-se universalizados e foram repassados de geração para geração. A submissão feminina é carregada de determinações que têm raízes no pensamento cristão, adotado pelo patriarcado, que tem como regra geral a dominação e as relações de poder entre os gêneros (PRIORI, 2020). Nessa direção, Tominaga, Barros e Anzolin (2020, p. 33) afirmam que “a narrativa das religiões cristãs é um dos pilares que constrói e sustenta a opressão e dominação feminina, delimitando funções e lugares sociais para a mulher nas suas relações”. As autoras lembram ainda que a cultura no Brasil possui valores cristãos muito arraigados.

Nesse sentido, as relações hierárquicas que foram se estabelecendo no contexto do patriarcado foram se perpetuando, criando estruturas de poder e desigualdade entre os gêneros. Dessa forma, foi necessário que várias instancias contribuíssem para a consolidação desse modelo social, utilizando-se de meios diversos para propagação dos seus ideais. Uma das formas para reforçar as normas de conduta e regras sociais foram os meios de comunicação, que, a partir dos avanços tecnológicos do século XIX, serviram para propagar tais ideias. A imprensa escrita foi um importante meio que, por um longo tempo, contribuiu para essa propagação exercendo seu papel pedagógico.

Em relação a essa afirmação, considerando que um dos elementos da pesquisa está centrado na imprensa, em específico, a destinada ao público feminino, Buitoni (2009) evidencia que a imprensa feminina usa em seus textos uma tática, dirigindo-se às suas leitoras em forma de conversas amigáveis e íntimas; seriam, de acordo com ela, armadilhas linguísticas. A forma sutil de trazer conselhos propicia um ar de naturalidade, de modo que aparente que as coisas sempre foram assim; dessa forma, os conteúdos presentes nas páginas da revista visam modelar a consciência feminina.

À primeira vista, receitas de culinárias, conselhos de beleza, contos de amor e outros assuntos-comuns às revistas, seções e suplementos femininos do mundo inteiro - são neutros. Porém se saímos da superfície, veremos que a imprensa feminina é mais —ideologizada“ que a imprensa dedicada ao público em geral. Sob a aparência de neutralidade, a imprensa feminina veicula conteúdos muito fortes (BUITONI, 2009, p.21).

Os discursos não podem ser considerados como neutros; cada ação tem uma intencionalidade. Nesse caso, as revistas destinadas ao público feminino contribuem para a construção de uma identidade feminina. Ao apresentar o mundo feminino, a intenção é naturalizar, normatizar tais aspectos, definindo qual lugar ela deve ocupar no meio social e que papéis deveria desempenhar.

Em uma parte da revista destinada ao envio de mensagem do público em geral, encontramos os seguintes excertos em relação a uma questão que agitava o contexto social e causava divergências na opinião pública, o voto feminino:

[...] Achei interessantíssimo o seu trabalho “O direito de votar às mulheres”, porém, **acho simplesmente ridículo as mulheres intrometerem-se em assumptos políticos. A mulher deve ser sempre mulher, cumprir no mundo o que lhe foi destinado, e não querere adquirir direitos que só devem pertencer ao sexo feio ou barbardo.** Sua amiguinha Miss Kiss Guaratinguetá (Jornal das Moças, 1925, p.51. Grifos nossos) (edição 542)

*

Ser eleitora, minhas extremosas mães não é negocio para as senhoras.

O sr, Juvenal Lamartine ⁴³ quer fazer uma inominável pilheria, concedendo o voto feminino.

Não caiam, porem em tal esparrela.

Tratem de cavar o eleito do seu coração e olhem qye, nesta época de crise, já não é pouco.

E é às senhoras mães amantíssimas que eu faço este appello em prol das suas próprias filhinhas: não a entoxiquem de política...

Já lhes basta o cinema, o romance e o batom (JORNAL DAS MOÇAS, 1928, p.14. Grifos nossos).

Observando o “conselho” sobre a questão do voto feminino, pode-se notar que o apelo vai em direção à maternidade, associando a figura da mãe para reforçar

⁴³ De acordo com informações obtidas no site Tribuna do Norte, Juvenal Lamartine nasceu em 1897; formado em direito, contribuiu com a elaboração do primeiro Código Civil brasileiro. Dedicou-se à política exercendo cargo de deputado, senador e governador do estado do Rio Grande do Norte; foi também escritor, jornalista e agricultor. Trabalhou em prol dos direitos eleitorais das mulheres ao lado de Bertha Lutz, lutando pelo voto feminino e apoiando a candidatura de mulheres a cargos políticos. Por conta disso, foi motivo de chacota, recebendo muitas críticas em todo o país. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/o-visiona-rio-juvenal-lamartine/537563> Acesso em: 07 nov. 2022.

qual é o seu papel, que lugar deve ocupar. O apelo materno vem para sensibilizar as mulheres demarcando os limites de sua atuação. Aqui, fica expresso mais uma vez o caráter conservador da revista JM, bem como seu papel “pedagógico” de manter a ordem social patriarcal, ou seja, de atuar pela manutenção da tradicional sociedade patriarcal brasileira.

Portanto, o que pode ser atribuído à mulher em relação ao mundo exterior ao lar, segundo o excerto acima, é a questão da arte, por meio do cinema ou da literatura, que seria uma forma de distração destinada a elas, tirando o foco das questões que permeiam o âmbito público, uma forma de alienação.

[...] toda busca de sentido envolve interpretações, pontos de vista. Procurar os contornos da imagem da mulher na imprensa feminina brasileira é, antes de mais nada, uma leitura pessoal de uma série de elementos encadeados. A linguagem não serve só para relatar ou descrever. A linguagem diz as coisas. E a imprensa feminina, sendo linguagem, diz a mulher. Ela produz formas, configurações que não aparecem à primeira vista (BUIIONI, 2009, p. 11).

De acordo com Colling (2014), a linguagem voltada à história das mulheres sempre é elaborada por outros - os homens. Nesse sentido, as ditas “verdades” sustentam as relações de poder e dominação dos homens para com as mulheres. Tais discursos, presentes na revista, demonstram qual é o comportamento esperado para o gênero feminino, que estão sempre carregados por estereótipos.

Em algumas páginas de temas livres, aparecem alguns excertos, tais como na edição nº 260, que diz: “a mulher deve ser, como sempre foi o espelho onde se reflectem com fulgor, todas as virtudes (JORNAL DAS MOÇAS, 1920, s/p.)” ou na edição nº 172: “a mulher deve ser a personificação da bondade; seu semblante, deve ostentar em todo o conjuncto a harmonia deliciosa de um sêr angelico (Jornal das Moças, 1918, s/p.)” Ainda, na edição nº 237, “a mulher, para ser devidamente apreciada, precisa ser trez vezes boa: boa filha, boa esposa e boa mãe” (JORNAL DAS MOÇAS, 1920, s/p.).

De acordo com Paula (2020), o modelo idealizado pelos jornais voltados ao público feminino expressa e reforça a ideologia do patriarcado, delineando no meio social o papel que a mulher deve exercer, o que naturaliza comportamentos e atribui estereótipos. Assim, nas publicações, ficava expresso que a harmonia social depende

das atitudes adotadas pelas mulheres, dos papéis que desempenham em todos os âmbitos.

Os padrões normativos expressos nas publicações da revista demonstram a preocupação em manter o modelo da família tradicional, pautado pelas questões do moralismo e conservadorismo; as atitudes e comportamentos devem sempre prezar pela moral e bons costumes. A responsabilização da mulher pela educação dos filhos, harmonia do lar, felicidade do marido e de casamento é outro fator que sempre está evidenciado nas publicações. O discurso religioso também pauta alguns discursos na revista JM, tais como o do texto “a missão da mulher”:

[...] É a mulher a doce companheira do homem; unidos, os destinos de ambos formam complexo de vida. É portanto a **missão da mulher toda de affecto, toda de carinho e bondade. Enquanto ao homem conferiu Deus a inteligência, o conselho e a força deu á mulher a inteligência do coração**, a flexibilidade, a percepção purada, ao instinto mysterios o dos pequeninos nadas que passam despercebidos ao homem.

O homem domina pela força, a mulher pelo coração. Entretanto é preciso que as mulheres saibam cultivar as qualidades da alma, para que esse domínio seja constante firme e duradouro; [...] **A mulher deve zelar por suas virtudes, fazer delas o santuário onde depositem, na pyra do sofrimento, todas as tribulações que quotidianamente se lhe deparam na travessia do mundo. Seu coração deve ser o foco irradiador dos santos e puros pensamentos, o centro para onde devem convergir todos os sentimentos da família. Ella é o espelho onde se reflectem as virtudes da sua prole. Um homem sem uma mulher que o ame é um crente sem um anjo da guarda. Um navegante sem bussola em pleno mar. Cuidado; vê que podes naufragar....** (JORNAL DAS MOÇAS, 1920, p.22. Grifos nossos) (edição 260).

No texto acima, podemos observar a diferenciação entre os gêneros, de acordo com estereótipos atribuídos a cada um deles. Dessa forma, pauta-se no discurso religioso, no qual afirma que Deus criou primeiro o homem. A supremacia masculina é reafirmada, servindo de base para fundamentar muitos discursos. Portanto, os atributos femininos destacados nesse texto evidenciam a passividade feminina, relacionando-a com sentimentos de bondade e carinho, ao contrário do homem que é dotado de inteligência e força, sendo assim, há um contraponto entre a razão e a emoção atribuído aos gêneros masculino e feminino.

Em outro momento, um texto de nome “Conselho” apresenta a mesma visão de cunho religioso, associando a inteligência à figura masculina, como um dom divino, o que inferioriza, assim, a figura feminina. Os termos “missão” e “dever” aparecem

constantemente nos textos para evidenciar o papel da mulher, reforçando aquilo que seria da sua “própria natureza”. Observa-se, então, uma similaridade entre os textos; mesmo com o passar dos anos, as publicações permanecem amparadas nos mesmos discursos.

CONSELHO

Com beleza ou não, tu deves, sempre amar, porque a mulher sem sentimentos amorosos torna-se fria, apathica á vida, ao lar e até á sociedade.

Sê bella, e ama, **porque é essa a tua missão; e se não seguides esse teu dever, cometes o pior dos erros.** A tua beleza deve ser o teu cuidado, é mister seres linda[...] **Lembra-te que mais do que o homem a mulher deve ser honrada, a castidade, o pudor é a maior victoria das virtudes femininas [...]** Não queiras ser siuúa em imitar os homens, porque se o fizeres serás infeliz.

Sê distincta, porque em ser direita está a tua elegância, e assim serás muito querida. **Adora o homem, porque é dele que veio a tua vida, o teu marido será teu senhor.** Nunca esquecerás que: **por pouquíssimo inteligente que seja uma mulher,** compreenderá, nesse magno assumpto, mais do que metade (JORNAL DAS MOÇAS, 1926, p.36. Grifos nossos) (edição 588).

Ao observar os discursos presentes no decorrer da revista JM, podemos observar, de acordo com Beauvoir (2008), que, ao ser educada no contexto da supremacia masculina - patriarcado -, a mulher passa a acreditar que os homens devem ter privilégios e acaba assumindo encargos para não os privar das “vantagens” que, ao longo do tempo, foram atribuídas a eles. Sendo assim, as mulheres foram forçadas a assumir um lugar secundário, inferiorizado, diante da naturalização das desigualdades entre os gêneros.

Segundo Pereira (2013, p.44), “com caráter explicitamente pedagógico, a revista evidencia seu propósito de educar suas leitoras” e afirma que as publicações apresentam um caráter orientador moralizante. Nesse sentido, em determinados textos presentes na revista, fica expresso como as relações de poder são hierarquizadas e desiguais, mas, ao mesmo tempo, naturalizadas. Desse modo, ao falar do caráter pedagógico e formativo da revista, considera-se que seus textos “atuam na produção de modos de ser e pensar e sentir, e apresentam mundos, performam mundos que se apresentam como universos possíveis ou ideais” (PEREIRA, 2013, p.50).

Contudo, cabe salientar as mudanças que a sociedade brasileira vivenciava nesse período histórico, a partir do processo de industrialização e modernização

social, bem como o surgimento e expansão das ideias feministas e as próprias contradições geradas pelo sistema capitalista. Todo esse contexto contribui para repensar o papel da mulher diante dessa nova configuração social que o país estava trilhando.

Diante de novos papéis desempenhados pela mulher, como o trabalho remunerado, fora do lar, alinhado com os afazeres domésticos, o sistema capitalista expressa as desigualdades não só entre os gêneros feminino e masculino, mas também demonstra as diversas formas de ser mulher dentro de uma mesma sociedade, sendo essa dividida em classes. Dessa forma, a realidade da mulher pertencente à classe operária não é a mesma daquela que pertence às classes mais abastadas.

Partindo desse pressuposto, ao analisar as publicações da revista, essas diferenças não aparecem de forma explícita, visto que ela apresenta uma visão universalizada de mulher, não considerando tais especificidades dentro do contexto da sociedade capitalista. Nela, encontramos uma visão generalizada do que é ser mulher, do papel que ela deve desempenhar, desconsiderando toda a contradição que há no mundo capitalista.

Mesmo com efervescência do movimento feminista na luta pela igualdade de direitos e emancipação feminina, a revista JM demonstra que pretende conservar um determinado modelo social. A insistência na institucionalização da supremacia masculina é característica do patriarcado, que se expressa nas relações de poder e dominação entre os gêneros.

Desse modo, podemos concluir que, diante dos discursos proferidos ao longo de todo o período de circulação da revista, eles estiveram alinhados com o modelo patriarcal, contribuindo para sua perpetuação, que visa à manutenção e/ou conservação social. A partir da linguagem adotada, a revista tinha um grande poder de persuasão, naturalizando as desigualdades e situações de opressão. Sendo assim, serviu como um importante meio para propagar normas e regras, estabelecendo padrões, para definir um modelo ideal de ser mulher.

3.2 A IMPRENSA COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO

A imprensa é um importante veículo de informação e divulgação de ideias, sendo a forma escrita o seu primeiro meio de veiculação, expressando-se nas mais

diversas formas, tais como periódicos, panfletos, gazetas, jornais, revistas, folhetins, pasquins, dentre outros que foram constituindo e consolidando a imprensa escrita.

De acordo com Paula (2020, p. 21), foi no período colonial que surge a imprensa no Brasil; “seu “nascimento” se deu oficialmente em 13 de maio de 1808, com a criação da Imprensa Régia, pelo Príncipe Regente Dom João”. Apesar de não ter condições estruturais favoráveis no Brasil⁴⁴, a tipografia foi aos poucos se desenvolvendo, possibilitando o surgimento de alguns periódicos.

Nesse período, segundo Paula (2020), ainda no ano de 1808, surge o chamado “Correio Brasiliense”, tendo como idealizador Hipólito da Costa, que, de acordo com Sodré (2011, p. 45)⁴⁵, “[...] fundou, dirigiu o Correio Brasiliense, em Londres, durante todo o tempo de vida do jornal”. Mesmo sendo produzido fora do país, o jornal apontava os problemas contidos na colônia e assim passou a ser “[...] integrado da imprensa brasileira” (p.45); dessa forma, torna-se um dos marcos que representa o início do periodismo no Brasil.

Entretanto, nesse mesmo ano, em 1808, surgiu a “Gazeta do Rio de Janeiro” que foi considerado oficialmente como órgão do governo e que “marca o início da imprensa periódica brasileira” (PALLARES-BURKE, 1988, p.149). Sendo assim, ambos os periódicos se destacaram como marcos iniciais da imprensa no Brasil. Mas, até a década de 20, um fator interferia diretamente nas publicações desses periódicos, pois a censura controlava as notícias que seriam veiculadas, permitindo

[...] somente insípidas notícias do estrangeiro ou defesas parciais do regime monárquico absolutista [...] Só mais tarde, com a volta da corte para a metrópole e com a independência do Brasil de Portugal, é que a imprensa adquirirá as características que se assemelham à imprensa iluminista européia, do mesmo modo que, na América espanhola, uma vertente do periodismo brasileiro tornará mais e mais explícito seu propósito educacional e sua fé no poder reformador da educação (PALLARES-BURKE, 1988, p.149).

Considerando as questões políticas, econômicas e culturais que permearam o século XVIII, por exemplo, o analfabetismo⁴⁶ e a escravidão - fatores limitantes para

⁴⁴ De acordo com Capelato (1988), alguns fatores dificultaram a consolidação da imprensa na sociedade colonial: grande parte da população concentrava-se no campo, de forma dispersa, havendo poucos núcleos urbanos, sendo composta principalmente por escravos; outro fator era o analfabetismo.

⁴⁵ Ver mais em: História da imprensa no Brasil de Nelson Werneck Sodré (2011).

⁴⁶ Segundo Pallares-Burke (1998), no ano de 1872, foi realizada oficialmente a primeira pesquisa sobre o nível de alfabetização no Brasil, revelando que somente um quinto da população estava apta a ler. Entretanto, mesmo com o alto índice de analfabetismo, não se pode deixar de evidenciar que muitas pessoas eram impactadas pelo caráter educativo da imprensa - entre os séculos XVIII e XIX - por meio

consolidação da imprensa – foi somente a partir do século XIX, no contexto da sociedade imperial, que os periódicos e jornais começam a ganhar mais força. Inicialmente, as questões mais abordadas nesses veículos de informação eram as tensões e aspectos da conjuntura política. Posteriormente, os acontecimentos sociais presentes em diferentes contextos começam a ser mais publicizados. Segundo Paula (2020):

[...] a publicidade dos acontecimentos sociais, que antes estava restrita ao compartilhamento de experiências presenciais dos sujeitos, com a emergência da mídia, toma uma nova configuração e passa a operar de forma distinta em diferentes campos, principalmente o político, o econômico e o cultural. O jornal amplia o alcance da informação e fomenta a reflexão sobre a realidade vivida ao oportunizar aos leitores acompanhar ativamente os acontecimentos do presente, relacionando-os com aquilo que ocorre em outras regiões do país e, do mundo (PAULA, 2011, p. 23).

Nessa perspectiva, é válido evidenciar que a imprensa, desde seu surgimento, expressa os interesses de grupos específicos e que os discursos não neutros, estão carregados de intencionalidades. Por meio dela, são transmitidos os valores culturais de determinado povo ou grupo em específico, mas, ao mesmo tempo, os discursos tendem a ser generalizantes. Para Chartier (1990),

[...] as percepções do social não são, de forma alguma, discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1990, p. 17).

De acordo com Pallares-Burke (1998), o papel da imprensa vai além da informação e propagação de ideias; não é somente um meio de entretenimento, tem caráter educativo, possui um cunho didático, no qual orienta e influencia tanto as atitudes e comportamentos, como também propaga valores e costumes. Para a autora, tanto os jornais quanto as revistas, “[...] têm tido sempre sua quota de participação no processo educacional e podem, pois, ter muito a dizer sobre o modo complexo pelas quais as culturas são produzidas, mantidas e transformadas” (PALLARES-BURKE, p.145).⁴⁷

de uma prática muito comum, a "leitura em voz alta", que possibilitava o acesso aos conteúdos que nela veiculavam.

⁴⁷ O papel pedagógico da imprensa está situado no campo da educação informal, sendo assim, ao longo do texto, estamos nos remetendo ao processo formativo promovido pela imprensa por intermédio das publicações contidas na revista JM.

A imprensa desempenha um papel tanto de forma direta quanto indireta, atuando no sentido de manter, de certo modo, a estrutura social vigente. É preciso considerar que, em determinadas situações, se configura como uma empresa de ordem privada, pois dependem de seus consumidores – os leitores e as leitoras, no caso de revistas, por exemplo, o JM –, bem como daqueles que divulgam seus produtos⁴⁸ contidos nos anúncios de publicidade. Desse modo, esses veículos de comunicação precisam estar dialogando com um determinado público, de uma classe social específica, que tenha condições de consumo para adquiri-los – quando apresentam um valor, como os jornais e revistas - e que, conseqüentemente, possam consumir os produtos que neles são divulgados. Sendo assim,

É possível afirmar que **a imprensa é, antes de tudo, uma mercadoria, um produto determinado dentro de uma sociedade constituída historicamente**. Como produção dos homens os periódicos são determinados por diferentes forças, iniciando pela figura do proprietário, passado pelo editor, além das circunstâncias históricas em que é publicado. Nesses termos, a imprensa é uma força que intervém nas lutas políticas de seu tempo, constituindo como um partido em defesa de determinados interesses. É possível afirmar que também se constituiu como prática educativa e contribuiu sobremaneira para a ampliação de pesquisas histórico-educacionais de caráter regional e local (PAULA, 2011, p.24. Grifo nosso).

Conforme Paula (2011) observa, a imprensa, mesmo que de forma indireta, expressa, representa e defende os interesses de grupos específicos que estão alinhados com a sua visão de mundo, de sociedade, de ser humano e, conseqüentemente, de educação. Dessa forma, as classes dominantes por meio de suas representações ideológicas contribuem para reafirmar tais visões, sendo elas resultantes das relações sociais que estabelecem entre si.

Nessa mesma perspectiva, Machado (2018, p. 15) afirma que “a imprensa, de modo geral, contribui para a formação de modelos sociais de representação.” Com isso, evidencia a importância de se observar os valores presentes em cada contexto, em cada momento histórico e como se estabeleciam as relações sociais em cada um deles. Tais possibilidades de representação quase sempre apresentavam um modelo homogêneo, seja de sociedade, ou, por exemplo, no caso das revistas femininas, um

⁴⁸ No caso do Jornal das Moças, os anúncios eram voltados principalmente aos produtos de beleza, medicamentos, moda destinados ao público feminino.

modelo de mulher tido como universal. Diante disso, a imprensa, de certo modo, adota uma visão generalizante, não considerando, muitas vezes, as especificidades de cada sociedade, de cada povo, não levando em conta fatores culturais, regionais, raciais, étnicos e outros, que permitem expressar a diversidade presente nos mais diferentes contextos.

Outro fator importante a ser destacado é apontado por Buitoni (2009), que evidencia a questão ideológica presente na imprensa, mas diferencia as formas com que ela se expressa. Para a autora, a imprensa “diária” – voltada ao público em geral – traz um teor ideológico mais presente em seu caráter estrutural do que em seus textos, mais especificamente, entretanto, não deixa de ressaltar que ela, assim como a imprensa de modo geral, seleciona e edita os conteúdos seguindo alguns critérios avaliativos. No caso da imprensa feminina – foco da pesquisa da autora –, ressalta que é mais ideologizada, pois, por trás de uma aparência de neutralidade diante de seus conteúdos – comuns a esse tipo de revista, tais como, culinária, moda, beleza etc. –, tem um caráter muito forte, expressando questões mais abrangentes.

Sobre imprensa periódica do século XIX, Pallares-Burke (1998, p. 145-146) evidencia que, no que diz respeito ao seu caráter educacional, ela “[...] assumiu explicitamente as funções de agente da cultura, de mobilizadora de opiniões e de propagadora de ideias”. Essa modalidade era vista com muito entusiasmo, pois o surgimento, mais especificamente do jornal, nesse período, significou uma revolução democrática, gerando grandes expectativas para aqueles que possuem uma visão mais crítica da sociedade.

Diante do papel da imprensa e seu contexto de surgimento no Brasil, adentrando mais especificamente na questão da imprensa feminina, é fundamental destacar os estudos de Buitoni (2009) sobre a temática. Ao pesquisar sobre a origem da imprensa destinada ao público feminino, a autora destaca que “o jornalismo feminino já nasceu complementar, revestido de um caráter secundário, tendo como função o entretenimento e, no máximo, um utilitarismo prático ou didático” (BUITONI, 2009, p.29).

Buitoni (2009) aponta que, em nível internacional, o surgimento do primeiro periódico feminino foi na Grã-Bretanha, no ano de 1693; posteriormente, foi na França, em 1758. Aos poucos, a imprensa feminina foi se expandindo timidamente pela Europa, a partir de 1770. Já no Brasil, ela surge mais tardiamente, no começo do século XIX.

Dentro do contexto brasileiro, com a chegada da família real, no século XIX, a sociedade presenciou inúmeras mudanças. Tais transformações refletiram no surgimento da imprensa, principalmente da imprensa feminina, visto que a participação da mulher no meio social era restrita, ficando destinada aos limites do seu lar. Nesse período, com grande parte da sociedade predominando no campo, a partir da mudança da sede do governo, passando de Salvador para o Rio de Janeiro, as transformações foram mais intensas, aceleradas e as áreas urbanas começaram a crescer.

Com isso, segundo Buitoni (2009), a vida da mulher, mais especificamente no Rio de Janeiro, com a presença da corte, tem novas configurações, permitindo sua participação. Diante desse contexto, um fator começou a ter grande relevância para as mulheres da cidade, a moda, que seguia as tendências europeias daquele período. Segundo a autora, o Rio de Janeiro tornava-se, então, “o centro polarizador dos movimentos culturais da época” (p.32).

Evidentemente, a imprensa destinada ao público feminino alinhava-se à moda, trazendo, em suas publicações, vários elementos que podem ser considerados como agentes de uniformização. Até 1930, ao trazer a moda como um conteúdo essencial em suas páginas, as revistas expressavam a influência advinda da cultura francesa por meio de gravuras e dicas de moda. Com isso, a imprensa criava necessidades e abria caminhos para o mercado e o consumo.

De acordo com o levantamento de Buitoni (2009), “O Espelho Diamantino” foi – provavelmente - o primeiro periódico que apresentava conteúdos voltados ao público feminino no Brasil, publicado no Rio de Janeiro, no ano de 1827. O periódico apresentava um subtítulo, dizendo o seguinte: “periódico de política, literatura, belas- artes, teatro e modas” (p.32), sendo publicado quinzenalmente, o que resultou em quatorze edições.

Pode-se considerar, então, que foi a partir de 1820 que a imprensa feminina começa a surgir no Brasil, dentro de um contexto permeado pela agitação política tanto da independência quanto da constituinte, bem como pela efervescência dos movimentos culturais, dentre outros fatores. Com isso, em 1839, também no Rio de Janeiro, surgiu o “Correio das Modas”, que permaneceu com suas publicações até o ano de 1841, com circulação aos sábados. Nesse sentido, Buitoni (2009) destaca que

O formato panfleto dominava o ambiente jornalístico, fruto do clima de transformações da época. Era comum surgirem novos jornais todas as semanas, que não passavam de dois ou três números. O jornalismo era a voz das correntes políticas que se defrontavam em polêmicas impressas, muitas vezes fundadas em boatos e difamação (BUITONI, 2009, p. 32).

A partir do ano de 1840, é que a imprensa vai se estabilizando no Brasil, sobretudo com o início do governo de Dom Pedro II. Ao mesmo tempo, o país passava por um processo de desenvolvimento em setores importantes, como a indústria, comércio e a agricultura. Posteriormente, outros periódicos foram surgindo ao longo do século XIX em todo o país.

Diante das transformações ocorridas no cenário social em todo o país, a imprensa também foi se modificando; aos poucos, ela começou a inserir ilustrações, usando imagens, fotos, desenhos, reestruturando suas produções, criando diferentes formatos. De acordo com Albuquerque (2016, p. 21), a imprensa periódica é composta por “jornais, revistas, gazetas, pasquins, folhetos com notícias corriqueiras, fofocas, textos literários e muita movimentação política vanguardista da época”.

Aos poucos, a imprensa foi deixando sua centralidade no Rio de Janeiro, expandindo-se para outros estados. Com isso, alguns periódicos começaram a adotar uma estrutura empresarial e, assim, começaram a manter sua circulação por mais tempo e a consolidar seu público. Assim como as relações de produção foram se modificando nesse período, o universo político apresentava novas configurações e a imprensa seguia o mesmo rumo; dessa forma, a publicidade passou a ganhar força e ter mais influência, assim como a política.

No início do século XX, mais especificamente na década de 1900, de acordo com Buitoni (2009), ocorreu um aumento das revistas ilustradas brasileiras, bem como foi crescente a sua popularidade. Nesse momento, a imprensa já fazia parte da era capitalista - a nova configuração social - e os jornais dos grandes centros transformaram-se em empresas tanto do ramo comercial como industrial. Em contraponto, com o aumento populacional em alta nas cidades, originaram-se também os jornais de bairro.

Esse século trouxe para a imprensa brasileira um novo marco, que foi a utilização da fotografia. Observou-se, então, um aumento na produção e circulação de revistas ilustradas, nas quais a imagem divide espaço com os textos. Nesse período, houve uma aproximação entre literatura e imprensa, mas, na busca de

alcançar sua particularidade, as revistas afastaram-se da literatura tornando-se “mundanas, de variedades, ou femininas” (BUITONI, 2009, p. 53); outras seguiam uma perspectiva mais crítica; outras, ainda, uma linha de seriedade. Nesse sentido, de modo geral, pode se considerar que:

No século XIX, encontramos duas direções bem definidas na imprensa feminina: a tradicional, que não permite liberdade de ação fora do lar e que engrandece as virtudes domésticas e as qualidades “femininas”; a progressista, que defende os direitos das mulheres, dando ênfase à educação (BUITONI, 2009, p. 47).

O contexto social que permeia as revistas feministas interferia diretamente na sua configuração, desde questões políticas do país, movimentos culturais e sociais; acontecimentos mundiais, como a Primeira Guerra; tendências seguidas na moda, na arte, na cultura e tantos outros aspectos vivenciados no âmbito internacional. Esses e tantos outros fatores influenciavam a construção das narrativas e discursos, as escolhas de conteúdos e toda a estrutura das revistas.

Logo, as revistas tornaram-se também estratégias comerciais por meio das publicidades. Os anúncios surgiam acompanhados de textos e ilustrações que usavam a criatividade para atrair seu público-alvo. Desse modo, a imprensa seguia os interesses da sociedade capitalista, destinando-se a públicos mais específicos. Diante dessa lógica, para Buitoni (2009, p. 205), “toda mídia dentro de uma economia de consumo deve cortejar o entretenimento, porque o circuito produto-desejo-prazer movimenta os mecanismos do mercado”.

A transformação vivenciada pela imprensa, entre os séculos XIX e XX, apontam para uma transição, na qual os periódicos vão saindo de cena para dar lugar aos jornais. Tal fato representa e faz parte dos avanços da sociedade capitalista e das relações que nela se estabeleceram. Com o tempo, os jornais também passam por novos períodos de transição, deixando de ocupar os espaços nas grandes cidades para veicular no interior, assim também ele deixa de pertencer às grandes empresas, tornando-se um empreendimento mais individual (BUITONI, 2009). Sendo assim, de tempo em tempo, a imprensa, como um todo, foi se reestruturando, seguindo novos rumos e adotando diversos formatos, ampliando-se de acordo com as inovações e tecnologias.

Nessa perspectiva, ao falar especificamente sobre a imprensa feminina brasileira, é importante destacar o seu papel social. Assim como todo veículo de

comunicação, ela tem suas especificidades e intencionalidades. Para Melo (2019, p.14), “a mídia servia como instrumento pedagógico para ensinar as mulheres qual era o seu papel, pela divulgação de ensinamentos e doutrinas”; com isso, ela perde sua função primordial, que seria a transmissão de informações e exposição dos fatos.

Com seu caráter pedagógico, a imprensa, sobretudo a destinada ao público feminino, evidenciava normas e regras de conduta, reforçando e perpetuando padrões, além de colaborar para a manutenção de um modelo ideal de mulher. Para Albuquerque (2016), ao discorrer sobre o papel da imprensa feminina, evidencia que havia um projeto formador voltado às mulheres, configurando, assim, um processo de educação não formal. De acordo com a autora,

[...] a revista é mais uma reprodutora de um discurso voltado para “domesticar” a mulher, dar a ela dicas de beleza, ensiná-la a vestir e a portar-se no recôndito do seu lar, além de fazer rir por meio de troças contra ela e enfatizando as diferenças entre os sexos. Trazendo também, o aspecto normativo em toda a estrutura usada. [...] desempenhava, fora dos muros da escola, toda sua natureza educacional, formativa e auxiliando, sobremaneira, no processo de construção do indivíduo e sua relação com outro, com o mundo... (ALBUQUERQUE, 2016, p.30. Grifos nossos).

Como se pode ver, as revistas destinadas ao público feminino, por meio de seus conteúdos, fornecem elementos que contribuem para a construção da identidade feminina. Segundo Buitoni (2009, p. 21), “à primeira vista, receitas culinárias, conselhos de beleza, contos de amor e outros assuntos – comuns às revistas, seções e suplementos femininos do mundo inteiro – são neutros”. A autora segue afirmando que:

Qualquer texto tem um ponto de vista por trás. As inocentes aparências de uma simples receita culinária, os conselhos de beleza, escondem uma imprensa fortemente ideológica. Há toda uma valoração que determina a foto, o tamanho, o título, a legenda, a posição na página, a posição da dentro da revista e assim por diante. Esses critérios de valor estão subordinados a imperativos comerciais, que por sua vez auxiliam na manutenção do sistema (BUITONI, 2009, p. 204).

Diante disso, Buitoni (2009) ressalta que, ao contrário da imprensa voltada ao público em geral⁴⁹, aquelas que se destinam especificamente ao público feminino são

⁴⁹Diante dessa afirmação, Buitoni (2009, p. 22) reitera que, “com isso, não negamos que a imprensa diária seja “ideológica”. Ela é. Como todos os tipos de imprensa, usa de critérios avaliativos para

mais ideologizadas e que, por de trás de uma aparente neutralidade, traz conteúdos muito significativos. Desse modo, ao analisar os diversos elementos presentes nesse tipo de imprensa, visando encontrar seus sentidos, a autora ressalta que isso resulta em pontos de vista e interpretações distintas. Para ela, “a linguagem não serve só para relatar ou descrever. A linguagem *diz* as coisas. E a imprensa feminina, sendo linguagem, diz à mulher. Ela produz formas, configurações que não aparecem à primeira vista” (BUITONI, 2009, p.11).

Corroborando a autora, é fundamental um olhar atento para cada elemento contido nas revistas femininas, visto que, considerando a imprensa como um meio educativo, nela, está expressa uma determinada visão, geralmente alinhada com os interesses de uma classe específica, que vai orientar a seleção de seus conteúdos, configurando-se como parte de um projeto social.

As revistas femininas podem se caracterizar ainda como o que Buitoni (2009) chama de “agentes de uniformização”, já que tinham um conteúdo muito alinhado, sobretudo ao dar grande ênfase na moda. Importando elementos da cultura francesa do século XIX, a imprensa expressava-os nas páginas das revistas, visando consolidar um imaginário feminino hegemônico por meio da vestimenta. Dessa forma, o consumismo era reforçado com base na imprensa, não só por meio da moda, mas também pelos diversos produtos que nela eram divulgados.

Partindo desse pressuposto, a construção da identidade feminina no século XIX foi permeada por um forte elemento, a imprensa, mas especificamente na forma de revistas destinada às mulheres. Os discursos produziam um imaginário, apresentando um modelo ideal de mulher, por meio de dicas de beleza, conselhos amorosos e tantos outros conteúdos; dessa maneira, a manutenção dos padrões era estabelecida, visando à conservação social, mais especificamente o patriarcado.

Um fator importante, destacado por Buitoni (2009, p. 202), é que a imprensa feminina “não se interessa pela mulher individual e histórica, mulher que tem nação, cor de pele, classe, enfim, elementos concretos e mais situadores”. Para a autora, somente um perfil predomina nas páginas das revistas:

selecionar e editar suas matérias”. Em sua obra, a autora distingue os diversos formatos que a imprensa apresenta, sendo alguns de caráter informativo, outros interpretativo; nesse sentido, a ideologia apresenta-se de diferentes formas em cada uma delas. Ver mais em “O papel da mulher. A representação da mulher brasileira pela imprensa feminina brasileira”, de Dulcília Buitoni, 2009.

A mulher branca, sorridente é rotulo e marca do produto chamado imprensa feminina. Verdadeira mulher de papel, que conserva fracos pontos de contato com a realidade. Num país de mestiços, a negra raramente surge em revistas femininas, a não ser como manequim exótico (BUITONI, 2009, p. 209).

Diante do exposto, encontra-se uma grande contradição, pois a mulher brasileira não era representada na imprensa destinada ao público feminino. Havia um único modelo considerado: a mulher branca⁵⁰, de classe média, desconsiderando toda a diversidade presente no Brasil. Outro fator que não aparece nesse tipo de imprensa são os conflitos de classe; é como se não existisse uma divisão social, de maneira que as revistas expressam um modelo universal de mulher e de sociedade. Em relação a essa questão, vale evidenciar que:

Na imprensa feminina, a função econômica é marcante, pois representa um veículo fundamental da civilização do consumo. Em consequência, interfere na organização social. As outras funções são correlatas: a imprensa de instrumento de identificação e de pertinência social – a feminina ajuda a leitora a se identificar com o mundo proposto, da mesma forma que a coloca numa determinada classe social (embora pretenda mostrar uma sociedade sem classes ou melhor, em que o conflito de classes não aparece) (BUITONI, 2009, p. 205).

Nessa perspectiva, a universalização do feminino trouxe o chamado “mundo da mulher”, elemento muito utilizado para perpetuação de comportamentos e padrões. De acordo Perrot (2007, p. 17), “as mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas”. Isso evidencia o caráter mais ideológico da imprensa ao afastar-se do mundo real, desconsiderando diversos aspectos culturais, históricos, políticos e econômicos.

3.2.1 O caráter da conservação social expresso na imprensa: reflexos das relações de poder e dominação

A imprensa feminina por meio das revistas expressava nas mais diversas formas seu caráter educativo. Dentre seus conteúdos que podem ser chamados de “tradicionais”, estão a culinária, moda, comportamento, beleza, dentre outros que

⁵⁰ O ideal de estética feminina, por exemplo, presente no Jornal das Moças, geralmente estava voltado a mulheres de pele clara e magras.

estão interligados com o papel destinados às mulheres, tais como mãe, esposa e dona de casa. Nesse sentido, é preciso ainda considerar a delimitação do meio social - o espaço público para os homens e o privado para as mulheres – que era reforçado e veiculado por meio da imprensa.

Ao utilizar o conselho como forma de linguagem para dialogar com seu público, a imprensa feminina estabelece uma relação de intimidade com suas leitoras ao direcionar um diálogo mais simples, com elementos do cotidiano, partindo do senso comum. Assim, os conceitos, dicas, ideias e opiniões são apresentados de uma forma natural, sendo absorvidos e perpetuados sem questionamentos. Dessa forma, as mulheres assimilavam esses conteúdos que visavam manter determinados costumes e comportamentos.

A educação feminina – informal - produzida pela imprensa estava amparada em três aspectos que compreendiam o papel da mulher: mãe, dona de casa e esposa. Todos esses papéis permeavam o âmbito privado - do lar. Havia uma propagação de comportamentos que eram ou não aceitos socialmente, de acordo com Almeida (2008). Essas normas de conduta, modelos de sociabilidade eram disseminados nos mais diversos conteúdos presente nas revistas, sendo assim, eles estariam reafirmando os papéis tradicionais estabelecidos para as mulheres.

De acordo com Almeida (2008, p. 19), “a assimilação dessas regras [...] aconteceria porque, através da leitura, o indivíduo se apropria de regras sociais e porque os discursos dizem das configurações sociais de que eles fazem parte”. Assim, os ideais propostos pelas revistas eram disseminados por meio das práticas discursivas expressas nos mais diversos formatos e conteúdo. A autora segue afirmando que:

Desde seu surgimento, no século XIX, as revistas femininas propunham-se a levar às leitoras textos amenos e que combinassem com a esfera do privado, local determinado para o desempenho dos papéis sociais destinados às mulheres. A própria veiculação de textos cujos conteúdos reproduziam/sugeriam os lugares de mãe, dona-de-casa, esposa e educadora dos filhos da pátria – aqueles aos quais toda mulher devia almejar - , **já dava indícios que a extensão da função formativa da escola e da família passara a se manifestar também em outros domínios discursivos, tais como da imprensa, por exemplo (ALMEIDA, 2006, p.5. Grifo nosso).**

Nessa perspectiva, as representações femininas veiculadas pela imprensa perpetuam as desigualdades entre os gêneros, promovem opressões e são

discriminatórias, pois naturalizam o papel da mulher como submissa, passiva e frágil, apoiados pelo discurso biologizante – macho e fêmea – em que há uma relação hierárquica entre os gêneros que acaba restringindo a atuação feminina no meio social. Sendo assim, o âmbito público fica destinado aos homens, ficando as mulheres restritas ao âmbito privado. De acordo com Albuquerque (2016, p. 112):

Ao longo da história, em muitos momentos dela, a mulher foi metodologicamente excluída do espaço público, prioritariamente ocupado pelos homens. Ela faz parte de um silêncio nas grandes narrativas e registros de feitos históricos. O espaço social público, em decorrência, foi sendo ocupado pelo homem e esse homem, público, constructo cultural, de uma representação coletiva, estabelecida, transita pelos espaços, decide politicamente, comanda.

Essa invisibilidade histórica em relação à figura feminina se expressa na forma como a mulher é descrita nas revistas. As normas sociais e regras de conduta apontam para a manutenção do modelo patriarcal e conservação da família monogâmica. Conforme Engels (2017), esse modelo monogâmico e patriarcal é baseado na relação de poder, hierárquica, na dominação dos homens sobre as mulheres, estruturada no regime de servidão feminina. O autor ressalta ainda que, em determinados modelos de sociedade e diferentes culturas, a mulher era vista como propriedade do homem, fato que ainda seguiu se perpetuando até os dias de hoje.

Ao falar sobre a dominação masculina, Bourdieu (2002) apresenta o conceito de violência simbólica – os elementos coercitivos configuram-se como simbólicos. Nas relações de poder estabelecidas entre os gêneros, ele destaca o homem como uma figura dominadora, legitimada pela supremacia masculina. A idealização feminina estava associada e amparada por questões biológicas, seguindo, ainda, a lógica cristã, sendo elas naturalizadas. Nesse sentido, Saffioti (2013) aponta que a igreja católica:

[...] tem atuado no sentido de atenuar tensões e retardar mudanças sociais que, de um lado, poderiam reduzir a defasagem entre as estruturas parciais da sociedade e, de outro, elevar as contradições da economia capitalista. Atenuar tensões geradas pela economia de mercado significa, em última instância, para a Igreja, garantir uma posição no status quo presente, de cuja manutenção depende sua sobrevivência enquanto grupo que concentra grande poder de decisão. [...]. Assim, para defender sua posição na estrutura do poder, a Igreja tenta adequar seu corpo doutrinário às expectativas sociais presentes, sacrificando a doutrina cristã sempre que as condições

para a preservação de seu status o exigirem (SAFFIOTI, 2013, p. 141-142).

Priori (2004) evidencia que, no século XIX, a imprensa começou a ter um papel significativo na propagação de ideias que reforcem determinados padrões e modelos de comportamento feminino, mais especificamente voltados para a família e esposo, no qual ressaltam a famosa “natureza feminina”, por meio de atributos e papéis estereotipados, classificados como específicos das mulheres, tais como a fragilidade, submissão, dedicação, dentre outros que evidenciam um lugar inferior e secundário para a mulher.

A autonomia feminina foi sendo conquistada aos poucos; foi preciso persistência e muita luta para conseguir se impor diante da desigualdade estabelecida entre os gêneros. O domínio do próprio corpo e da sua sexualidade também precisou ser garantido, sendo esses controlados pelos homens, sobretudo na função de pai ou esposo, ou ainda pelas instituições religiosas, pelo Estado e pelo discurso da medicina⁵¹ amparado somente pelas questões biológicas (HIATA *et al.*, 2009). Nesse sentido, por meio das relações de poder estabelecidas entre os gêneros, houve a exclusão das mulheres em âmbito social, visto que, na esfera pública, predominava a figura masculina.

A garantia dos direitos civis, políticos e sociais das mulheres demorou a se consolidar, visto que as diferenças sexuais eram consideradas como critério fundamental para estabelecer tais direitos. Nesse caso, a norma de referência era o gênero masculino, figura estruturante da sociedade patriarcal. O princípio hierárquico desse modelo social predominantemente masculino expressa-se no papel que cada um desempenha, na divisão social previamente estabelecida que está pautada na dominação exercida pelos homens sobre as mulheres.

As condições em que vivem homens e mulheres não são produtos de um destino biológico, mas, sobretudo, construções sociais. Homens e mulheres não são uma coleção – ou duas coleções – de indivíduos biologicamente diferentes. Eles formam dois grupos sociais envolvidos numa relação social específica: as relações sociais de sexo. Estas, como todas as relações sociais, possuem uma base material, no caso o trabalho, e se exprimem por meio da divisão social do trabalho entre

⁵¹ De acordo com Hiata *et al.* (2009, p.41): “[...] a Biologia e a Medicina, ou seja, os campos do saber científico que tratam diretamente dos corpos sexuados, podem ter sido influenciados pela percepção social e cultural das diferenças sexuais. Essa influência pode explicar o longo tempo de sobrevivência de argumentos científicos sobre a inferioridade intelectual inata das mulheres[...].”

os sexos, chamada, concisamente, divisão sexual do trabalho ⁵² (HIATA, *et al.*, 2009, p. 67).

A divisão social do trabalho ampara-se em dois aspectos fundamentais, de acordo com Hiata *et al.* (2009), no qual um princípio se baseia na separação que especifica o que é a função ou trabalho destinado para homens ou mulheres; já o segundo princípio, caracteriza-se pela hierarquização, no qual o trabalho desenvolvido por um homem tem maior valor em relação ao da mulher.

A invisibilidade feminina, de acordo com Perrot (2007), no processo histórico, ocorreu, pois as mulheres atuavam especificamente no âmbito do lar, ficando muitas vezes confinadas a ele, dedicando-se exclusivamente ao bom andamento da casa, cuidado dos filhos e marido. Para a autora, “em muitas sociedades a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas: É a garantia de uma cidade tranqüila. Sua aparição causa medo (PERROT, 2007, p.17)”. Diante dessa lógica da exclusão feminina do âmbito público, Rago (2012, p. 592) evidencia que:

A mulher deveria se restringir ao seu — espaço natural, o lar evitando toda sorte de contato e atividade que pudesse atraí-la para o mundo público. A medicina fundamentava essas concepções em bases científicas, mostrando que o crânio feminino, assim como sua constituição biológica, fixava o destino da mulher: Ser mãe e viver no lar, abnegadamente cuidando da família.

Sabe-se que as diferenças elencadas para distinguir os gêneros masculino e feminino são construções sociais, mas as questões biológicas foram amplamente reforçadas ao longo dos tempos. Da mesma forma, o modelo de família – patriarcal e monogâmica – foi e ainda⁵³ é considerado como modelo universal, amparado no discurso biológico e religioso. Esse processo de legitimação que naturaliza os papéis sociais, de acordo com Hiata *et al.* (2009, p. 68), pode ser chamado de “ideologia naturalista”, que se configura como um “destino natural das espécies”.

Diante disso, existe, ainda, o que denominam de “aptidão” atribuída para homens e mulheres, que, de acordo com cada gênero, ela “deve” se expressar de

⁵² A divisão social do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é historicamente adaptada a cada sociedade. Tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc.) (HIATA, 2009, p.27).

⁵³ Mesmo diante de novas configurações sociais, ainda há muita resistência em compreender que não existe um único modelo familiar, que ele não é universal, visto que existem diferentes culturas e formas de viver a sexualidade e, ainda, de estabelecer relações.

modo distinto. Dentre os diversos modos de organização social, tais aptidões são reafirmadas por meio das relações de poder e dominação. Para que essa relação de dominação ocorra, é preciso que haja grupos ou classes de indivíduos que, assim, possam exercer controle, uns sobre os outros.

O conceito de dominação foi abordado pelo sociólogo Max Weber em suas análises a partir do modo de organização social e afirma que esse configura-se como uma forma essencial de poder. Ao apontar os diferentes tipos de dominação⁵⁴, Weber destaca que, por meio da dominação tradicional, estão amparadas as tradições e costumes, sendo assim, pode-se considerar que tais aspectos se tornam fatores essenciais para reforçar e perpetuar um determinado modelo de sociedade, tal como a patriarcal, que reflete nas relações estabelecidas entre os gêneros, por exemplo, na família.

Nessas relações, de acordo com o pensamento de Weber, a dominação ocorre como um modo de manter o respeito a determinada tradição (ou costume), em que uns são submetidos aos outros, nas relações de poder e autoridade. Também envolvem uma questão moral, visto que as normas sociais impostas devem ser seguidas e incorporados por todos e todas, configurando uma relação de obediência, naturalizando-a e fazendo com que determinado modelo social se perpetue.

Já para Pierre Bourdieu, ao abordar o conceito de dominação dentro de um contexto mais específico – na relação entre homens e mulheres - vai apontar que:

[...] sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de **violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas**, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecido, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2002, p.05. Grifo nosso).

O autor salienta que essas relações sociais se expressam pela lógica da dominação que partem de um princípio simbólico, que, para ele, é conhecido e reconhecido por aqueles que dominam e pelos que são dominados. Diante disso,

⁵⁴ Max Weber aponta três tipos de dominação, sendo elas a tradicional, a carismática e a legal. Em sua obra “Economia e sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva”, o autor apresenta a sociologia da dominação, apontando suas estruturas e funcionamentos, as formas de poder e como elas se expressam.

segundo o autor, tais “processos são responsáveis pela transformação da história em natureza, do arbitrário cultural em natural” (BORDIEU, 2002, p.4).

Nessa lógica, ainda segundo o autor, os princípios que contribuem com a perpetuação da dominação não estão concentrados somente em âmbito doméstico; ele é mais abrangente, estando presente em diversas instâncias, tais como o Estado e a escola, que, para ele, são locais que elaboram e impõem os princípios de dominação. Por meio disso, compreende-se que existem diferentes meios de exercer a dominação, podendo, então, considerar a imprensa como um deles.

A incorporação de práticas, de discursos, de costumes e tradições diante do que é veiculado pela imprensa é um meio extremamente eficaz para manter a conservação social. Para tal, a linguagem é adequada para seu público-alvo, assim como todo o conteúdo que será veiculado. A imprensa, no caso mais específico, a destinada ao público feminino, constitui-se como um agente de dominação, que exerce, na visão de Bourdieu, a violência simbólica, já que produz e reproduz as estruturas dominantes do meio social.

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco, negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto (BOURDIEU, 2002, p.43).

Ao usar os mecanismos de reprodução de desigualdades entre os gêneros, as revistas femininas, especialmente o JM, serviam como um grande manual, apresentando padrões e modelos a serem seguidos. Em seus discursos, estava inculcada a supremacia masculina, reflexo daquilo que estava presente no inconsciente coletivo, mas que passava despercebido por muitas das mulheres. As narrativas que compõem as revistas femininas estão permeadas por discursos que visam à conservação dos valores morais e dos bons costumes.

As revistas traziam representações e modelos preestabelecidos, considerando-os como universais, sendo assim, por meio da imprensa, essa forma de dominação simbólica se expressava por meio da acentuação das diferenças, reforçando

estereótipos, naturalizando-os. De acordo com Albuquerque (2016), “é importante refletir [...] como a mulher está situada em um cenário privado e como suas ações, seu corpo, sua consciência, todos esses elementos a levam para uma formação, para um grande projeto de educação da mulher, para o lar, para sua família (p.121)”. Desse modo, ao falar sobre o papel das revistas femininas, Bassanezi (1996) faz a seguinte reflexão:

Essas revistas promoviam os valores sociais dominantes entre os quais estão as desigualdades de gênero presentes nas relações homem-mulher e nos significados de masculino e feminino ligados aos padrões tradicionais (que sustentam a “dupla moral sexual”, a submissão feminina, os papéis e atribuições rígidas para homens e mulheres – aos primeiros, o mundo do trabalho e da política, a elas, as tarefas domésticas e a dedicação prioritária ao marido e aos filhos etc.) (BASSANEZI, 1996, p. 20).

Nesse contexto, mesmo dentro do lar, a mulher é vista como uma entidade educadora que deve prezar pela moralidade e pela integridade de sua família, repassando essa visão para seus filhos e filhas. A partir disso, ao executar seu papel, está garantindo a ordem e progresso social (ALBUQUERQUE, 2002) e, dessa forma, contribui para perpetuação do modelo social vigente, conservando-o.

Desse modo, há uma construção da identidade social dos sujeitos, que se estabelece de forma distinta para cada gênero por meio de papéis distintos. Para Saffioti (1987, p. 09), “rigorosamente, os seres humanos nascem macho ou fêmea. E através da educação que recebem que se tornam homens e mulheres”, assim, sua identidade é socialmente construída.

A referida autora segue evidenciando que a sociedade espera que os papéis sociais sejam desempenhados de acordo com as “diferentes categorias de sexo” (SAFFIOTI, 1987, p.8) e que os campos de atuação, tanto para mulheres quanto para homens são especificados com muita precisão. Por meio dessas construções sociais e culturais, quase sempre pautadas pela visão biológica e religiosa⁵⁵, constituem-se também relações de poder e dominação, na qual, como já reforçamos anteriormente, predomina a supremacia feminina.

⁵⁵ Almeida (2008, p.17) ressalta que “o lugar das mulheres nas sociedades ocidentais – tanto antigas quanto modernas – foi marcado por ditames misóginos que indicavam papéis a serem desempenhados por ela. Durante séculos, no Brasil – com maior ou menor explicitude, a depender da época – dois discursos sugeriram a aversão ao feminino: o da Igreja e o da Medicina”.

Em relação à visão biologizante, atribuída sobretudo ao gênero feminino, Simone de Beauvoir destaca que “elas são mulheres em virtude de sua estrutura fisiológica; por mais que se remonte na história, sempre estiveram subordinadas ao homem” (2008, p. 29). Dessa forma, por meio de atributos que são associados aos gêneros a partir da visão biologizante, um se sobrepõe ao outro. Assim, para o gênero feminino, temos a docilidade, o recato, a fragilidade, a submissão, a passividade; em contraponto, para o gênero masculino, atribuem a autonomia, a virilidade, a autoridade, a força, a supremacia, dentre outros que foram se naturalizando e se perpetuando.

Partindo desse pressuposto, a educação feminina era realizada tanto de modo informal como formal, sendo as revistas um meio importante para realizar esse papel formativo, pois “a leitura é um dos meios de propagação de modelos de comportamentos aceitos socialmente” (ALMEIDA, 2008, p. 18). Para autora, diversos formatos de textos, tais como os escolares, de fruição e religiosos, deixavam explícitos quais eram os comportamentos e lugares mais adequados para as mulheres.

Pode-se considerar que o estabelecimento dessas normas de conduta era disseminado e reforçado pela imprensa, sobretudo, naquelas destinadas ao público feminino, de forma recorrente, objetivando universalizá-las. É preciso considerar que, para os homens, não havia essa preocupação de reforçar tais normas, pois entende-se que elas já estavam estabelecidas, tidas como verdade absoluta, assim, era preciso reforçar e perpetuar tais ideias relacionadas às mulheres para manter esse lugar social do homem de superioridade, de poder e dominação, de maneira que era importante lembrá-las recorrentemente.

Para Pinsky (2009), ao refletir sobre a história das mulheres, evidencia que é importante olhar para as mulheres do passado para reconhecer que a condição feminina se constitui tanto histórica como socialmente, sendo, ao longo do tempo, produzidas e reproduzidas, bem com transformadas. Desse modo, a formação pessoal e social de cada indivíduo efetiva-se também por meio das experiências que eles e elas adquirem pelos meios culturais e ideológicos que reproduzem as relações de poder e dominação.

Em relação a esse processo formativo, Almeida (2006) evidencia que, desde o surgimento das revistas femininas, o propósito era de que seus conteúdos combinassem com o âmbito privado, já que esse local era predeterminado para que a mulher desempenhasse seus papéis. Sendo assim, os conteúdos sugeriam o papel

que elas deviam almejar – mãe – esposa, dona-de-casa – e, dessa forma, expressavam a função formativa que a imprensa desempenhava por meio de seus discursos.

Quanto à educação feminina, de uma forma geral, Parisoto (2020, p. 89) evidencia que “[...] em todos os seus aspectos, contribuiu para a construção, reprodução, manutenção da cultura machista e da desigualdade de gênero”. De forma naturalizada, tais elementos seguem perpetuando-se, visando à manutenção do modelo social – patriarcal.

2.3 A SOCIEDADE PATRIARCAL E SISTEMA CAPITALISTA: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A PERSPECTIVA MATERIALISTA E O ESTABELECIMENTO DE UMA NOVA ORDEM SOCIALA

Para pensar outras possibilidades para a educação da mulher dentro de uma perspectiva de transformação social, visando combater as desigualdades e as diversas formas de violências por elas sofridas, é preciso compreender como se estabeleceu o modelo social vigente – a sociedade patriarcal e capitalista - que interfere diretamente nas relações entre os gêneros.

Nesse sentido, a concepção dialética trazida por Karl Marx auxilia a compreensão das relações sociais e culturais, visto que, em cada período histórico, elas decorrem de formas diversas. Nessa perspectiva, consideram-se as concepções de mundo e de realidade, bem como a visão de homem, de história e de vida para que possa analisar cada contexto e as dimensões de cada processo.

Ao constatar que o ser humano se distingue dos animais por meio da consciência, Marx e Engels (2007, p. 10) evidenciam que eles “[...] começam a se distinguir dos animais logo que começam a produzir seus meios de existência, e esse passo à frente é a própria consequência de sua organização corporal”. Desse modo, ao produzir esses meios de existência, os seres humanos estão produzindo, de forma indireta, a “sua própria vida material” (p.10). Diante disso, o trabalho configura-se como o meio essencial para a vida e é por meio dele que o ser humano vai produzir história, ao mesmo tempo em que transforma a natureza, modificando o mundo em que vive.

A partir dessa constatação, Favoreto, Figueiredo e Zanardini (2017) evidenciam que é por meio do trabalho que as novas necessidades são produzidas, assim como

novas formas de se relacionar, de agir e de pensar. Para os autores, “o trabalho é uma ação determinada pelas condições materiais, culturais e sociais” (p.982). Ademais, seguem afirmando que existe uma relação mútua de constantes construções e reconstruções entre o ser humano e o trabalho, além de assumir um formato histórico.

Desse modo, as relações sociais que começam a ser estabelecidas são produtos das determinações dos indivíduos, da forma como desempenham sua atividade material, visto que se apropriam de modo diferente das riquezas produzidas, das conexões que as estruturas políticas, econômicas e sociais estabelecem, dos vínculos que são criados, das condições externas e internas e de sua forma própria de ser. Assim, constituem-se grupos, classe e modelos de sociedades, com aspirações políticas e culturais diversas, em que uns se opõem aos outros, gerando contradições.

De acordo com Marx, não é possível analisar e compreender uma sociedade sem olhar para as diferenças de classes. Dentro de sua perspectiva, o autor traz a questão das lutas de classe, considerando esse fator como o motor da história. Sendo assim, é por meio da luta de classes que vai ocorrer a transformação social. Segundo Favoreto (2008):

[...] a sociedade capitalista para Marx apresenta um processo de contradição, tanto pelo seu modo de organização, como pela forma de distribuição da produção. Desse modo, diante de interesses opostos e embates, as relações de produção são permeadas por medidas que buscam mantê-las ou transformá-las. Sendo assim, [...] um dado conjunto de forças sociais que podem tanto romper com a ordem estabelecida como manter as estruturas sociais, embora com nova roupagem (FAVORETO, 2008, p.23).

Ao olhar para a sociedade do século XIX, Marx evidencia que, por meio de discursos ideológicos, determinados grupos privilegiados interferiam na forma como era visto o surgimento e desenvolvimento social, visando, assim, conter o processo de transformação, mantendo a conservação dessa sociedade. O intuito era não gerar oposição entre a classe explorada e classe burguesa.

Marx identifica, na sociedade do século XIX, que as relações sociais se dividem entre capital e trabalho, sendo assim, a revolução industrial⁵⁶ é marcada pela divisão

⁵⁶ A Revolução Industrial acontece no século XVIII, tendo seu início na Inglaterra; posteriormente, foi se expandindo em todo o mundo. Ela trouxe grandes transformações por meio do desenvolvimento tecnológico para a indústria refletindo na economia mundial. Dentro desse contexto, surge a sociedade capitalista, consolidando-se como sistema econômico, que proporcionou uma mudança no estilo de

do trabalho. A força de trabalho associada às máquinas possibilitou o aumento da capacidade produtiva, resultando na ampliação dos consumidores. Assim, o avanço tecnológico industrial proporcionou novas configurações para as relações de trabalho, permeada pela exploração da mão de obra e condições degradantes de trabalho.

Ao passo que a sociedade avançava no contexto econômico e tecnológico, as relações de produção estabeleciam situações desiguais e de exploração atreladas às relações de poder e dominação. A sociedade passou a se dividir em classes - proletários e burgueses, aqueles que vendem sua força de trabalho e aqueles que detêm os meios de produção -; assim, configura-se a lógica da sociedade capitalista.

Nesse sentido, de acordo com a perspectiva marxista⁵⁷, a naturalização das desigualdades sociais pela burguesia expressa as contradições do capitalismo, que, para se manter, faz uso de mecanismos de dominação. Assim, as classes dominantes universalizam suas ideias, apresentando-as como único meio possível, dando a falsa impressão de que ela é interesse de todos e todas para exercer a dominação, independentemente da classe social a que pertençam.

Dentro desse contexto de mudanças, as relações entre os gêneros passaram por algumas transformações, de maneira que, segundo Engels (2017), a partir do desenvolvimento do sistema de produção, ocorreram também mudanças nas estruturas familiares. Dentre as várias formas de organização familiar, apontadas por Engels, em sua obra “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”, evidencia que, antes da estruturação da sociedade patriarcal e da família monogâmica, houve outras formas de organização familiar⁵⁸. Segundo Parisoto (2020, p. 27):

É difícil distinguir a história geral das questões de gênero, pois, no que se refere à opressão sobre o gênero feminino, esse fenômeno coincide com a história da civilização, com o desenvolvimento do sistema produtivo e o surgimento das diferenças sociais.

vida, nas relações de trabalho e de consumo, bem como no processo produtivo. Junto com o avanço tecnológico, o novo modo de produção evidenciou mudança nas relações de trabalho; com o aumento da produtividade, veio também a necessidade de mais mão de obra, sendo assim, os trabalhadores viram-se explorados e com condições indignas de trabalho. Dessa forma, novas configurações começaram a ocorrer no contexto social, político e econômico, refletindo diretamente nas relações de gênero.

⁵⁷ Ver mais em: A Ideologia Alemã, de Marx e Engels, 2007.

⁵⁸ Ver mais em: A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado, de Friedrich Engels, 2017

Diante do exposto, não há como compreender as questões de gênero deixando de lado os aspectos históricos, culturais e sociais que compõem as relações humanas. Por isso, para pensar em transformação social, é necessário compreender os fatores que conservaram a sociedade até o presente momento. Engels (2017) fala das contradições sociais que existiram ao longo dos tempos permeadas por relações hierárquicas e de poder, bem como do papel ocupado pela mulher, quase sempre estruturado em situações de opressão. De acordo com o autor,

[...] a primeira oposição de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher, na monogamia e que a primeira opressão de classe coincide com a opressão do sexo feminino pelo masculino. A monogamia foi um grande progresso histórico, mas, ao mesmo tempo, inaugura, juntamente com a escravidão e as riquezas privadas, aquele período que dura até nossos dias, no qual cada progresso é simultaneamente um relativo retrocesso e no qual o bem-estar e o desenvolvimento de uns se realizam às custas da dor e da repressão de outros. Ela é a forma celular da sociedade civilizada, na qual já podemos estudar a natureza das oposições e das contradições que atingem seu pleno desenvolvimento nessa sociedade (ENGELS, 2017, p. 89).

Para Engels (2017), a dominação dos homens sobre as mulheres é a base da família monogâmica-patriarcal, que visa, por meio da reprodução familiar, preservar sua riqueza. Pautadas na relação de poder, esse modelo familiar coloca a mulher na condição de submissão em relação ao homem – na condição de esposo, chefe da família e pai. Nesse contexto, predominava a invisibilidade do trabalho feminino, visto que o cuidar da casa e dos filhos não era valorizado. Aqui, surge a divisão dos espaços sociais, estando a mulher sujeita ao espaço privado, do lar, e o homem, ao espaço público.

O protagonismo do homem, a partir do trabalho fora de casa, visando ao sustento da família, ocasionou a sua supremacia, enquanto a mulher, destinada às tarefas do lar e educação dos filhos, não tinha reconhecimento, pois isso não era considerado uma forma de trabalho. Com o advento da industrialização, a mulher da classe trabalhadora passou a ter uma dupla jornada; além dos afazeres do lar e cuidados com os filhos, precisou ainda trabalhar nas fábricas para ajudar no sustento do lar.

Já a mulher da classe burguesa, diante das transformações sociais e do processo de urbanização, de acordo com Saffioti (2013), buscava entretenimentos nas

idades, frequentando festas, igrejas e teatros. Elas também não tinham tamanha preocupação com os cuidados dos filhos e da casa, como as proletárias, visto que outras mulheres desenvolviam suas tarefas sendo suas subordinadas.

Mesmo diante de algumas diferenças no modo de vida, as mulheres estavam submetidas ao olhar disciplinador imposto socialmente. Havia um modelo idealizado de mulher, reforçado na sociedade patriarcal e pelo sistema capitalista. De acordo com Priore (2004, p. 304), uma nova ordem social era estabelecida e as imposições

[...] tinham o respaldo da ciência, o paradigma do momento. A medicina social assegurava como características femininas, por razões biológicas: a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal. Em oposição, o homem conjugava à sua força física uma natureza autoritária, empreendedora, racional e uma sexualidade sem freios. As características atribuídas às mulheres eram suficientes para justificar que se exigisse delas uma atitude de submissão, um comportamento que não maculasse sua honra.

Fica expresso que, mesmo com as modificações nos modos de produção e nas estruturas sociais, e ainda as mudanças na organização familiar ao longo do tempo, a mulher sempre encontrou limitações nos mais diversos âmbitos sociais. Outro fator predominante nesse contexto é a supremacia masculina em detrimento da inferioridade feminina, um papel secundário da mulher.

Segundo Saffioti (2013, p. 65), “o aparecimento do capitalismo se dá, pois, em condições extremamente adversas à mulher”. Assim, por meio do processo de individualização que o modo de produção capitalista acabava de instaurar, a mulher encontrava-se em situação de desvantagem social, sendo ela, de acordo com a autora, caracterizada em duas dimensões,

[...] no nível superestrutural, era tradicional uma subvalorização das capacidades femininas traduzidas em termos de mitos justificadores da supremacia masculina e, portanto, da ordem social que a gerara; no plano estrutural, à medida que se desenvolviam as forças produtivas, a mulher vinha sendo progressivamente marginalizada das funções produtivas, ou seja, periféricamente situada no sistema de produção (SAFFIOTI, 2013, p.65-66).

Contudo, o modo de produção capitalista utiliza-se da diferença sexual como meio de inferiorizar a mulher, interferindo positivamente para a composição de uma sociedade competitiva, refletindo, então, “na constituição das classes sociais” (SAFFIOTI, 2013, p.66). Desse modo, por meio da naturalização dos fatores

biológicos e pela chamada “imperfeição” feminina, a mulher é considerada como “elemento obstrutor do desenvolvimento social, quando na verdade, é a sociedade que coloca obstáculos à realização plena da mulher” (SAFFIOTI, 2013, p.66).

Essa inferiorização social sofrida pelas mulheres acarretou inúmeras desvantagens à sua relação com o trabalho, visto que o sistema capitalista as explorou em sua máxima, ofertando um trabalho intenso, com longas jornadas e baixos salários. A partir do processo de urbanização provocado pela revolução industrial, a população do campo, de modo geral, ao deixar o trabalho doméstico, rural ou artesanal, teve poucas opções a não ser torna-se um assalariado ou assalariada, já que o trabalho independente ficou limitado. Dessa forma, homens e mulheres passaram a vender sua força de trabalho (SAFFIOTI, 2013).

Diante desse contexto, tanto a exploração quanto a dominação da mulher pelo homem ocorreram de dois modos no sistema patriarcal: um, dentro do lar, onde seguia aquilo que é imposto pelo seu esposo; outra, é fora dele, no trabalho, de forma que, além de cumprir uma dupla jornada, estava sujeita a situações desiguais, com baixos salários, carga horária exaustiva e condições insalubres. Segundo Saffioti (1987, p. 51), “a mulher é, no plano mais geral da sociedade, alvo da exploração da sociedade capitalista”. Em seu livro, Federici (2019) afirma que:

Conseguir um segundo emprego nunca nos libertou do primeiro. Ter dois empregos apenas significou para as mulheres possuir ainda menos tempo e energia para lutar contra ambos. Além disso, uma mulher, trabalhando em tempo integral fora ou dentro de casa, casada ou solteira, tem que gastar horas de trabalho na reprodução da sua própria força de trabalho, e as mulheres bem sabem a tirania dessa tarefa, pois um vestido bonito e um cabelo arrumado são condições para arranjar um emprego, tanto no mercado conjugal quanto no mercado de trabalho assalariado (FEDERICI, 2019, p.69).

Segundo a autora, mesmo a mulher conseguindo ter um emprego assalariado, não significa que ela está livre do trabalho doméstico. As múltiplas jornadas proporcionam uma situação desgastante para as mulheres, colocando-as num patamar ainda mais desigual. Desse modo, mesmo que a condição de assalariada seja considerada um avanço para as mulheres – trabalhando nas indústrias e fábricas - tal situação não trouxe melhorias para sua condição enquanto mulher.

Para Parisoto (2020), com a necessidade da mão de obra feminina, sobretudo nas indústrias, devido à alta demanda, as mulheres tiveram uma participação significativa dentro no mercado de trabalho. Sendo assim, no século XX,

principalmente nos países europeus, nos períodos entre a Primeira e Segunda Guerra Mundial, as mulheres chegaram a ocupar mais da metade da mão de obra na indústria. Entretanto, de acordo com a autora,

[...] quando houve a necessidade social do trabalho da mulher, ela não era tida como inferior ou fraca. Assim, ela passou a realizar as diversas funções, anteriormente desempenhadas por homens, porém, efetivado o período de necessidade da sua mão de obra, volta-se a enfatizar o papel social da mulher no lar (PARISOTO, 2020, p.57).

Mesmo diante dessas condições, as mulheres seguiram ocupando espaço no mercado de trabalho, na maioria das vezes, pela necessidade de complementar a renda familiar. Mas, ainda assim, continuavam a ocupar cargos inferiores e mal remunerados. De acordo com Bauer (2001), houve também uma nova configuração social no período que sucedeu a Segunda Guerra Mundial, que veio para redefinir a divisão das formas de trabalho entre homens e mulheres. Nesse sentido, de acordo com ele:

Trabalhos que anteriormente haviam sido realizados por homens, foram-se “feminizando” e assim foram perdendo seu prestígio social. Ao mesmo tempo, criaram-se naqueles setores reconhecidos socialmente como compatíveis com sua condição feminina, e que reproduziam as características do trabalho no lar: têxtil, confecção, alimentação, ensino, enfermagem etc. (BAUER, 2001, p. 97).

Em contrapartida, num contexto mais geral, muitas mulheres desempenham suas atividades dentro do lar, visto que precisavam associá-lo com os afazeres domésticos e cuidados com os filhos e mesmo pela questão cultural fortemente presente que reforçava que seu lugar era dentro de casa. A partir disso, pode-se considerar que as mulheres das classes menos favorecidas precisaram trabalhar de alguma forma para contribuir com o sustento da família, entretanto, sempre em situações inferiores e desiguais perante o homem. “Nesse processo, as mulheres, principalmente as de classes populares e operárias, foram subordinadas à exploração capitalista bem como ao patriarcado” (PARISOTO, 2020, p. 81). Já as de classes mais abastadas, permaneciam perpetuando o modelo idealizado de mulher, desenvolvendo suas funções primordiais dentro do lar, tendo o homem como provedor.

A consolidação do sistema capitalista e suas transformações sociais contribuíram para uma modificação nas formas de convivência social, permitindo,

ainda, uma reorganização familiar e novos modo de pensar. Tal fator tem sua relevância a partir da ascensão de uma classe dominante, a burguesia, que estabelecia essa nova ordem social por meio das relações de poder diante da classe dominada, os proletários.

Nessa perspectiva, o movimento feminista surgiu para questionar as relações de opressão e desigualdade entre os gêneros diante da ordem social imposta. No início do século XIX, o movimento veio para questionar as situações da divisão sexual por meio da tomada de consciência, do reconhecimento das situações de opressão e da invisibilidade do trabalho feminino. Desse modo, o movimento feminista reivindicava os direitos civis e acesso à cidadania plena para as mulheres. A busca pela transformação social visava ao reconhecimento das mulheres enquanto possuidoras de direitos políticos e sociais. Sobre esse aspecto, Guacira Lopes Louro (1997) aponta que:

Tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito — inclusive como sujeito da Ciência. É preciso notar que essa invisibilidade, produzida a partir de múltiplos discursos que caracterizaram a esfera do privado, o mundo doméstico, como o "verdadeiro" universo da mulher, já vinha sendo gradativamente rompida, por algumas mulheres (LOURO, 1997, p.17).

De acordo com Louro (1997), as mulheres pertencentes à classe trabalhadora, assim como as camponesas, já exerciam há tempos diversas atividades fora do lar, tanto nas lavouras como nas indústrias. De forma gradativa, as mulheres passaram a ocupar outras formas de trabalho, por exemplo, no comércio, na área da saúde e nas escolas, mas sempre desempenhando funções secundárias, controladas pelos homens. A autora evidencia a ausência feminina em diversas áreas, como na ciência, artes e letras, e que esse era um fator apontado pelas feministas ao observar os lugares ocupados pelas mulheres.

Ao observar o caráter desigual, desde as condições de vida e as de trabalho nos diferentes âmbitos sociais, o movimento feminista vê uma necessidade de avanço no que diz respeito ao debate das desigualdades sociais que geram as situações de opressão e submissão feminina. Segundo Louro (1997, p. 21), “para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa

observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos”.

De acordo com a autora, a justificativa para as desigualdades de gênero que associam essa condição às características biológicas não deve ser algo determinante, entretanto, esses argumentos acabam se solidificando. Desse modo, a argumentação que usa a distinção biológica existente entre homens e mulheres permite que haja uma predeterminação dos papéis que ambos devem desempenhar socialmente, o que gera e justifica as desigualdades sociais (LOURO, 2017). E segue afirmando que:

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico (LOURO, 2017, p. 21).

Compreende-se, aqui, a necessidade de realizar uma análise do caráter social das relações de gênero enfatizando tanto as condições sociais quanto históricas que foram produzidas e reproduzidas a partir do caráter biológico, assim, contribuindo para a naturalização e perpetuação das desigualdades. Nesse sentido, a pesquisa histórica fundamenta-se na necessidade de compreender o ser humano, sua relação com a natureza e atuação no meio em que vive, as mudanças e transformações ocorridas ao longo do tempo e as relações estabelecidas entre si e com os outros.

4 UMA EDUCAÇÃO PARA ALÉM DO JORNAL DAS MOÇAS

Desde seu surgimento, a imprensa adotou diversas formas de trazer informação e propagar ideias. Ao longo do tempo, ela foi se aprimorando, expandindo seu público-alvo e selecionando conteúdo de acordo com eles. Ela apresentou-se em diferentes formatos e passou a dividir-se em imprensa informativa, de entretenimento, dentre outras modalidades. Assim, surgiu a imprensa feminina que veio com força total no século XIX, configurando-se como um meio educativo informal, expresso sobretudo nas páginas das revistas destinadas a tal público.

As revistas femininas eram compostas por um caráter normativo, apresentando um modelo de sociedade e uma visão de mulher universalizante. Com uma perspectiva ideologizante, a imprensa reafirmava comportamentos estereotipados, reforçados pelo patriarcado, no qual a mulher, dentro do âmbito privado, estava predestinada aos papéis de mãe, esposa e dona de casa. A naturalização da figura feminina associada a esses papéis preestabelecidos estava presente nos diversos conteúdos apresentados pelas revistas, sejam eles relacionados com a moda, beleza, culinária, conselhos, dicas de comportamento, dentre outros.

Dessa forma, a imprensa, por meio das revistas femininas, atuava a partir de uma perspectiva formadora, de caráter educativo, visando garantir a manutenção de um determinado modelo social. Nessa sociedade patriarcal, a mulher ocupa um papel secundário, de pouca visibilidade, em detrimento da supremacia masculina, tendo em vista que, para ela, destina-se o espaço privado; já para os homens, há o espaço público. A partir disso, a desigualdade entre os gêneros é naturalizada, reforçada e perpetuada, nesse caso em específico, utilizando a imprensa como uma importante ferramenta.

Para pensar sobre as possibilidades de uma transformação social que busca romper com os padrões impostos pelo patriarcado, é preciso refletir sobre o que foi exposto até aqui, partindo do pressuposto de que é fundamental a compreensão de que a dominação e opressão feminina pelo homem não é algo natural, nem biológico, conforme afirma Lerner (2019), mas sim que ela é produto de um desenvolvimento histórico. Dessa forma, o patriarcado, enquanto um sistema de organização social, é passível de ser abolido, de acordo com a autora, por meio dos processos históricos.

Para tal, o movimento feminista, desde o seu surgimento no século XIX, vem contribuindo para a luta por direitos, igualdade e emancipação feminina. Por meio

dele, a condição feminina foi questionada, a partir da tomada de consciência, assim, as mulheres passaram a compreender que estavam vivendo dentro de um contexto de dominação e opressão, permeado por inúmeras formas de violência. Desse modo, a educação feminina deve ser analisada tanto em seus contextos formais como informais, pois é por meio dela que a dominação masculina é naturalizada e perpetuada, com base em inúmeros dispositivos.

4.1 A EDUCAÇÃO DA MULHER NA PERSPECTIVA DO MOVIMENTO FEMINISTA E AS POSSIBILIDADES DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Ao compreender as construções históricas e sociais que permeiam as relações entre os gêneros, partimos para uma reflexão a partir do movimento feminista, que traz uma nova perspectiva, apontando uma concepção de mulher. Nesse sentido, ao observar como ocorre o processo educativo e formativo, tanto dos homens como das mulheres, é possível refletir sobre novas formas de desempenhar uma educação emancipadora, que possibilite uma efetiva transformação social.

Dessa forma, a partir da invisibilidade feminina ao longo da história e do papel de protagonista elencado ao homem, percebe-se a importância de destacar os fatores que contribuíram para tal situação. Ao apontar diversos fatores na sessão anterior, fica evidente que, de acordo com os modelos sociais vigentes em cada sociedade ou período histórico, foram fundamentais para pensar as relações de poder e dominação que se estabeleceram entre os gêneros.

As desigualdades sociais, a opressão e submissão feminina são pautas que deram origem a inquietações e questionamentos em relação à situação das mulheres em todos os âmbitos sociais ao redor do mundo. Nesse sentido, diante das novas configurações sociais oriundas do advento do capitalismo, a partir da revolução industrial e das novas formas de relação que foram se estabelecendo, a necessidade de igualdade entre os gêneros coloca-se como discussão central diante desse contexto.

O movimento feminista pode ser considerado “enquanto ação organizada de caráter coletivo que visa mudar a situação da mulher na sociedade, eliminando as discriminações a que ela está sujeita” (GOLDENBERG; TOSCANO, 1992, p.17). Nesse sentido, ao tomar consciência de sua posição na sociedade, tanto de forma

individual como coletiva, as mulheres começaram a manifestar o desejo de mudança social, sobretudo nas relações desiguais às quais estavam sujeitas.

A luta pelo sufrágio feminino, de certo modo, instigou o surgimento do movimento feminista ao redor do mundo, assim como a luta pelo acesso à educação e ao mundo de trabalho de forma igualitária, condições dignas de salário e direitos trabalhistas, proteção à maternidade e busca pelo reconhecimento enquanto cidadãs detentoras de direitos, assim como os homens.

Diante do fenômeno da opressão feminina, surgiram inúmeras vertentes ou correntes de pensamento dentro do feminismo. Esse fator não desconsidera a luta por direitos, igualdade e emancipação feminina, mas sim apresenta diferentes modos de análise e compreensão da condição das mulheres e suas lutas. Desde as primeiras manifestações do movimento feminista, várias tendências foram sendo denominadas, tais como: feminismo radical, socialista, marxista, liberal, burguês, trans, etc.⁵⁹ (MCCANN *et al.*, 2019).

Contudo, vale evidenciar que o feminismo de modo geral traz consigo a crítica em relação à dominação masculina nas suas mais diversas expressões. Ele reconhece que existe uma ordem social pautada na supremacia masculina e que há uma classe oprimida, a das mulheres. Um dos seus principais objetivos é transcender esse modelo social, abolindo a opressão sexista.

Nesse sentido, somente analisando as particularidades de cada configuração social é que se pode compreender as condições históricas que determinam a construção das relações de produção, de poder, de classe e de gênero. Assim, nessa seção, abordamos um pouco do contexto mundial, em relação ao surgimento do feminismo enquanto movimento que reivindica a emancipação feminina e luta pelos direitos políticos, bem como o contexto brasileiro, que, inspirado pelos movimentos

⁵⁹ Em “O livro do feminismo” (2019), encontramos o que pode ser chamado de uma certa divisão por períodos, em relação ao movimento feminista. Nele, a chamada primeira onda do feminismo surge em meados do século XIX, chegando até o início do século XX, tendo como preocupação principal a luta pela igualdade de gênero. Já a segunda onda, é datada entre os anos de 1960 a 1980, surgindo com a finalidade de examinar as raízes da opressão feminina. A terceira onda, a partir dos anos de 1990, traz a discussão sobre o racismo, o sexismo e o preconceito de classes. Em 2012, emerge a quarta onda, trazendo para o debate as questões sobre abuso sexual, disparidade salarial, reforçando o ativismo por meio da mídia, sobretudo nas redes sociais. Dentro das chamadas ondas do feminismo, surgiram diversas tendências que adotavam pautas mais específicas, com diferentes abordagens e ideologias, mas todos com um pensamento em comum, a busca por direitos e igualdade.

internacionais, começa a se organizar enquanto movimento de luta por direitos femininos e sua emancipação.

4.1.1 Os princípios de uma educação feminista: breves considerações sobre o surgimento do movimento diante do contexto mundial e nacional

O feminismo nasceu entre o fim do século XVIII e início do século XIX. Nesse período, mulheres, em várias partes do mundo, começaram a questionar sua condição social⁶⁰. Ao observar as desigualdades que permeavam as relações sociais, de forma individual ou coletiva, as mulheres começaram a refletir e adotar posições diante de algumas situações que as afetavam.

No século XVIII, a visão predominante em relação à figura feminina era de que mulher era naturalmente inferior ao homem em todos os aspectos. Essa visão era fortemente reforçada pela Igreja e incorporada pela maioria das mulheres. Enraizada no sistema patriarcal, a dominação masculina encontrou-se presente na maioria dos modelos sociais nos mais diversos períodos. Ao passo que as sociedades se tornam mais complexas, houve a necessidade de regulação, assim, o patriarcado estabeleceu-se quando os homens começaram a se impor, reforçando seu poder por meio de sua posição cultural e social.

Conforme citado, a partir das transformações sociais provocadas pelo processo de industrialização, as mulheres veem mudanças em relação à sua situação e inserção social. O processo de industrialização promoveu uma separação gigante para as mulheres; surgiu um enorme abismo entre as classes das trabalhadoras e da classe média. A posição social passou a dividi-las entre privilegiadas e proletárias, mas, mesmo com essa distinção, ambas passavam por situações de opressão.

Dentro desse contexto, o feminismo surgiu diante dessa nova configuração social que perpassa todas as sociedades atravessadas pela corrida industrial e tecnológica, pela instauração de um novo modo de produção e sistema econômico. Dessa forma, muitos países estavam inseridos num quadro de mudanças profundas, assim como as relações sociais também se modificaram, a partir dessa nova estrutura.

⁶⁰ Tal fato não afirma que, em períodos anteriores, não havia questionamentos sobre a condição feminina, mas, aqui, vamos nos deter a expressar um momento mais específico, a partir do surgimento do movimento feminista.

A chamada Primeira Onda do feminismo ocorreu em meados do século XIX a início do século XX, na busca por mudanças nas diversas instituições que oprimiam as mulheres, buscando exigir direitos iguais perante a lei, no trabalho, na política e na educação. Vale lembrar que o movimento feminista não pode ser considerado como algo unificado, pois as diversas abordagens políticas e ideológicas eram conflitantes e divergentes dentro do próprio movimento.

Dentro do contexto Europeu, em 1789, Olympe de Gouges ficou conhecida ao propor a “Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã”, que visava abolir os privilégios masculinos. Desse modo, fez com que o tema sobre a emancipação feminina tivesse destaque, assim, nas convenções, associações e organizações, geridas por mulheres, o tema discutido era a situação de desigualdade em que viviam. De acordo com Saffioti (2013), depois dos esforços de Olympe de Gouges, o feminismo ficou silenciado por um período de quase três décadas.

Diante do contexto da Revolução Francesa⁶¹, de 1848, permeado pela agitação social promovida pela instituição do decreto do sufrágio universal que exclui as mulheres, a luta das feministas é intensificada. Diante disso, inúmeras tentativas de obter o direito ao voto ocorrem sem sucesso. Mas, de acordo com Saffioti (2013, p. 165), “o feminismo francês não se deixou absorver inteiramente pela questão do sufrágio das mulheres”, pois surge a necessidade de incluir outras pautas, tendo em vista as denúncias em relação às condições de trabalho feminino, tais como o salário baixo e a jornada excessiva.

Nesse contexto, começaram a surgir as primeiras organizações operárias lideradas por mulheres reivindicando uma reorganização do trabalho. Dessa forma, o feminismo junta-se à luta da classe operária. Mesmo com a proliferação de associações femininas, o movimento acaba se dividindo e perdendo força diante das relações de poder estabelecidas naquele contexto social.

A partir de 1900, o sufrágio começou a ganhar novo impulso; de acordo com Saffioti (2013, p. 168), “conferências, congressos, comícios e manifestações são realizados pela União Francesa pelo Sufrágio das Mulheres, fundada em 1909”. Em

⁶¹ A Revolução Francesa, iniciada no ano de 1848, fez parte de uma onda de revoluções ocorridas na Europa. O movimento revolucionário pôs fim à Monarquia instaurando a chamada “Segunda República Francesa”. Foi um contexto de inúmeros conflitos e ascensão de movimentos de cunho liberal, novas ideologias – tais como socialismo e anarquismo - permeado por atos revolucionários entre burguesia e classe operária. Nesse mesmo ano, vale ressaltar que Marx e Engels lançavam sua obra, o Manifesto Comunista, partindo dos ideais socialistas.

1919, houve aprovação de um projeto para voto feminino, mas, depois de três anos, ele foi rejeitado pelo Senado francês. Após muitas tentativas, somente no ano 1944 é que as mulheres adquiriram o direito ao voto. Desse modo, as mulheres começaram a fazer parte das assembleias políticas, mas, depois de alguns anos, a sua participação começou a decrescer.

Já na Inglaterra, um fato que marcou o início de protesto pela condição da mulher começou a partir de 1792, por meio de uma obra de Mary Wollstonecraft, denominada *Reivindicação dos Direitos da Mulher*⁶². Entretanto, as mulheres inglesas, sobretudo as operárias, não reivindicavam a sua situação desigual, somente se posicionaram em relação a leis para garantir seu trabalho. Saffioti (2013, p. 170) afirma que “foram as mulheres dos estratos médios que se lançaram, pouco a pouco, na luta pela conquista de melhores oportunidades de trabalho e de educação e pela liberdade política.”

Entretanto, essa parcela de mulheres pertencentes à classe média promovia a segregação sexual a partir de princípios de moralidade – pautados no princípio vitoriano⁶³ - divergindo com outras mulheres pertencentes a pequenos grupos que tentavam garantir sua integração social. Contudo, mesmo adotando essa postura, esse grupo de mulheres não conseguiu atingir seu objetivo, que era prejudicar o desenvolvimento do feminismo, pois houve resistência.

Diversas manifestações permearam a sociedade inglesa ao final do século XIX, marcado pela militância do movimento feminista. Conferências, passeatas, manifestações de rua permeadas por muitos embates envolvendo figuras do cenário político e até mesmo a polícia, o que acarretou prisões e situações de greve de fome por parte de integrantes do movimento.

Uma mudança no cenário social permite uma nova configuração do papel da mulher com a Primeira Guerra mundial. Era o momento em que as mulheres poderiam desempenhar as atividades desenvolvidas pelos homens – tendo em vista que

⁶² Mary Wollstonecraft, além de escritora e filósofa, posicionava-se em defesa das mulheres, sobretudo as inglesas. Foi considerada uma pioneira do feminismo e inspiradora do movimento no século XIX. Sua obra, *Reivindicação dos Direitos da Mulher*, serviu de base para o feminismo, pois trazia ideias revolucionárias, reivindicando igualdade no processo de educação feminina, pois, ao contrário delas, a educação masculina visava garantir independência do homem. Para ela, a emancipação, autonomia e liberdade feminina poderiam ser adquiridas pelo acesso ao conhecimento.

⁶³ Para Saffioti (2013, p. 172), “as concepções vitorianas sobre a mulher, primando por acentuar as diferenças entre os sexos, significaram, de um lado, entraves consideráveis à evolução regular das ideias emancipacionistas e, de outro, tornaram o homem, através de uma supervalorização de seus papéis, um modelo de liberdade a ser imitado.”

estavam na guerra - e tinham a possibilidade de provar sua capacidade no sistema de produção, devido à necessidade de mão de obra. Trata-se de um elemento importante para a política das diferenças de gênero, mas que não resolveu a situação feminina. Para Goldenberg e Toscano (1992, p.20-21):

[...] a Primeira Guerra Mundial marcou um momento crucial no processo de incorporação das mulheres à sociedade. [...] Entretanto, logo após o armistício, houve uma retomada das teses conservadoras, segundo as quais “lugar da mulher é no lar”, deixando clara a manipulação que os governos fazem da participação feminina no mercado de trabalho.

Posterior a isso, após as reivindicações de direitos políticos, a conquista do voto das inglesas surgiu com algumas restrições, elencado para mulheres acima de 30 anos, adotando um caráter classista, que permitia somente aquelas que eram proprietárias ou casadas com algum proprietário. Então, é no ano de 1928 que o voto foi concedido a todas as mulheres acima de 21 anos.

Nos Estados Unidos, diante do seu caráter escravocrata, algumas mobilizações começaram a acontecer. No ano de 1837, foi realizado, pelas americanas, um colóquio antiescravista. Ao olhar para a condição dos escravizados e escravizadas, as mulheres acabavam refletindo também sua condição e tomavam consciência dos problemas que enfrentam, assim, visavam a um movimento de conscientização.

Em 1848, surgiu a Proclamação dos Direitos da Mulher, que denunciava a submissão feminina e reivindicava acesso à educação como forma de viabilizar sua participação na vida pública. Com a movimentação dos ideais feministas pautados na luta pela emancipação das mulheres, houve a necessidade de combater os mitos religiosos que começaram a ser revividos nesse período. As leis divinas eram subvertidas e as feministas eram associadas com a destruição familiar, acusadas de querer impor uma escravidão masculina, desse modo, era preciso desmistificar e romper os tabus para vencer os preconceitos (SAFFIOTI, 2013).

A condição da mulher americana foi se modificando em cada região; em algumas localidades, elas tiveram mais facilidade de participar dos espaços públicos, em outras, as condições de vida permitiram a redução das desigualdades. Diante disso, vale ressaltar que a grande parte das líderes feministas era da classe média, as quais buscavam expandir seus campos de atuação; já a classe das operárias, queria garantir o direito à instrução e melhores condições de trabalho.

O direito ao voto feminino foi concedido de forma separada entre os estados americanos; primeiramente, Wyoming, em 1896; posteriormente, o Colorado, em 1893; e, em 1896, Utah e Idaho. Até o ano de 1913, nove estados concederam o voto feminino, segundo Saffioti (2013). A autora relata que as mulheres começaram a ter mais oportunidade a partir do crescimento econômico e que a inserção ao mercado de trabalho acentuou-se assim como a sua instrução, tanto em nível médio como superior. A partir disso, começaram as manifestações nas mais diversas formas na busca de estender o voto feminino a toda a nação americana. Então, em 1919, uma parte da América conseguiu vencer a luta pelo sufrágio, entretanto, em alguns países, ela continuou por muitos anos.

Em países, como Alemanha⁶⁴, o processo de constituição de lutas femininas começou a partir de 1790; seguindo os passos de outros países, também precisou de muita luta para conceber direitos às mulheres. Um fator importante a destacar é a união do feminismo com o socialismo⁶⁵, mas essa vinculação gerou uma divisão dentro do movimento pela incompatibilidade de ideias.

Como em outros países, após a Primeira Guerra, as mulheres alemãs tiveram uma participação mais efetiva na sociedade. Após o fim da guerra, elas conseguiram o direito ao voto. Mas, com o surgimento do nazismo, ocorreu um enorme retrocesso na vida das mulheres. A contribuição feminina mais importante era a de reprodutora, pois, assim, colaboravam com a construção social.

Dentro dessa perspectiva, ao observar o comportamento feminino diante de algumas sociedades e sua relação com as mudanças advindas desde a instauração do modo de produção capitalista com o advento da Revolução industrial, Saffioti (2013) faz a seguinte análise:

⁶⁴ Dentro do contexto alemão, Clara Zetkin, militante feminista, teve papel importante para o movimento feminista mundial ao propor a criação do Dia Internacional da Mulher, em 8 de março. De acordo com Goldenberg (1992), foi no ano de 1910, ao participar da Segunda Conferência Internacional da Mulher, em Copenhague, que surgiu a proposta. A motivação pelo dia 8 de março seria a situação envolvendo operárias de uma indústria têxtil, na cidade de Nova York, que ocuparam a fábrica para reivindicar contra as péssimas condições de trabalho, igualdade salarial e redução de jornada. Diante disso, os patrões atearam fogo e fecharam as portas, resultando na morte de 129 mulheres, que foram queimadas vivas. No ano de 1975, o dia 8 de março foi incluso pela ONU no calendário oficial de comemorações, sendo aceito ao redor do mundo.

⁶⁵ Mesmo diante dessa vinculação com o feminismo, o partido socialista, segundo Saffioti (2013), recusou-se a assumir uma posição feminista em relação à igualdade de alguns direitos, mesmo com alguns membros sendo contrários a essa postura. Somente muitos anos depois é que o Partido Social-Democrata veio a se posicionar favorável à igualdade entre os gêneros.

As limitações que a estrutura social dos países capitalistas impõe à realização plena da mulher, quer enquanto trabalhadora, quer enquanto pessoa portadora de características especiais que a incluem na categoria subprivilegiada *sexo feminino*, apresentam-se como invariâncias em qualquer conexão histórica daquele modo de produção. As combinações possíveis entre as determinações essenciais do modo capitalista de produção e as determinações comuns a todos os tipos estruturais de sociedade resultam numa dupla determinação dos seres femininos, através da qual a sociedade afasta as possibilidades de acirramento extremo dos conflitos gerados pelo processo competitivo típico das sociedades de classes (SAFFIOTI, 2013, p.199).

O reflexo do que ocorria em diversas partes do mundo, sobretudo na Europa e Estados Unidos - que apresentavam as sociedades mais industrializadas -, inspirou, no Brasil, o surgimento do movimento feminista. Entretanto, como todo movimento, teve suas particularidades diante do contexto de sua formação histórica⁶⁶ (GOLDBERG e TOSCANO, 2013). De acordo com a autora, é somente no século XX que o feminismo se expressa enquanto movimento organizado no cenário brasileiro.

Assim como em outros países, no Brasil, as manifestações feministas surgiram após algum fator determinante. Nesse caso, esses ideais surgem antes da Primeira Guerra, após Bertha Lutz⁶⁷ visitar Londres no período de maior efervescência do feminismo inglês e retornar ao Brasil inspirada pela luta da emancipação feminina.

Como uma das propagadoras do feminismo, em 1919, liderou o movimento feminista no país, representando-o em eventos no exterior que abordavam a temática, assim, também teve a oportunidade de estabelecer contato direto com importantes nomes da luta feminina.

Como resultado de suas ações, Bertha Lutz fundou a primeira sociedade feminista do país, de acordo com Saffioti (2013), elemento desencadeador que possibilitou a organização das mulheres para defender seus interesses. Assim, em 1922, surgiu a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino – FBPF, na cidade do

⁶⁶ Em relação ao contexto brasileiro, Goldenberg e Toscano (1992, p. 25) destacam que: “a escravidão, a tardia emancipação do centro de dominação, o modelo fundiário imposto pelo colonizador português e a influência da Igreja Católica como força política e instrumento de controle social são, a nossos ver, elementos que permitem melhor entender as peculiaridades do feminismo em nosso país. Esses elementos são os fatores mais diretamente responsáveis pelo patriarcalismo, pelo paternalismo, pelo conservadorismo e pelo machismo brasileiro”.

⁶⁷ Ativista feminista, bióloga, política, desenvolveu diferentes funções ao longo de sua vida. É conhecida como uma das maiores representantes do feminismo no Brasil na luta para obtenção dos direitos políticos das mulheres.

Rio de Janeiro, que estabeleceu sua finalidade descrita em sete itens em seu estatuto, sendo eles:

1. Promover a educação da mulher e elevar o nível da instrução feminina;
2. Proteger as mães e a infância;
3. Obter garantias legislativas e práticas para o trabalho feminino;
4. Auxiliar as boas iniciativas da mulher e orientá-la na escolha de uma profissão;
5. Estimular o espírito de sociabilidade e de cooperação entre as mulheres e interessá-las pelas questões sociais e de alcance público;
6. Assegurar à mulher os direitos políticos que a nossa Constituição lhe confere e prepará-la para o exercício inteligente desses direitos;
7. Estreitar laços de amizade com os demais países americanos, a fim de garantir a manutenção perpétua da Paz e da Justiça no hemisfério Ocidental (SAFFIOTI, 2013, p.359).

A federação realizou diversas ações no sentido de garantir os direitos das mulheres e, em consonância com o movimento feminista, tinha como preocupação primordial a questão do trabalho feminino e a luta pelo voto, pois, por meio dos direitos políticos é que se poderia ter garantias perante a lei. Tentativas de instauração do voto feminino ocorreram, mas não se efetivavam, pois a Constituição de 1891⁶⁸ causava divergência em relação aos direitos políticos femininos, mantendo-o como inconstitucional. Segundo Goldenberg e Toscano (1992, p. 25):

Ao excluir as mulheres da condição de eleitoras, a Constituição de 1891 repetia uma prática comum no resto do mundo, pois a grande maioria dos países que tinham iniciado seu processo de industrialização impediam o voto da mulher. [...] O direito ao voto nos havia sido negado por uma interpretação falaciosa do artigo 171 da primeira Constituição Republicana, de 1891, que assegurava: “São eleitores todos os cidadãos maiores de 21 anos”. Ora, diziam os intérpretes da lei, o termo *cidadão* aplica-se apenas ao sexo masculino.

Mesmo com o feminismo conquistando adeptos entre figuras públicas com jornalistas, deputados e senadores, o discurso da maioria dos congressistas se posicionava contrário ao direito do voto feminino. Segundo eles, “a família estaria

⁶⁸ Durante o período republicano, no ano de 1891, surge a primeira Constituição do país. A necessidade de mudar a Carta Magna que regia o país desde o período monárquico fez com que, nesse momento de transição, de uma era para outra, fosse criado uma constituição para atender os interesses do novo governo, fato que gerou uma nova configuração política para o país.

ameaçada de extinção caso tal direito fosse aprovado. [...] Estender o voto à mulher é uma ideia imoral e anárquica” (GOLDENBERG e TOSCANO, 2013, p. 27). Além de afirmar que o voto traria concorrência entre os gêneros, acabando com as estruturas familiares, ainda sugeriam que a mulher não tinha capacidade intelectual para exercer tal direito, sendo sua missão atrelada unicamente à família.

Essa visão e reação conservadora expressam o caráter paternalista e autoritário presentes nesse período. O medo de haver rupturas em relação aos padrões tradicionais surgia toda vez que as mulheres sugeriam alguma inovação ou mudança de comportamento. Essa visão androcêntrica permeava a moral, os costumes e leis. Mesmo assim, tais fatores não conseguiram barrar a onda renovadora que permeava a sociedade por meio de muitas mulheres.

As feministas continuaram sua luta para garantir o exercício dos direitos políticos femininos, assim, os diversos movimentos por elas criados deram origem a algumas filiais da associação feminista em alguns estados brasileiros. Depois de uma intensa campanha visando a uma reforma eleitoral, a partir de 1930, com a instauração do governo provisório, a reivindicação foi acolhida. Desse modo, ocorreu “a incorporação das aspirações de ordem política das mulheres pelo Código Eleitoral, aprovado pelo decreto n. 21.076, de 24 de fevereiro de 1932” (SAFFIOTI, 2013, p.365).

Entretanto, era preciso que fosse incorporado pela Lei Magna o princípio do voto universal. Somente com a Constituição de 1934, é que o voto feminino constou de forma definitiva no artigo 108, encerrando, assim, a luta conjunta de vários movimentos femininos. A partir disso, Bertha Lutz continuou ocupando espaço no meio político; no ano de 1936, passou a fazer parte da Câmara Legislativa Federal, visto que estava como suplente da Liga Eleitoral Independente. Então, ela passou a propor várias medidas em benefício das mulheres.

Uma das medidas mais relevantes foi a elaboração do Estatuto da Mulher. Nesse projeto de lei, Bertha Lutz incorporou questões políticas, econômicas e sociais, bem como questões civis, comerciais e penal. Desse modo, conseguiu alterar a licença-maternidade para três meses, o direito para amamentação em horário de trabalho, dentre outros. Foram conquistas muito relevantes, mas as feministas apontavam o documento como contraditório em alguns aspectos, pois, mesmo que algumas medidas em relação à maternidade avançaram, em outros pontos, ainda consideravam que ele as colocava em situação de vulnerabilidade.

Diante do exposto até aqui, vale enfatizar que, mesmo que algumas fases históricas apontam para aumento da força de trabalho feminino no modo de produção, isso não significou uma solução para os problemas por elas enfrentados socialmente, até porque se caracterizaram como períodos pouco duradouros. Tal fato se consolidou devido às necessidades das sociedades de classes de manter seu equilíbrio, visando preservar-se e redefinir-se. Em relação ao voto feminino, vale ressaltar que ele foi um movimento proposto pela classe média em busca de direitos políticos; não objetivava uma revolução social ou mesmo do papel da mulher.

Saffioti (2013) chama atenção para a importância do movimento feminista brasileiro – dentro de suas diversas bases ideológicas -, visto que ele possibilitou a construção de uma ampla força social desempenhando diversas funções, dentre elas, despertando a consciência feminina em relação aos problemas tanto individuais quanto coletivos. Assim, também, contribuiu para o processo de amadurecimento no que diz respeito à liberdade e emancipação.

Vale ressaltar que o movimento, mesmo não contando com a adesão de uma grande massa feminina, ainda assim, possibilitou avanços para a condição da mulher em várias áreas. Mesmo com a organização de diversos movimentos femininos e com bases ideológicas diversificadas, eles tinham um objetivo em comum, que era a luta pelos direitos e emancipação feminina.

Embora o feminismo de quaisquer tendências não tenha tido ampla penetração na sociedade brasileira, constituiu verdadeiro marco na história da vida de grande número de mulheres urbanas pertencentes a duas gerações, conquistando, para a mulher, direitos que lhe eram indebitamente negados enquanto personalidade humana (SAFFIOTI, 2013, p.392).

Diante de tais aspectos, é importante ressaltar que, entre altos e baixos, avanços e retrocessos, o movimento feminista expandiu-se ao redor do mundo, somando forças para a luta feminina. Em cada sociedade, expressou-se e seguiu dando continuidade a partir da realidade histórica e política, bem como dos aliados e relações que foram estabelecendo. Posteriormente, o movimento foi englobando a discussão sobre gênero, sexualidade feminina, problematizando os padrões sexuais vigentes, a relação homem-mulher e outras pautas.

Dessa forma, o feminismo foi ocupando cada vez mais espaço na literatura, nos meios de comunicação, na política etc., evidenciando a figura da mulher. Aos

poucos, o acesso à educação foi se ampliando, assim como as condições de trabalho, o que não significou que a mulher se encontrava em situação igualitária, mas sim que foram avanços consideráveis. A presença feminina nos diversos âmbitos sociais era cada vez mais expressiva, sendo assim, para Goldenberg e Toscano (1992, p. 47):

O que o feminismo trouxe à tona não foi apenas a incorporação numérica da mulher ao mercado de trabalho. O que se colocou em xeque foi a própria questão do poder masculino, já que a participação da mulher no mundo público implica buscar um modelo próprio de participação, e não copiar o modelo masculino. Não se quer apenas uma inversão de papéis ou uma igualdade entre homens e mulheres, mas o respeito às diferenças existentes, sem que essas diferenças sejam convertidas em desigualdades, ou seja, na desvalorização da mulher frente ao homem.

A busca pela emancipação feminina e pela igualdade permanece até os dias de hoje, mesmo diante de inúmeros avanços, tais como direito ao voto, acesso à educação, melhores condições salariais e de emprego, participação social mais efetiva, legislações específicas (Lei Maria da Penha, Lei do Femicídio, dentre outras), e outras, mas é recorrente a necessidade de combater situações de opressão e violência contra a mulher, bem como a garantia de direitos e investimento para políticas públicas favoráveis. Entretanto, são inegáveis as contribuições que a luta feminista trouxe para o conjunto social, promovendo avanços em diversos âmbitos sociais; todavia, vale reforçar que ainda existe um árduo caminho a ser seguido.

4.2 EDUCAÇÃO FEMININA: DA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL A NOVAS POSSIBILIDADES

A partir daquilo que podemos chamar de uma “tomada de consciência feminina” em relação à sua opressão e submissão, resultantes das situações de desigualdades impostas pelo modelo social vigente, a mulher deu um novo rumo para a história ao buscar transformar essa realidade. Conforme já apontado, o movimento feminista teve grandes contribuições para esse cenário de mudança social e conquistas femininas. De acordo com Hooks (2021, p. 29),

[...] as mulheres eram tão socializadas para acreditar em pensamentos e valores existentes quantos os homens. A diferença está apenas no fato de que os homens se beneficiaram mais do sexismo do que as

mulheres e, como consequência, era menos provável que eles quisessem abrir mão dos privilégios do patriarcado. Antes que as mulheres pudessem mudar o patriarcado, era necessário mudar a nós mesmas, precisávamos criar consciência.

Quando, aqui, citamos o feminismo enquanto movimento, estamos nos referindo a todos os grupos que se organizaram, todas as mulheres que, de forma individual ou coletiva, buscaram melhorias para a sua condição de vida, ou seja, as diferentes vertentes e ideologias que cada movimento expressou entre os diversos períodos da história⁶⁹. De acordo com Hooks (2021, p. 26), “o feminismo como estilo de vida introduziu a ideia de que poderia haver tantas versões de feminismo quantas fossem as mulheres existentes”.

A condição feminina, durante muito tempo, veio sendo analisada por diversos teóricos e teóricas; alguns deles e delas vivenciaram determinadas situações; outros e outras descreveram aquilo que observaram; outros e outras, ainda, partiram daquilo que já estava descrito, juntando informações para gerar novas teorias. Entretanto, muitos deles e delas apresentam, em suas análises, o percurso das construções históricas, das relações sociais, para compreender a condição feminina.

Nesse sentido, a diferença sexual sempre esteve presente na organização da vida social, segundo Pinsky (2009). Para ela, “a distinção entre homem e mulher é um fato sempre presente; determina a experiência, influi na conduta e estrutura expectativas” (PINSKY, 2009, p.162). Assim, reforça a necessidade de compreender o processo de construção social a partir do saber histórico, visto que, dentro de contexto específico, as relações entre gênero são permeadas pelo poder, dominação e conflitos.

Ao compreender as relações de produção e o sistema econômico que permeia a contexto social, é possível entender que, por meio de relações hierárquicas e de poder, se estabeleceu a supremacia de um gênero sobre o outro. Os papéis de homem e mulher, bem como sua significação são oriundos das concepções produzidas e reproduzidas ao longo do tempo, sempre justificadas e amparadas em determinados aspectos, sejam eles culturais, religiosos, políticos ou outros.

⁶⁹ O feminismo, desde o seu surgimento, apresenta-se, em algumas fases, as quais chamam de “ondas”, sendo a primeira iniciada no século XIX, conforme já citado. A segunda onda surge no ano de 1960; já a terceira, surge no ano de 1990. A partir do ano de 2010, surge o que pode ser chamado quarta onda. Essas divisões aparecem para definir períodos de luta com diferentes demandas, diante de contextos diversos. Dentro de cada onda, há teorias e personalidades que, diante de suas obras e feitos, contribuíram para pensar a emancipação e luta pelos direitos femininos, acarretando diversas conquistas.

A palavra feminismo, ao longo do tempo, apresenta dois tipos de reação, o temor e a esperança. Alguns temem pelo que ele pode causar quando não compreendem seu real significado e intensão; para outros, gera esperança, pois, a partir dele, podem surgir novas possibilidades, meios para combater injustiças e desigualdades. Tiburi (2021, p. 11) adota uma definição para o feminismo, explicitando que ele é “o desejo por democracia radical voltada à luta por direitos daqueles que padecem sob injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado”.

O patriarcado, enquanto modelo de sociedade centrado na figura masculina por meio de relações hierárquicas de poder e dominação, promove a construção de uma identidade dentro dos padrões heteronormativos. Esse sistema está presente desde a cultura até as instituições sociais, permeado por crenças enraizadas, naturalizadas, firmadas como verdade absoluta e se sustenta nas diferenças hierárquicas entre os gêneros.

O patriarcado é também uma forma de poder. Ele é como uma coisa, uma geringonça feita de ideias prontas, inquestionáveis, de certezas naturalizadas, de dogmas e de leis que não podem ser questionadas, de muita violência simbólica e física, de muito sofrimento e culpa administrados por pessoas que têm o interesse básico de manter seus privilégios de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de idade, de plasticidade (TIBURI, 2021, p.44).

Nessa perspectiva, pode-se considerar que esse sistema se propaga nas diversas formas de violência contra as mulheres. O caráter misógino do patriarcado traz uma herança histórica que se remete ao ódio do feminino, tratando as mulheres como seres incapacitados, inferiores. Nesse sentido, para Tiburi (2021, p. 23), ser mulher é: “[...] assumir um signo construído no patriarcado”, visto que esse sistema tentou privar a mulher de sua própria expressão. Desse modo, enquanto movimento de luta contra esse sistema:

O feminismo se apresenta como crítica em relação ao patriarcado na forma de Estado, Mídia, Igreja, Família, Capital. Todas essas instituições vendem sua ideologia como discurso verdadeiro, essencializando o feminino e as mulheres como suas portadoras (TIBURI, 2021, p.54).

Diante disso, o patriarcado, enquanto uma estrutura social, estabelece a ordem das coisas. Por se caracterizar como um sistema de privilégios, uns são favorecidos

e outros estão submetidos, assim, constroem-se as relações de opressão e injustiças, de desigualdade e poder. Dentro desse sistema, está o capitalismo como modelo econômico e social, permeado pelas relações de produção, de trabalho que também se configura em relações de opressão, de dominação e desigualdades.

Nesse modelo social, a valorização do capital está acima de todas as coisas; desse modo, os termos feminismo e trabalho estão intimamente ligados, pois, sendo o trabalho uma necessidade do ser humano, como um dos meios para garantia da sobrevivência, as relações entre os gêneros são atravessadas por ele. Dentro da sociedade capitalista, as relações com o trabalho têm uma nova configuração e é dentro desse contexto que nasce o feminismo. Esse sistema patriarcal é permeado pela dominação, exploração, violência e opressão, sobretudo em relação à figura feminina.

A mulher, desde seu nascimento, está inserida nas relações de trabalho. Nas mais diversas culturas e contextos, nas diferentes localidades, a figura feminina está numa postura de servidão naturalizada em relação ao homem, seja ela seu pai, irmão, marido e até mesmo o filho, segundo Tiburi (2021). Trata-se de um contexto diferente de se estar realizando um trabalho remunerado ou mesmo aquele escolhido por ela.

Assim, fica expresso que a diferença sexual serve para estabelecer a divisão do trabalho, naturalizando determinados aspectos para cada gênero por meio de um pensamento sexista. De acordo com Hooks (2021, p. 47), “a maioria de nós foi socializada por pais e mães e pela sociedade para aceitar pensamentos sexistas”. Esse tipo de educação fortalecia a relação de dominação entre os gêneros e se expressava nos diversos espaços sociais.

Para Bell Hooks (2021), é fundamental que os movimentos feministas do futuro pensem sobre a educação feminina como um aspecto importante não só na vida da mulher, mas de todas as pessoas. Dessa forma, faz uma crítica em relação a uma situação específica que já poderia ter ocorrido.

Apesar dos ganhos econômicos de mulheres feministas individuais, de muitas mulheres que acumularam riqueza ou aceitaram a contribuição de homens ricos e que são nossas companheiras de luta, não criamos escolas fundamentadas em princípios feministas para meninos e meninas, para mulheres e homens. Ao falhar na criação de um movimento educacional de massa para ensinar a todo mundo sobre o feminismo, permitimos que a mídia de massa patriarcal permanecesse como o principal local em que as pessoas aprendem sobre feminismo, e a maioria do que aprendem é negativa (HOOKS, 2021, p.53-54).

A crítica posta por Hooks (2021) é no sentido de que é preciso ultrapassar as barreiras das discussões acadêmicas, da teoria, partindo para a ação. Possibilita-se, dessa forma, acesso nas mais diversas formas, para que todos e todas tenham um conhecimento mais aprofundado do pensamento feminista. Ela fala em “criar um movimento de massa que oferece educação feminista para todo mundo, [...] teoria e prática feministas serão sempre enfraquecidas pela informação negativa produzida na maioria das mídias convencionais” (HOOKS, 2021, p.55).

A incompreensão sobre o que é de fato o feminismo ainda faz pessoas o associarem com o ódio ao homem, a ter a visão das feministas como a figura da mulher raivosa, defensoras do aborto, contra a família, aquelas que são lésbicas, entre outras concepções equivocadas. Há quem pense que a luta feminista se restringe apenas às mulheres tentando se igualar aos homens.

Diante de tantos avanços e conquistas por partes das mulheres, após conquistarem diversos espaços e as discussões sobre o seu papel permearem o contexto social, ainda predomina o modelo patriarcal, fundamentado na religião – que segue reafirmando-se. A lógica da dominação masculina é fortemente presente e a subordinação das mulheres é justificada de acordo com os princípios religiosos; muitas vezes, ainda pelos discursos biologizantes.

Um aspecto importante a ser ressaltado é que, por meio dessa proposta de educação feminista, considerada por Bell Hooks, é preciso haver ainda um processo de conscientização sobre o sistema patriarcal enquanto sistema de dominação e opressão, assim como as formas de institucionalização, de manutenção e disseminação. Diante disso, não só o processo de conscientização feminina é importante, bem como o dos homens, já que eles também foram ensinados dentro dessa estrutura sexista e misógina.

A educação, enquanto um fenômeno humano e social, possui suas determinações históricas; nesse sentido, ao educar, estamos produzindo seres humanos, construindo sua identidade. Como campo de ação humana, a educação pode ser realizada por todos e todas, nos mais diversos espaços sociais, de forma que não se precisa reduzir esse processo somente à escolarização (NUNES, 2006).

Outro fator fundamental para Hooks (2021) é pensar no feminismo interseccional, pois nele estão contidos diversos marcadores, sendo eles a opressão ao gênero, a sexualidade, a raça e a classe social. Nesse sentido, a luta por direitos

não precisa ser necessariamente uma luta individual, sendo a vida em sociedade um direito de todas e todos.

Discutir os privilégios entre classes, raças, gênero e sexualidade perpassa toda a discussão do feminismo, mesmo que diante desses contextos haja suas diferenças como marcadores sociais. É preciso pensar em todas as pessoas que foram oprimidas e silenciadas, vítimas de um sistema explorador, já que os fardos históricos sempre acabam se entrelaçando. Nesse sentido, como afirma Bell Hooks, “o feminismo é para todo mundo”.

Partindo desse pressuposto, ao analisar os discursos contidos na revista JM, podemos considerar que a educação a partir de uma perspectiva emancipatória, enquanto um elemento que possibilita a transformação social, deve pautar-se em transcender o modelo social vigente, identificando as raízes da opressão feminina e visando combatê-la. Dessa forma, assim como a imprensa do século XX foi um elemento importante, contribuindo para a naturalização e manutenção do patriarcado, é necessário identificar os diferentes mecanismos sociais que foram promovendo a desigualdade entre os gêneros até chegarmos ao século XIX.

É de suma importância que haja a compreensão da existência de uma ordem social que estabelece a supremacia masculina, uma opressão sexista que se interrelaciona com as questões de raça e classe. Não se pode esquecer da opressão estrutural que os grupos mais vulneráveis vivenciaram e ainda vivenciam. É preciso considerar que, dentro de cada narrativa individual, sempre estará impregnado um pouco do social. Sendo assim, as relações de poder e dominação enraizadas na cultura e nas instituições devem ser desconstruídas, para que a crença em verdades consideradas absolutas seja desmistificada.

Nesse cenário, a crítica à ideologia do patriarcado é essencial para refletir sobre a invisibilidade, desigualdade e vulnerabilidade feminina. O contexto da revista JM permite compreender como os sistemas ideológicos atuam para impedir que as pessoas tenham autonomia, que pensem por si próprias e que identifiquem situações de opressão e dominação. Ao romantizar as relações de desigualdade entre os gêneros, os discursos contidos na revista permitem que os homens sejam favorecidos a partir de um sistema de privilégios criado pelo patriarcado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história sempre foi contada por homens, sendo eles os atores principais e, conseqüentemente, a mulher ficando à sua sombra, em papéis secundários. Logo, consideramos de extrema importância incluir as mulheres enquanto sujeitos históricos, evidenciar os estudos e pesquisas sobre o gênero feminino, promover discussões e abordar as mais diversas questões que se reportam a elas, destacando-as em todos os âmbitos sociais.

Discutir os papéis de gênero e as desigualdades que se estabeleceram ao longo de toda história é de extrema importância, pois, ainda no século XXI, temos a necessidade de reivindicar uma posição igualitária e lutar contra inúmeras situações de violência. Esses fatores são frutos do patriarcado, da construção social e cultural pautada nas diferenças biológicas. Nesse contexto, a igreja e o Estado também desempenharam um papel importante ao longo do tempo enquanto instituições opressoras, visto que definiam os direitos dos homens e deveres das mulheres. Entretanto, vale lembrar que a influência religiosa ainda tem grande relevância em nossa sociedade, assim como ao redor do mundo.

Diante do contexto político conturbado vivenciando atualmente, sobretudo após o ano de 2018, permeado por retrocessos, marcado por discursos conservadores e misóginos, precisamos reforçar a importância das discussões sobre gênero. Aliás, o termo gênero vem sendo interpretado erroneamente, usado como um meio para causar o pânico moral perante a sociedade. A partir de distorções e interpretações errôneas, sobretudo em relação às temáticas que abordam gênero e sexualidade, a disseminação das Fake News serviu e ainda serve de ferramenta para propagar desinformação, promovendo discursos de ódio e de violência.

Surge, então, aquilo que podemos denominar como uma ofensiva antigênero, permeada pela manipulação dos discursos. Os constantes ataques eram proferidos contra a suposta ameaça da chamada “ideologia de gênero”. De acordo com o que foi propagado, as temáticas sobre gênero visavam sexualizar as crianças e adolescentes, ameaçando a família tradicional, indo contra a “ordem natural” das coisas. Assim, por meio da disseminação de fake News, formou-se um terrorismo ideológico, acentuando situações de preconceito, ódio e violência.

Tal contexto contribuiu ainda com o aumento da violência contra a mulher, escancarando as relações de poder e dominação a que elas estão subordinadas.

Políticas públicas foram enfraquecidas e, assim, as mulheres encontraram-se em uma situação de vulnerabilidade ainda maior. Os discursos de cunho religioso, pautados pelo conservadorismo, voltaram com muita força e adesão, de maneira que a imagem da mulher como “bela, recatada e do lar” reaparece para indicar o lugar social da mulher, mesmo diante de inúmeros avanços em relação à sua inserção no espaço público e conquista de direitos.

Essa ideologia que, aparentemente, estava sendo superada, voltou com toda força principalmente a partir do cenário político do ano de 2016, sobretudo com o impeachment da então Presidente da República, Dilma Rousseff, também chamado de Golpe. Diante de um contexto político conturbado, presenciamos a efervescência da misoginia, do conservadorismo, do preconceito, das desigualdades e das diversas formas de violência. Após o processo de impeachment, quem assumiu a presidência foi o vice, Michel Temer.

Nesse cenário, a esposa de Temer teve um papel de destaque após uma matéria veiculada na revista *Veja*, no início do ano de 2016, cuja manchete a definia como: “bela, recatada e do lar”. No texto, Marcela era elogiada e enaltecida por ser discreta, pelo estilo de suas roupas, por exemplo, as saias usadas na altura do joelho e por ser uma mulher de poucas palavras. Seu exemplo sugere um modelo a ser seguido pelas mulheres, sendo aquela que fica à sombra do marido. Tal fato reacendeu o debate sobre o papel social da mulher.

Ao usar a imagem de Marcela, a imprensa apresentou um contraponto em relação à presidenta Dilma, visto que ela era considerada uma mulher “fora do padrão”. Os ataques misóginos sofridos pela ex-presidenta demonstraram que o machismo é predominante na cultura brasileira. Desde então, a mistura do cenário político associado com o fundamentalismo religioso passou a produzir discursos cada vez mais misóginos e sexistas promovendo o aumento das situações de desigualdade e violência contra as mulheres.

Nessa perspectiva, olhando para o papel da imprensa do século XX e XXI, percebemos que ela não perdeu seu caráter formativo, tendo em vista que vê, na figura feminina, uma forma de propagar normas e regras. Mesmo com os avanços em relação à condição feminina, ainda assim, encontramos recorrentemente, nos veículos de imprensa, a propagação de modelos universalizados, padronizados em relação à imagem da mulher, desconsiderando toda a diversidade presente em nossa sociedade.

Diante disso, podemos afirmar que o patriarcado está enraizado nas mais diversas instituições e culturas, sendo reproduzido em ações, discursos, ideologias, práticas, rituais etc. Ele expressa um sistema conservador que resiste ao longo do tempo, barrando inúmeros avanços sociais. Configura-se como um dispositivo do poder, de dominação, de opressão, de desigualdade e de violência, sustentando-se na diferença hierárquica entre os gêneros.

Ao compreender o gênero como uma construção social e cultural, é preciso refletir sobre as possibilidades e limitações que o contexto em que as mulheres estão inseridas oferece a elas. Os discursos oriundos da visão patriarcal são amplamente difundidos por diferentes meios, no sentido de serem incorporados por todos e todas, refletindo na construção da identidade de cada pessoa.

Entretanto, quando esses discursos ultrapassam o campo da linguagem, configuram-se em ações, promovem desigualdade e violência. Desse modo, ao olhar para a condição da mulher no passado, por intermédio da história, podemos compreender como as relações foram construídas, inúmeras situações perpetuadas e, conseqüentemente, naturalizadas. Mas vale lembrar que, mesmo as relações possuindo essa historicidade, são passíveis de transformação.

Além do mais, os discursos presentes na revista *Jornal das Moças* demonstram que eles não ficaram presos no século XX, assim como estiveram presentes nos séculos anteriores. Pelo contrário, mostra que eles não serão abolidos facilmente, sobretudo diante das novas configurações sociais, visto que as relações hierárquicas estão fortemente estabelecidas em todos os âmbitos. Assim, o discurso adotado pela revista *Veja* – citado anteriormente – assemelha-se ao utilizado nas revistas femininas do século XX, estabelecendo padrões, naturalizando estereótipos, além de sugerir normas de conduta para os gêneros.

Nessa perspectiva, a imprensa por meio das revistas femininas, expressa seu caráter formativo, pedagógico, visando manter a ordem social a partir da conservação da chamada “família tradicional”, símbolo da sociedade patriarcal. Desse modo, a educação destinada às mulheres, por muito tempo, fortaleceu e ainda fortalece as situações de exploração, opressão, desigualdade e violência. Um dos fatores que promove essa condição é que a nossa sociedade, segundo Hooks (2021), segue primordialmente sendo pautada pela cultura “cristã”, sendo assim, muitas pessoas acreditam que a subordinação feminina é decorrente da ordem divina.

Diante desse cenário, de acordo com a revista JM, o imaginário social está baseado na lógica da dominação masculina, fator que não mudou com a passagem do século XX para o XIX, pois, conforme já evidenciado, essa visão permanece viva. Portanto, o patriarcado, enquanto sistema de dominação e opressão, segue institucionalizado, continua sendo alimentado por discursos sexistas e conservadores em nome de uma suposta “harmonia familiar” e que, sabemos, não existe. Vale lembrar, ainda, que, conforme mostra a revista, a maioria das mulheres foi socializada, conforme aponta Hooks (2021), por seus pais, mães e sociedade de modo geral para aceitar o pensamento sexista.

Desde quando começa a surgir o que podemos chamar de “tomada de consciência feminina” – uma certa percepção sobre sua condição -, no fim do século XIX e início do século XX, impactadas pelos ideais do movimento feminista, as mulheres ao redor do mundo, assim como no Brasil, começam a buscar direitos igualitários e lutar por sua emancipação. Assim, o movimento feminista contribuiu positivamente com a luta das mulheres e, desde então, resultou em avanços significativos nos mais diversos espaços sociais.

Outro fator importante a ser destacado é a condição da mulher negra e daquelas que pertencem a grupos mais vulneráveis, por exemplo, as indígenas. A diversidade é desconsiderada, propiciando a invisibilidade ainda maior diante dos vários grupos existentes. Desse modo, é fundamental que os movimentos de luta por igualdade e emancipação feminina incorporem todas as mulheres, sem restrições e privilégios por meio do princípio da inclusão.

Desse modo, a transformação social só pode ocorrer por meio da transcendência do modelo patriarcal, a partir da tomada de consciência, permeada por uma visão mais crítica da sociedade e de suas estruturas, visando amenizar e/ou erradicar a opressão e subordinação das mulheres. Sendo assim, as diversas formas de educação feminina, tanto informal quanto formal, devem priorizar a superação da ideologia patriarcal, deslegitimando todos os mecanismos que barram a emancipação definitiva das mulheres.

A difusão dos ideais feministas para uma educação emancipadora é fundamental, pois sustentam o movimento. É necessário desmitificar o movimento feminista associado à perspectiva anti-homem por meio do compartilhamento das práticas e de pensamentos que fundamentam sua luta e reivindicações. O patriarcado

visa conservar seu modelo tradicionalmente estabelecido, objetivando enfraquecer as pautas do feminismo para continuar perdurando.

Desse modo, reafirmamos a necessidade de refletir sobre os mecanismos de reprodução das desigualdades presentes no meio social, reafirmadas sobretudo no processo educacional, tanto formal como informal, por exemplo, no caso da revista JM, que serviu como um propagador de normas de civilidade, impondo padrões, apresentando um modelo universalizado de mulher, que, sabemos, não existe.

Cabe, então, pensar em uma educação que possibilite uma revolução diante desse cenário, problematizando o modelo social vigente, buscando meios para sua transformação efetiva, além de ofertar uma educação emancipadora, conscientizadora e crítica, que possa ser incorporada por toda a sociedade, nas mais diversas instituições.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Dálete Cristina Silva Heitor de. **A revista que pode deixar em sua casa porque não há perigo de perversão**: a representação da mulher nas colunas da revista *Jornal das Moças* (1930 - 1945). Orientador: Elizabeth Figueiredo de Sá. 2016. 170f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2016.

ALMEIDA, Nukácia Meyre Araújo de. **Jornal das Moças: leitura, civilidade e educação femininas (1932-1945)**. Orientador: Andréa Borges Leão. 2008. 258f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

ALMEIDA, Nukácia Meyre Araújo de. Revistas femininas e educação da mulher: o *Jornal das Moças*. **Anais do XVI Encontro Regional de História da ANPUH-RN**. Natal, 2006. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss14_06.pdf. Acesso em: 01 mar. 2021.

BASSANEZI, C. Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964). **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 1, p. 112-148, 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1682>. Acesso em: 01 mar. 2023.

BEAUVOIR, Simone de. **A mulher independente**. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: PocketOuro, 2008.

BOTTOMORE. Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. RJ: Zahar, 1988.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de papel**: representação da mulher na imprensa brasileira. São Paulo: Summus, 2009.

CANO, Wilson. Da Década de 1920 à de 1930: Transição Rumo à Crise e à Industrialização no Brasil. **Revista de Políticas Públicas**. Brasília, DF. v. 16, n. 1, p. 79-90, 2012.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto-Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, p. 679-684, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/9VBbHT3qxByvFctbZDZHgNP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 mar. 2023.

CARVALHO, Clarice Rodrigues de. **Em nome da mãe**: modernização urbana do Rio de Janeiro e transformações do papel das mulheres através do *Jornal das Moças*. Orientador: Robert Moses Pechman, 2013. 265f. Tese (Doutorado em Planejamento

Urbano e Regional) – Programa de Pós- Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

CASTAÑEDA, Marina. **O machismo invisível**. São Paulo: A Girafa Editora, 2006.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais**: a construção do corpo feminino na história. Dourados: Ed. UFGD, 2014.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. **Dicionário crítico de gênero**. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

CORAZZA, Bruna Ximenes. **Se Conselho fosse bom...Produções de feminilidades no Jornal das Moças e Capricho**. Orientador: Dra. Terezinha de Jesus Machado Maher. 2017. 142f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Gênero) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

DIEGUEZ, Priscila. **Lugar de mulher é na sala de aula ou na cozinha? A inserção feminina no ensino superior durante os Anos Dourados**: um olhar através do Jornal das Moças. Orientadora: Dra. Nilda Marino da Costa, 2019. 236f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, Rio de Janeiro, 2019.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Tradução Ciro Miranda. São Paulo: Lafonte, 2017.

FAVORETO, Aparecida. **Marxismo e educação no Brasil (1922-1935)**: o discurso do PCB e de seus intelectuais. Orientadora: Dra. Ligia Regina Klein. 2008. 272f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

FAVORETO, Aparecida; FIGUEIREDO, Ireni Marilene Zago; ZANARDINI, Isaura Monica Souza. Formação docente: relação entre alienação e práxis reflexiva. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n. 3.,p. 980-994, 2017. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/10390/6071> Acesso em: 01 mar. 2023.

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário**: notas sobre Marx, gênero e feminismo (vol. 1). Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminina. Tradução coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.

GOLDENBERG, Miriam; TOSCANO, Moema. **A revolução das mulheres**. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

HIATA, HELENA *et al.* **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 15^o ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2021.

OITIO, Rafael Dias. O trabalho feminino frente ao domínio do capital: alguns apontamentos. In: SIMPÓSIO LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA, 3., 2008, Londrina. **Anais eletrônicos** [...]. Londrina, PR: UEL, 2008. p. 1-14. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/lutas/pages/arquivos/anais/Anais%20III%20Simp%C3%B3sio/GT%2015/Rafael%20Dias%20Oitio.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2023.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2003.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LIMA, Flávia Santos. **Anos dourados**: a representação da mulher no Jornal das Moças na década de 1950. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes **Prendas e antiprendas**: uma escola de mulheres. Ed. da Universidade, UFRGS, 1987.

LUZ, Alex Faverzani da; SANTIN, Janaina Rigo. Coronelismo e poder local no Brasil: uma análise histórica. In: XIX Encontro Nacional do CONPEDI, 2010, Fortaleza. **Anais eletrônicos** [...]. Fortaleza: CONPEDI, 2010. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/fortaleza/3164.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2022.

MACHADO, Vitória Almeida. **Para além de bordadeiras**: a representação feminina nos periódicos Jornal das Moças e Modas e Bordados durante os estados novos (1937-1945). Orientador: Dr. Marçal de Menezes Paredes, 2018. 150f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História da PUCRS, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História Social da Criança Abandonada**. 2º ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MCCANN, Hannah *et al.* **O livro do feminismo**. Tradução Ana Rodrigues. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Globo livros, 2019.

MELO, Aiene Rizza. **O Estado Novo**: história das mulheres na representação no Jornal das Moças de 1937 a 1945. Orientadora: Dra. Jeanne Silva. 2019. 55f. Dissertação (Mestrado em profissional em História.) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2019.

MENDONÇA, Valterian Braga *et al.* **A experiência estratégica brasileira na Primeira Guerra Mundial: 1914-1918**. Orientador: Dr. Eurico de Lima Figueiredo. 2008. 137f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Programa de Pós-graduação

em Ciências Políticas ou departamento, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

NOVAES, Elisabete David. Entre o público e o privado: o papel da mulher nos movimentos sociais e a conquista de direitos no decorrer da história. **História e Cultura**, Franca, v. 4, n. 3, p. 50-66, dez. 2015. Disponível em: <https://seer.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/1691> Acesso em: 01 mar. 2023.

NUNES, César Aparecido. Dialética da sexualidade e educação sexual no Brasil. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 7, n. 1, s/p., 2006. <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1329> Acesso em: 01 mar. 2023.

OLIVEIRA, Tiago Siqueira de. **A Liga da Defesa Nacional: um projeto de modernização para o Brasil**. Orientador: Dr. Paulo Ribeiro Rodrigues da Cunha. 2012. 206f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2012. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/88734/oliveira_ts_me_mar.pdf?s_equence=1. Acesso em: 03 mar. 2023.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 104, p. 144-161, 1998. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/723/737>. Acesso em: 01 mar. 2023.

PARISOTO, Dyeniffer Jessica Bezerra. **Permanência e mudança da cultura machista: formação social de adolescentes**. Orientadora: Dra. Aparecida Favoreto . 2020. 255f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2020.

PAULA, Fabrícia de Cassia Grou de. **A presença da mulher na imprensa de Maringá (1950-1979): modelo de comportamento feminino nos padrões da igreja católica**. Orientador: Dr. Marco Antônio de Oliveira Gomes. 2020. 157f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, 2020.

PEREIRA, Caetana de Andrade Martins. **Práticas discursivas, práticas políticas: a feminilidade performada no Jornal das Moças (1960)**. Orientadora: Dra. Diva de Couto Gontijo Muniz. 2013. 96f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2013.

PERROT, Michelle. **Minha História das mulheres**. Editora Contexto. São Paulo, 2007.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de gênero e história social. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 159-189, 2009.

PRIORE, Mary Del. org. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. Carla Bassanezi coord. de textos. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PRIORE, Mary Del. **Sobreviventes e guerreiras**: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000. São Paulo: Planeta, 2020.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes**. Mito e realidade. Expressão popular. São Paulo, 2013

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Mara Cristine Vitorino; SILVA, João Carlos. O materialismo histórico-dialético como método de análise: uma via possível para entender a história das mulheres e da mulher na história?. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, SP. 14, n. 59, p. 37-52, 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640346> Acesso em: 01 mar. 2023.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. *In*: PRIORI, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012. p. 578-606

ROMANOWSKI, Joana Paulin. **As licenciaturas no Brasil**: um balanço das teses e dissertações dos anos 90. Orientadora: Dra. Marli Eliza Dalmazo Afonso de Andre. 2002. 136f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, 2002.

TIBURI, MARCIA. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. 15º ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

TOMINAGA, Andressa Lopes Cardoso; BARROS, Aparecida Percilia Silva de; ANZOLIN, Bárbara. A violência sexual contra a mulher como produto e produtora das desigualdades de gênero. *In*: **Gêneros e sexualidades**: em (re)existência. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. p.169-192

TOSCANO, M.; GOLDENBERG, M. **A Revolução das mulheres**: um balanço do feminismo no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

VIOLENCIA CONTRA MULHER EM DADOS. Agência Patricia Galvão. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/pandemia-e->

violencias-mulheres-seguem-em-vulnerabilidade/ Acesso em: 15 de setembro de 2021.

ACERVO CONSULTADO:

Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031> Acesso em: 20 de janeiro de 2020.

SITES CONSULTADOS:

AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. Disponível em: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/> Acesso em: 10 de agosto de 2021.

TRIBUNA DO NORTE. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/o-visualiza-rio-juvenal-lamartine/537563> Publicado em 01/05/2022 por Pedro Simões. Acesso em: 07 de novembro de 2022.

ANEXOS

Figura 2 Capa da revista



Figura 3 Matéria da revista

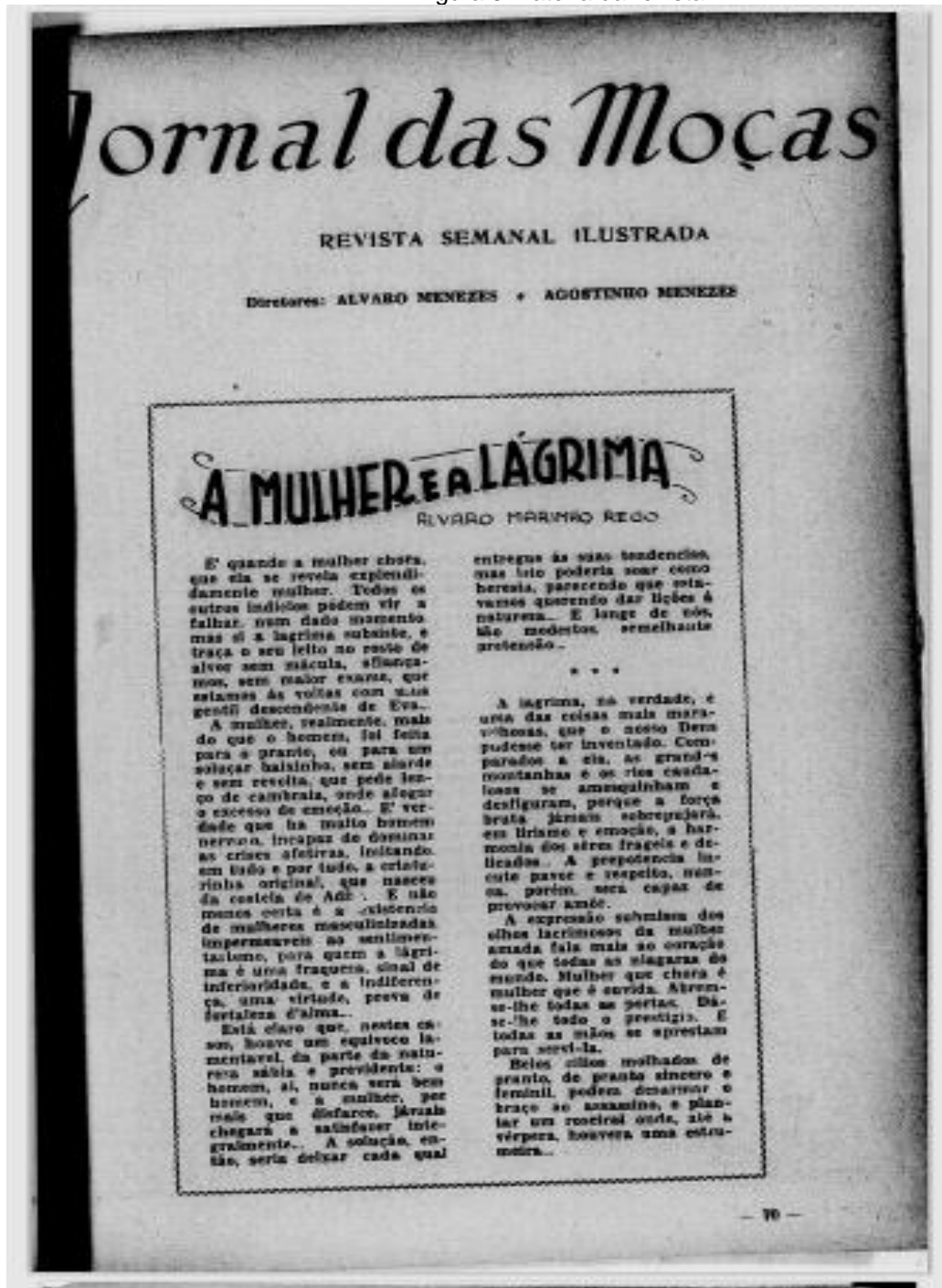


Figura 4 Matéria da revista

Anno VI Rio de Janeiro, Quinta-feira, 17 de Abril de 1919 N. 200

Jornal das Moças

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Jornal das Moças
REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

EXPEDIENTE

ANIGRATERAS ANNO Rs. 18000
SEMENTES 18000

Redação e Administração:
Rua Sete de Setembro, 44
— Caixa Postal 421 —

Não se receberão artigos enviados à Redação

CHRONICA

*O dia é de respeito e de meditação e
Entusiasmo no quinta-feira santo....*

OMMEMORA a igreja catholica, a tradicional "Semana Santa". Falar sobre a "Semana Santa", não influe presentemente, outr'ora era uma rememoração sacratissima onde recapitulavam-se todas aquellas passagens: a unção de "Jesus" em Bethania, o pacto da traição, a Paascoa, a ceia do Senhor, a paixão de Jesus, Jesus perante o Synhedrio, Jesus entregue a Pilatos, suicidio de Judas, a sexta-feira da paixão (morte de Jesus) e afinal a sagrada resurreição de Jesus, sua appareição, no fim de um sabbado.... Alleluia!

Hoje não se lembram mais dessas commemorações sacras; são muito poucas pessoas que pensam em *meus* santos....

Da "Semana Santa" só têm em mente o "sabbado da Alleluia" devido á micas-rème!... A maldita festa da carne!...

Na hira de Christo os Judas subornavam, burlavam, hoje a sociedade é quasi que em sua totalidade composta de trahidores. O Judas foi posido, e esses Judas modernos, serão?!...

Só Deus o sabe. A doutrina de Jesus — O Christo que nos ensina — Amar o proximo como a nós mesmo, em seu livro eterno, que vem atravessando iscolume gerações e gerações, resistindo ás criticas mais acerbas. A biblia é que mais convem ás nossas patricias.

Pergunhem os "materialistas" as suas doutrinas utopicas, apavorantes com Luthe-ro á frente, as virtudes da "Egreja romana" gritem os scientistas que milagre é a negação da sciencia, porém, nós que fomos educados na religião catholica e cuja moral sublime, bebemos ensinamentos vivificantes; nós cujas orações pleneiras tribuciamos ainda nos braços de nossas Mães, nunca poderemos renegar o nosso passado, prevaricar para com o sublime "Nazareno" para com a purissima Virgem, aquella para quem appellamos nos momentos de dôr ou de fraqueza, de afflicção ou de duvida.

Já vistes o nauta, homem affeito aos temporaes, identificado com o perigo, em hora de panico em sua fragil embarcação ao sabor das vagas?... Já vistes o guerreiro no meio da batalha aspirando o fumeo da metralha quando no momento da carga tomba ferido?... Já vistes a esposa amantissima que tendo o filho aos braços, louca, desgrenhada, alucinadamente sente fugir os ultimos alentos de vida do fructo de suas entranhas?... Já vistes o povo quando a peste, a inundação ou a fome assolando as cidades, invadem os lares dos pobres e ricos indistinctamente, ceifando vidas e implantando a miseria?... Nunca vistes?! Oh! perguntai então ao nauta, ao guerreiro, á esposa, ao infante, ao povo enfim, e, todos unisonos, movidos pela Fé — que demove montanhas, vos dirão: Só ha um Deus sobre a Terra, e esse Deus sublime espirito de luz, mystico de amor e bondade é que nos acolhe bo mar e em terra, no lar e na rua, é o meigo Jesus de Nazareth.

— Corramos, pois, aos templos dessas dias cheios de reminiscencias, em que paira no ar o perfume suave da sandade de nossa meninice, e todos de joelhos, cultuemos o «Redemptor», rogando-lhe que nos inspire

Figura 5 Matéria da revista

5 - Julho - 1928

JORNAL DAS MOÇAS




Salão matrimonial da senhorita Maria Amélia Ribeiro com o sr. Elay de Sousa Pereira, vendo-se os conceitos redondos de pessoas amigas.



Pessoas que compareceram à festa que a 1ª Companhia de Administração realizou pelo pagamento de sua 6ª aniversário. Falou por essa ocasião a distinta Senhora Maria Francisca de Medeiros (x).




 O nosso talentoso correspondente Arcy Tenório D'Albuquerque, acompanhado de sua digna e virtuosa esposa, d. Marietta Monteiro de Barros Albuquerque (ô no-perda) e de varias filhas. Foto tirada na residência do distinto casal.

PHOTOGRAVURA 30 - RUA LEDO - 30
PHONE N-3567

Figura 6 Matéria da revista

3-Julho - 1928 * *

□♦ JORNAL DAS MOÇAS

Alvaro Meneses

Alvaro Meneses, antigo jornalista e atual actual director que em esta occasiã de sua direcção tem realizado por completo não só a parte artistica como literaria do «Jornal das Moças».

Prestando esta singela homenagem ao nosso director Alvaro Meneses, não nos move, nesta hora, em que vemos passar o decimo quarto anniversario desta revista, outro sentimento senão o de admiração e reconhecimento.

Tendo ingressado muito creança, nesta casa, traido por seu pae, Alvaro Meneses, adquiriu, desde logo, a sympathia de todos nós.

Docil e delicado, ouvindo com respeito e acatamento os ensinamentos de seu pae Agostinho Meneses e dos demais profissionais de imprensa que, por aquelle tempo, aqui trabalhavam, não lhe foi ardua tarefa desempenhar-se cabalmente de suas funcções.

Ouvindo e applicando-se com dedicação e especial carinho aos diversos misteres em que se subdivide uma empresa jornalística desenvolvem, com proficiencia, grande actividade na administração deste semanario.

Pouco a pouco, o seu espirito, observador e emprehendedor, foi demonstrando a sua cultura e, em pouco tempo, revelou-se um elemento de valiosa competencia na redacção de «Jornal das Moças».

Assim acontecendo, foi Alvaro Meneses subindo de posto nesta casa e, em pouco tempo, seu pae, reconhecendo os valiosissimos serviços que seu filho vinha prestando, convidou-o a assumir a direcção technica e intellectual de «Jornal das Moças».

E, desde essa hora, verificamos quão merecedora de applausos foi a idéa de seu pae, por isso que sentimos todos nós, que aqui empregamos a nossa actividade, sentem no todos os nossos leitores, o estado de progresso desta revista, que obedece, actualmente, á orientação literaria do nosso homenageado.

Não são poucas as manifestações de applauso, pela nova direcção de «Jornal das Moças», que temos recebido de toda a parte, quer, por palavras que nos são dirigidas directamente por aquelles que nos honram com as suas visitas pessoais, quer por cartas, telegrammas e outras formas escriptas.

Essas manifestações nos confortam sobremodo, estimulando-nos cada vez mais incutindo-nos a proseguir com animo mais decidido, resolutos e fortes.

E tanto mais nos anima esse estímulo quanto mais estimamos Alvaro Meneses, cuja modestia vai ser surpreendida por este preito de reconhecimento e admiração.

Elle não o sabia, mas sabel-o-á agora; que nos perdõe o Alvaro.

Seu pae, Agostinho Meneses, que continua a emprestar a sua inegalavel actividade na superintendencia geral de «Jornal das Moças» entregando com justiça, a sua direcção technica, intellectual e literaria a seu filho, tomou a seu cargo a gerencia de todos os negocios financeiros e commerciaes desta revista, solidificando, cada vez, o seu credito nesta praça e em outras praças do país.

Ao Alvaro o nosso abraço.

PHOTOGRAVURA**30-RUA LEDO-30
PHONE N-3567**

Figura 7 Capa da revista



Figura 8 Capa da revista



Figura 9 Matéria da revista

Jornal das Moças

REVISTA • SEMANAL • ILLUSTRADA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
PEDRO I.º, 22 - Seb.
Tel. 6.

DIRECTORES: *Margarida Mendes*
Alfonsa Moraes
SECRETARIO: *J. J. Castro*

ANNO XIII - NUM. 588
23 - Setembro - 1926
Rio de Janeiro

A megéira

ERA uma noite triste, irritante como um cynico, fria qual a alma impudenda de um aváro. Verticillava uma chuva meúda, fustigando os transeuntes apressados, a caminho de seus lares. Todos corriam para o convívio de suas famílias. Nem um murmúrio; não mais o vocerío atordoante dos trefegos creanças, a impregnar o ambiente de uma alegria saturada de subtiliza e ingenuidade, dominando, como fidalga, rebeldes e tedios. Que de expressões carancadas se desfolham em risos, como rosas em avelludadas pétalas, ao se entreabrir o sorriso de um mimoso cherubim, providencialmente legado por Deus aos estes que se compreendem e sofrem e verdadeiramente amam?!...

Deixaram de ferilhar os unisonos e maliciosos commentarios, tecidos pelas sentinellas avançadas em torço de alguns casos que ocorreram durante o perpassar de um dia já extinto, que brilhou com o sol, de onde se projectaram doídas serpentinas de onde se projectaram de vida com outra vida, prodigiosa, numa plenitude de penitencia e cansaço. Corvejavam no firmamento em trevas, sem o tremeluzir das estrellas, vagarosas bandos de nuvens, pardacentas e tristes, pronunciando o violento desabar de uma chuva torrencial, impertinente...

Não era uma noite para poetas... Foltavam estrellas... Eclipseavam-se fascinações...

As lazas das principaes ruas, sem tranziço, lembravam-me cirios ardendo, lacrimado, a velar rígidos cadaveres, amortalhados de poivre no glorioso campo das inextinguíveis batalhas. Advinhava-se a sy-

cope anemica do pallido luar. Rasgaram-se as desluzbrantes cortinas, por onde, em outras noites, divulguai, nos cabarets distantes, uma alegria mais intensa, por entre a qual surgiam bailarinas brancas e semivivas, formas excitantes, embriagadas de Coty e Jazz, rainhas dos rythmos, deusas da belleza, governadas e escravizadas num requinte gracioso de luxo, por uma musica nervosa.

Tremulava somente, diante meus olhos, naquella noite chuvosa e fria, um estagalhado manto, misero e lagubris sudario dos seres famistos e esquecidos da turba, beatificados espectadores das tristes apothecos, estes que dormem ao relento, ganludo de frio e fome como cães apedrejados, ouvindo, amedrontados, o sibilar sinistro e cortante da ventania ululante e invencível.

O vento passava, furioso e rebelde, recurvando hastes, abraçando as folhas tenras que se desaparejavam dos ramos.

Agonizavam num só momento, encantos e esplendores...

A Natureza — eterna creadora de symbolos — mostrava-me sombras, em attitudes de phantasmas... Eram os suaves recortes das coisas adormecidas umas, postas e infeciasas outras.

* * *

Pois, naquella noite, acúm modorrada e fria, palmo-dando menias e antrecortados gemidos, conheci uma misera mulher de taberna, revoltante e humunda, mas que era mãe abnegada de seu esqualido filho. Vi-a, arrocada à porta de uma sórdida taberna, seios pendentes, corpo destituído de plastica, a sustar, bebida e

Figura 10 Matéria da revista

◆ *Jornal das Moças* ◆

A MULHER

NÃO sei como explicar, não sei como definir o poder mysterioso que este ser tão fragil exerce sobre o homem.

A Mulher é uma lagrima furtiva que conforta as fibras enfraquecidas dos corações humanos ! Ella é alegria, a graça, a belleza, encanto e seducção ; parece ter sido creada para idealizar a divina inspiração do Creador !

Eu adoro a Mulher !...

Como não hei de adoral-a ?

Pois não foi esta mulher que eu chamo Mãe que me deu o ser ? Esse anjo, essa alma divina que nas noites de agonias traz-me o lenitivo para as minhas dores, soltando dos seus labios doces palavras de ternura ?

Falle quem quizer, pois fazendo o meu coração uma lyra melodiosa, espalharei em accordes estridentes a gloria, o esplendor offuscante deste astro celeste — A Mulher !...

Quizera ter a inspiração dos grandes pensadores, para phantasiar de um modo mais

eloquente este mimo terrestre, esta Nympha encantadora, que suavisa tão symbolicamente os amargos momentos da minha existencia !...

Mas, dentre todas ellas, uma existe que eu amo !...

E' virgem, piedosa, meiga, possuidora de uns olhos que me fascinam e me prendem á cruz immensa do amor !

Mas, oh ! Miseria !...

Segui como o pastor, esta estrella de primeira grandeza, seduzido pelo seu brilho magnifico, mas por infelicidade guiou-me tentadoramente para as regiões gelidas das desillusões !

Até então era um astro, agora não passa de uma nebulosa que a custo diviso no céu pervertido da terra !...

Mulher ! O que sois vós ?

Eu vos admiro, descrevo os vossos perfis, mas o vosso coração jamais hei de comprehendel-o !...

CAVALHEIRO DO TRIANGULO.

NO PROXIMO NUMERO:
CARTAS A' NOIVA DE VICTOR HUGO

Figura 11 Matéria da revista

♦ JORNAL DAS MOÇAS ♦

A BELLEZA É DOM SUPREMO

..... e quanto a belleza do rosto está ameaçada pela imperfeição da cutis — sardas, espinhas, manchas, cravos, vermelhidões, empingens, asperezas, queimaduras pela acção do sol ou do vento — é dever de toda mulher que deseja conservar um rosto atractivo, dar á cutis os cuidados hygienicos necessarios devolvendo a perda da loocania, uniformidade e belleza.

"POLLAH" — o creme, que representa tudo o que a sciencia dermatologica encontrou de mais **precioso** para a cutis evitará e corrigirá todas as imperfeições da cutis aformoseando o rosto e conservando a frescura da juventude. **"POLLAH"** não contém gordura — é o creme indispensavel tanto para a cura das imperfeições da cutis como para branquear e adherir o pó de arroz.

ADVERTENCIA: — E' necessario não esquecer que o uso do sabonete, devido aos alkalis e gorduras que contém, é nocivo á delicada cutis feminina. Muitas senhoras não obtém os resultados que esperam no tratamento da cutis, devido ao uso do sabonete. Para a limpeza da cutis, deve usar-se farinhas, que ao mesmo tempo que limpam amaciam a pelle e favorecem o resultado dos cuidados hygienicos. A Farinha de Amendoas **"POLLAH"** se recommenda pelo proprio nome, sendo o seu uso simples e de resultados immediatos.

Em toda a parte a Farinha de Amendoas **"POLLAH"** da American Beauty Academy é hoje a unica usada para a limpeza da cutis.

**O CREME POLLAH encontra-se na Casa Crasley & C., Ouvidor, 58
e nas principaes perfumarias do Brasil.**

Remetteremos, gratuitamente, o livrinho ARTE DA BELLEZA a quem enviar o coupon abaixo, aos Rep. da American Beauty Academy — Rua 1^o. de Março, 151 — Sob. — Rio de Janeiro.

(Jornal das Moças) córte este coupon e remetta: — Srs. Rep. da "AMERICAN BEAUTY ACADEMY" Rua 1^o. de Março, 151 Sob. — RIO DE JANEIRO.

Nome Rua

Cidade Estado

Figura 12 Matéria da revista

A Mulher

Muita gente por ahí julga que a mulher deve somente occupar-se do lar e velar pelos seus filhos.

Não resta duvida que ella é e deve ser sempre o guia da vontade de seus filhos, mostrando-lhes que este ou aquelle caminho, esta ou aquella acção, são-lhes prejudiciaes ou beneficos, moral ou intellectualmente.

Os paes em sua quasi totalidade se contentam em dar ás suas filhas noções mui rudimentares, e isso, durante os primeiros curtos annos de tirocinio escolar, esquecendo-se de que quanto mais aperfeiçoada fór a educação da mulher, tanto mais beneficos poderá ella prestar á sua Patria, dando edificantes provas de coragem e intrepidez, occupando logar de destaque nas mais elevadas camadas sociaes, trocando idéas com os grandes estadistas, advogando tambem, porque o espirito feminino é dotado de um elevado don de percepção, tanto no que diz respeito ás leis jurídicas e sociaes, como tambem no que se refere ao aperfeiçoamento da grande sciencia da vida.

Evoluir é preparar cuidadosamente um futuro de esperanças realizaveis e de grandes admissiveis; evoluir materialmente, é premunir, preparar com precisão a defesa de um país; mas, evoluir moral e intellectualmente, é conceber um elevado ideal de humanidade e de gloria, é traçar a verdadeira trajectoria de luz entre espiritos que estão intimamente ligados pelos laços indissoluveis da intelligencia, commungando das mesmas idéas, dos mesmos sentimentos e das mesmas aspirações.

O homem trabalha quasi sempre com a esperança de alcançar em breve o lenitivo justo dos que sabem trabalhar soffrendo, isto é, o descanso na vida, porque o homem não tem muitas vezes a responsabilidade moral que atormenta sempre o espirito da mulher, responsabilidade que ella tem de respeitar desde que a elle se unio pelos laços santos do hymeneu.

A mulher, geralmente falando, passa a vida em negra nuvem; é um ser nascido somente para o soffrimento.

A mulher não pensa senão no descanso eterno, porque sua vida tem de passal-a sempre edificando nos filhos a moral que dignifica e ennaltece.

A vida da mulher, esse poema epico de amor e de affecto, é um longo rosario, cu-

Nossa Galeria



O sr. Alberto Augusto Alves, nosso leitor, residente em Niteroy.

jas perolas são as dores, as afflições e os soffrimentos; soffrimentos esses que nunca abandonam os entes que sabem viver honestamente; nunca desaparecem senão quando ellas, as mulheres, sentem que o espirito, scentelha divina, se aparta da materia á qual dava vida e animação, deixando que a saudade se apodere dos filhos estremecidos e que a consternação penetre o mais recondito do coração de seus fieis admiradores, envolvendo tudo que nos cerca num manto funebre de torturantes saudades, de profundas recordações.

Espero que as mulheres, as quaes sempre hei de defender, todas as vezes que se fizer necessario usar de minha fraca erudição, acreditem sinceramente nas minhas pouco lucidas expressões, porque ellas são filhas de uma afeição terna e despretenciosa.

Santos.

ALMIRO ALCANTARA.

Figura 13 Matéria da revista



Figura 14 Matéria da revista

JORNAL DAS MOÇAS

MODAS

A questão de novos factos de-
pende da circum-
stancias.

Os mais impor-
tantes fornecedores
de vestidos,
comprando grande
stock de fazendas
organizaram como
que um trust para
forçar o mercado.
Compras com ur-
gencia, pois, a fa-
zenda para os ves-
tidos antes
da provável alta
que se faz em das
vêto ter. Affirma-
se crederem que
para a proxima es-
tação só teremos
com garantia e us-
sim mesmo depen-
dente da subida de
preço o Taffetà e
a Narja Azul Ma-
rinho.

As tollettes de
mangas estão ob-
decedendo à forma
«Cloche» que se
distarça com puffa
de renda. Si o de-
cote é affectado as
mangas devem
mostrar pushes de
renda.



CINTOS — Estão se usando os de fitas de «Meiré» e de riscado de cores vivas pas-
sando um artistico fio.

BUSIAS — Na collecção de blusas modernas parisienses notam-se modas muito
praticas para o nosso clima.

Sem grande decote deixam ver o pescoço e podem ser usadas com golas e che-
relhetas. Para a tarde muitas senhoras preferem as blusas de veludo ou penas com man-
gas transparentes.

LEQUES — Usam-se os de madeira-lacca. A renda o «tulle pelha» o taffetà as plu-
mas e o papel harmonizam-se com varetas artisticamente pintadas. A cor das varetas deve
sobrinhar com a dos vestidos. Os leques modernos são feitos com a propria fazenda da
collecção ou de taffetà farta-côr.

PENTEADOS — Usam-se muito os chamados «Nisiche». São simples e magnificos para
os chapéus da moda.

O coque bastante fofo é feito atraz no meio da cabeça enfiando o espaço entre o
chapeo e a cabeça e do qual sae um nó de veludo preto.

CHAPÉUS — Ha mais de cem modas presentemente, cada modelo tem uma indivi-
dualidade. O «chantier» baixo com grandes abas está tão em moda com o «chambé» seu
aba. Começam a apparecer os de aba elevada adiante, dos lados, atraz, a vontade,
sobrinho um olho, os dois ou posto no alto da cabeça tambem a vontade.

A mesma originalidade é permitida aos véos que tanto cabem apenas sobre os
olhos como sob a cintura.

Figura 15 Capa da revista



Figura 16 Matéria da revista

25 - Abril - 1939... JORNAL DAS MOÇAS



A VERDADEIRA
TODA PARTE

**PARA TINGIR
EM CASA
LÃ,
ALGODÃO,
SEDA
E PALHA.**

GERMANIA

QUADRA

«Os olhos verdadeiros falamos,
Assim diz uma canção,
Mas não temo falsidade:
— Aqui tens meu coração.

NYOSOTIS

QUADRA

Quando passo, que te vejo
Do janelo, assim fermosa,
Sinto a doçura de um beijo
Da tua boca de rosa.

Quisimara. NYOSOTIS



HYGIENIZE
A BOCA
COM
PASTA
Oriental
O DENTIFRICO
IDEAL

PEÇAN ANDRADA SEXTU
A *Germania*
Lopes

RIO R. TRINDADE, 27, 34-36-38
RUA URUBURUBANA, 44
AVENIDA DO BRANCO, 134
S. PAULO - RUA 77 ANDRÉ, 80



SABONETE
Dorly
PREÇO DO PREÇO,
É O MELHOR

PEÇAN ANDRADA SEXTU
A *Germania*
Lopes

RIO R. TRINDADE, 27, 34-36-38
RUA URUBURUBANA, 44
AVENIDA DO BRANCO, 134
S. PAULO - RUA 77 ANDRÉ, 80

Figura 17 Matéria da revista

7. Junho - 1927 JORNAL DAS MOÇAS



**AS ESPOSAS
AS MÃES E AS FILHAS**

"A Saúde da Mulher" é a guarda vigilante da vida de uma Senhora, enquanto dura o período dos Incommodos, isto é, desde a mudança deidade até a idade crítica

"A Saúde da Mulher" evita todas as doenças provenientes dos Incommodos, combatendo com eficácia todas as enfermidades do Utero e dos Ovarios, tanto das mocinhas e das moças como das senhoras de certa idade (45 a 50 annos)

"A Saúde da Mulher" é a garantia da Saúde para as Senhoras; e, portanto, o principal collaborador da felicidade de um lar onde brilhe a graça feminina, porque este grande remédio é o Remedio das Esposas, das mães e das Filhas

A Saúde da Mulher

- é o Remedio das Esposas, porque, actuando beneficemente sobre o Utero e os Ovarios, prepara as Esposas para a geração de filhos sadios e robustos;
- é o Remedio das Mães, porque, dando-lhes a saúde permanente, assegurando-lhes a normalidade de seus incommodos, permite as Mães a continuidade de sua vigilância sobre a ordem da casa e sobre a existencia domestica;
- é o Remedio das Filhas, isto é, das moças da casa, porque, já na mudança da idade, actua sobre o organismo abalado pelo apparecimento das regras, fazendo com que as regras se manifestem normalmente ou corrigindo toda e qualquer irregularidade da menstruação.

Figura 18 Matéria da revista

A emancipação da Mulher

UM HORIZONTE QUE SE DESCOBERTA

NA evolução de nossos hábitos parece que a mulher brasileira vai compreendendo o seu papel na sociedade.

Não somos dos que pensam que a mulher deve ser enclausurada, tomando a seu cargo tão somente as lidas domésticas, sem que seu espírito, muitas vezes, de grande adiantamento intellectual, possa expandir-se na sciencia, nas artes, na literatura ou mesmo em outros misteres.

Por que só admittir que a mulher só pode ser aproveitada na direcção dos nossos lares.

Não pode uma mulher exercer uma função publica como qualquer um de nós?

A sua intelligencia, muitas vezes rebelde aos serviços domésticos, não pode ser aproveitada na direcção de uma repartição publica, empresa ou escriptorio?

Por que não pode ser ella independente?

Deverá sempre a mulher ser dependente do homem?

Pensamos que não.

Na paz como na guerra, a observação nos tem provado que a mulher tem outros fins a cumprir.

Quantos homens de responsabilidade publicas, dizendo-se fortes, muitas vezes não têm tido a menor tentativa de cuberno, recuando ou matando, levando o seu nome á dahoura!

E quantos exemplos de honradez e firmeza nos têm dado as poucas mulheres que têm desempenhado as funções que, dizem, os homens devem desempenhar!

Porque a esposa deve depender do marido quando muitas vezes esse marido, ficando invalido, não pode continuar a dispor da sua companhia e conforto que estava habituado a dar.

Ella agora, diante da invalidez do seu esposo, olha em redor de si e vê o abysmo da miseria para elle e para seus filhos.

O seu amor não pode consentir, mas como? De que modo? Não sabe fazer outra coisa senão governar os serviços de seu lar. Mas o esposo está doente e seus filhos sem fome.

E está uma luta tremenda se apoderado espirito dessa mulher virtuosa, por isso que as necessidades se avolumam, os credos se despedem, os favores são negados, os bens se vendem, o marido sofre e os filhos têm fome.

E essa espiã pergunta a si mesma: — Por que não hei de ser eu agora o arime de meu marido e a protectora de meus filhos? Então lembra-se que foi educada para as lidas domésticas e sente-se humilhada.

Assim pensando é que agora assistimos, com verdadeiro orgulho de povo adiantado, a inscripção de uma senhora em um concurso para uma repartição publica, dando motivo para que o nosso eminente estadista, dr. Nilo Peçanha, abra os olhos da mulher brasileira, o caminho da independencia e da verdadeira civilisação.

E o homem que tiver a felicidade de ter uma esposa que comprehenda a sua independencia poderá dizer com orgulho, aos o marido que preferes, não sou homem de que precisas.

A mulher deve ao homem a sua fidelidade, mas nunca a sua liberdade.

Prof. — Fox o mappa da America, como se lhe manda?

Aluno — Não senhor; esqueci-me.

Prof. — Esqueceu-se!? Quando se é tão insubtil, faz-se como eu: toma-se um apontamento para não esquecer.

É uma lagrima...

Saber e despartar... dividir a angustia entre mim e outros tristes... sentir as lides da amargura para depois recorrer a luxuriantes posses de amor no dilecto seculo de uma vida; renovar a felicidade ao ar da decoreta que me contempla através da tearista... e eu sonho... me despeito com as lagrimas a colar-me a face... são sonhos... impossivel realisa-los...

É uma contaria que falta a todos "filhos"

Com o dominio das tuas bellas phrases sentimentalmente me arrebatando e crendo de um sonho e a esperanza de uma eterna effigie.

À Vista del pensiero

Seo m'a... il mio cuore ch'è una fela che non ha voce, piango il bene ch'è perduto e lo desidero de vedere il mistero dell'anima tua...

H. COELHO.

Figura 19 Capa da revista



Figura 20 Matéria da revista

* *Journal des Modes* *

A Saude da Mulher

Cura Incommodos de Senhoras

Srs. Daudt & Oliveira

*Como desejar de obter grãdão lras
aerosas confortáveis que soffoado hor-
rivelmente de cúbicos atreitas e tendo
feito uso de diversas medicações, sem
obter resultado, e comêdo de novo agra-
das vossa maravilhosa preparação A
SAUDE DA MULHER, e grãpê a elle
me arã radicalmente curado.*

Nasareth (Pernambuco), 28 de
Março de 1888

Omnino M. Costa

DAUDT & OLIVEIRA
 RIO DE JANEIRO



EXMA. SRA. D. ORMINDA H. COSTA
curada com A Saude da Mulher.

Carta aberta

Do amigo Omínio Nobre.

FOI com um suspiro de sincera gratidão e um sorriso de ineffável júbilo, que perpassai os olhos caquados, naquella conjuncto de extrema delicadexa, naquelle turbilhão de phrases auríferas, rutilantes, magestosamente traçadas por mão carinhosa e habil, e deliciosamente produzidas por um cerebro fecundo e pujante.

Dedicando-vos um obscuro escripto, composto de palavras dissonantes, incolôres, pauperrimas de poesia, não fiz mais que obedecer ao impulso do meu coração compactado pelas dôres cruentas, pela ferina magua e pelas merencoreas endeixas de vossa alma soffredora torpemente supplicada pelo aguilhão da dealdia, extravasadas nas querellas rimas dos vossos cadentes e rhythmados versos, ou na dolencia amarga das prosas.

Aquelle amontado de linhas demasiadamente pobres para serem comparadas ao vosso grandioso valôr em meu conceito, foi uma pallida manifestação da altipotente sympathia originada pela admiração quasi

religiosa que me inspira o vosso egregio talento e pela compaixão que me causa o martyrio intempestivo do vosso bondoso e inerte coração. Prosequi-me incalculável prazer a offerta da fraternal amizade que com despendimento d'alma dignastes honrar-me.

Acceito-a jubilosa, retribuindo-a e agradecendo-vos peshorada; pois para quem soffre as agruras de um fadario adverso um gesto nobre, affectivo, como o vosso, produz o effeito assaz benigno de um bal, samo sablime na parte dorida de um orgão affectado.

Da amiguinha

FLOCO DE NEVE.

Figurinos	48500	Assignat.
Le Fesses Or	48500	400
Paris Elegant	48500	400
Grandes Modes	48500	400
Elegances Parisiennes	73000	700
L'art et la Mode	18000	500
Waldées com 2 moldes	28000	500
Vague	48000	500
Le Costume Royal	48000	400
Fashions for all 3 vol.	28000	500
Chiffes	18000	500

Livraria A. Araujo Mendes
 45 - OURIVES - 45

Figura 21 Capa da revista



Figura 22 Matéria da revista

7. Junho - 1927 *C

♦ JORNAL DAS MOÇAS

RECORDANDO

Como é doce e suave a recordação de um passado feliz! Como revigora e consola a alma no mundo de mais cruel esquecimento, a lembrança d'um gesto, d'uma palavra, d'um olhar apenas, da pessoa que amamos!

Tudo passa; para todo o destino deixen esta mão mysteriosa, a mesma implacável que faz nascer e o desambrar! Nasce a plantinha frágil e, em breve, o tempo transforma-a em arbusto vigoroso; nasce a criancinha rosada e loira e os annos cobrem-lhe a cabeça de canas, assim também o amor, este mixto de gozo e lágrimas, este fructo que nos envenena e vivra, esta gotta crystallina, doirada pelo sol da felicidade, nasce robusto, mas também elle está sujeito ao castigo dos nos primeiros peccados—morra! E'mais ditoso o mundo de que a vida, nesta quadra a felicidade realça o gozo, naquella a dor nos revela o prazer! Morre o amor, mas fica a recordação da pessoa querida, porque a morte do amor é a vida, ama-se mais ainda; diz o poeta: "E' doce lembrar de quem de nós se esquece?"

Fugite como a apparição de um sonho, qual phantasma de amor na eterna noite do seu tedio. Paira em mim a dura cortezia de te haver perdido; longa de ti, na clausura de minha dor, eu vão procuro flores para atapejar a estrada asphalosa dos meus dias e, visitando este sitio mysterioso onde don livre opposita as minhas moções, não estarás tu perto de mim, ouvindo indifferente as minhas queixas, que se perdem como se fossem apenas a canção de um mendigo? Quando Deus fez sahir das suas mãos a primeira mulher fez-a primeiro conhecer as delicias do paraizo terrenal, depois lhe mostrou a dor. Ella, humilhada, chorando a morte do divino amor, nas suas tardes de angustia, a sua felicidade era sonhar o Eden perdido e a alma solta em recordação pode trilhar o fim do seu triste viver!

Da recordação nasce a esperança, essa dor d'alma que arna o tumulto das nossas ilusões; assim, minha alma desolada ha de um dia possuir-te novamente e, então, a nossa unidade será eterna!

—

São estes os lamentos de uma victima do amor; por isso o meu coração vacilla e procura occultar-se, afim de evitar que Cupido com a setta venenosa sangue-o ainda virgem, mas para que ter racelo, estamos sujeitos ao martyrio do Amor.

JONASBE.

A mulher

Para a intelligente "Aife."

Edificante o teu trabalho: A' MULHER! Sim, procedamos como Victor Hugo: «Glorifiquemo-la e santifiquemo-la.»

No teu trabalho discusso tudo quanto de sublime accorra a mulher, mas esqueceste de dizer quantos perfidia existe ao seu coração.

Como irmã, não ha objecção a fazer, não ha nada contrario ao que dizes, mas como mãe... Quantas não existem que, por causa da fraqueza de seu filho, por lhe ter faltado um pouquinho de força de vontade, o renega, chegando mesmo a dizer que não o reconhece, na hora em que elle mais precisa do conforto della... Quantas, nessas condições?

Como esposa, tenho visto exemplos bem frustantes; são innumeradas as que perambulam ao léo, pela estrada da vida, sem se lembrar que em casa existe alguém que clama pelo seu regaço, pelo seu carinho. Quantas não ha por ahí que, suggestivas por um olhar ephemero, abandonam o esposo que a idolatrava e para o qual ella era tudo na vida? Quantas?

Como simples namorada, quantos corações nobres, despedaçados na flor da idade, atirados no lodo e no vicio?... Quantas que, confiadas na sua formosura sem par, se julgam superiores aos seus semelhantes...

— Considera commigo, pois, que a mulher foi, é e será sempre um mysterio insolvavel...

GIBSON DARWIN.

São João d'El-Rey.

Tosses, Gripe, Aftosa?

CREOSGENOL

o unico dos potentes

Faz cessar a tosse na grippa, bronchite, tuberculose, etc. Facilita as expectorações e cicatrização das lesões.

FARMACIA TOSTHO GERAL

Lab. Creosgenol - O. GALVÃO

Avenida Gomes Freire, 63 - RIO

Figura 23 Matéria da revista

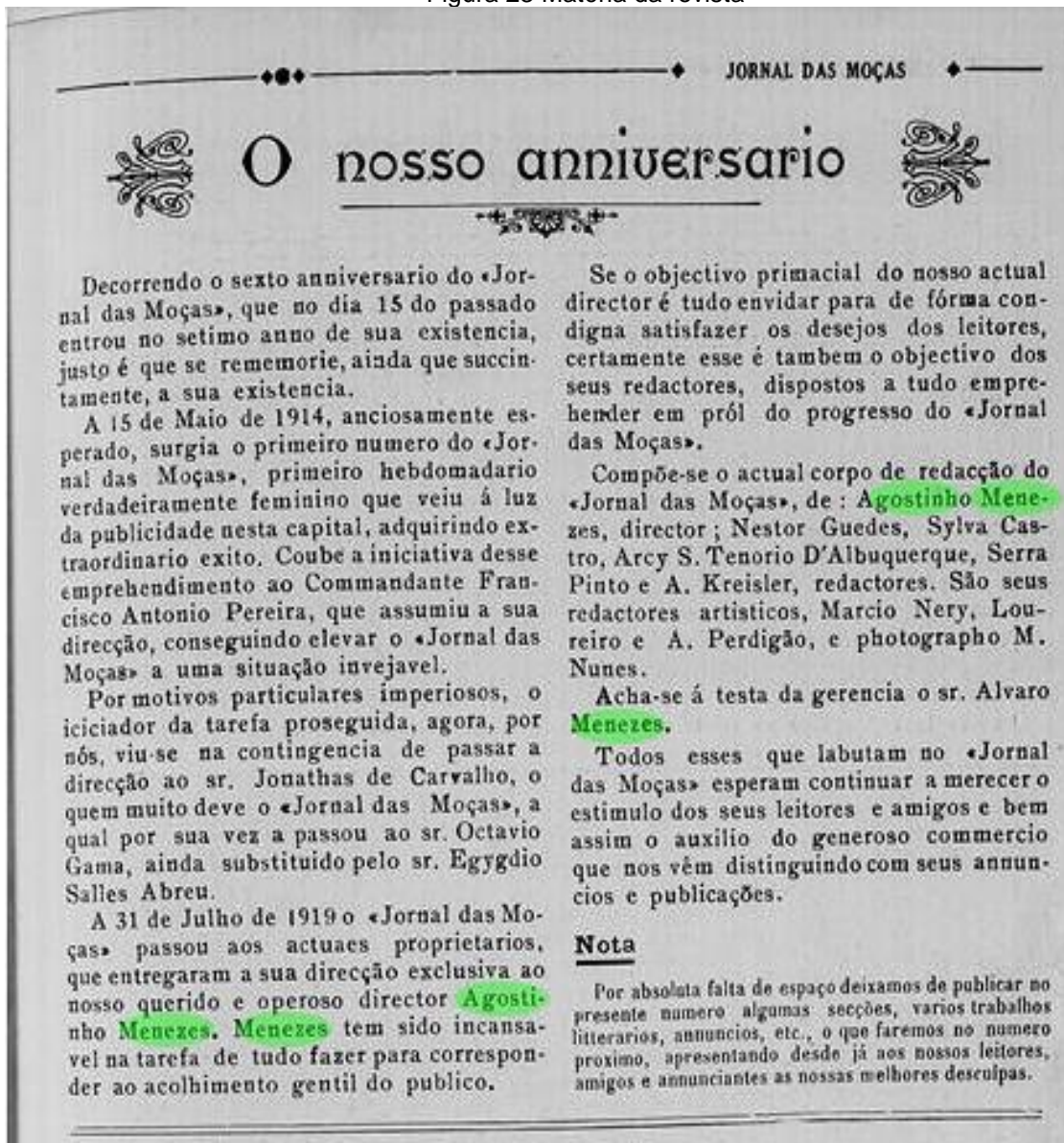


Figura 24 Capa da revista



Figura 25 Matéria da revista



Figura 26 Matéria da revista

Jornal das Moças

MODAS E MODOS



Caríssimas leitoras.

Não nos tem sido possível, devido ás dificuldades que sempre se apresentam no começo de empresas semelhantes a que iniciamos com a publicação do JORNAL DAS MOÇAS, dar a esta secção o desenvolvimento e a amplitude indispensáveis ao fim a que se destina.

Temos feito todo o possível para, resumidamente, apresentar as ultimas novidades no assumpto, naturalmente o mais interessante para as pessoas a quem especialmente se destina o JORNAL DAS MOÇAS.

A Moda, nos tempos que correm, evolue rapidamente, e os costureiros e modistas que se dedicam á confecção dos vestuarios para as representantes do bello sexo, não caçam a imaginação na formação dos mais exquisitos modelos, seductores pela elegancia dos seus delineamentos e bizarras de contornos.

Assim, por exemplo, como são caprichosos os modelos para capas e manteaux! E, seja dito de passagem, que desta vez e neste particular, a Moda conseguiu reunir o agradável e o conforto.

Em geral, naturalmente, a fórma destas peças accessorias do vestuario são amplas, envoltivas ao nível dos hombros e do busto, vindo ajustar-se abaixo das cadeiras, para se harmonisarem com o movimento do corpo, conservando assim a elegancia da silhueta.

Suas golas são completamente diferentes das usadas no anno passado. Quasi todas são dispostas de fórma a ficarem afastadas do pescoço. Estas golas viradas são muito largas, arredondadas ou em bico e podem ser levantadas á vontade, abrigando o pescoço e a cabeça até ás orelhas. Com esse dispositivo comprehendem-se facilmente as vantagens que offerecem nas noites frias da presente estação, á sabida de um theatro ou de um baile.

Estas capas de riquissima confecção e apparencia seductora podem ser feitas de velludo com guarnições de pelles ou arminho; de crepon japonês, seda ou setim liberty preto e gola branca ou cor de canario.

SILHUETAS DA MODA



Manteua e capa de feltro de seda, gola guarnida de arminho forrada de seda branca.

Suete de passageiro, grande modelo, com 2 botões, com 2 botões, gola de veludo.

Talhar, gilete crepon, com botões, com 2 botões de lã e seda com dolo e arminho.

Elegante modelo pluvial em offeças lã e seda de arminho.





INFORMAÇÕES

Nesta secção responderemos, com a maxima sollicitude, as perguntas que nos forem feitas sobre assumptos que possam interessar ás nossas amáveis leitoras.

As offeças illustradas de Moda em Paris estão reunidas neste bellissimo catalogo que pode ser consultado em sempre nos Bares Sarcadas de Lisboa. As modas podem ser cortadas em compridos e a gola também, mesmo decorada.

Figura 27 Matéria da revista

A Saude da Mulher

cura incommodos de senhoras



Exma. Sra. D. Joanna S. C. de Mattos,
curada com A Saude da Mulher

Srs. Daudt & Oliveira

Achando-me doente com uma anemia profunda, proveniente de um aborto, usei inumeros medicamentos e não obtive resultado algum.

Lendo, ha tempo, um jornal, dei com um annuncio d'A Saude da Mulher e desde então comecei a tomar esse poderoso medicamento. Ao fim do terceiro frasco minha saude restabeleceu-se: readquiri a côr natural, engordei e nunca mais senti incommodo algum. Hoje, graças a Deus e graças A' Saude da Mulher, gozo de um perfeito bem-estar.

Joanna Soares Cordeiro de Mattos



Rio Grande do Norte, Natal.

DAUDT & OLIVEIRA (Successores de Daudt & Lagunilla) - Rio

Figura 28 Matéria da revista

Jornal das Moças

Os nossos instantaneos

No Largo do Machado depois da missa.

O QUE A MULHER DEVE SER

(Continuação)

11.— A lestrada em todos os mistérios domesticos. Caso não tenha necessidade de fazel-os executar, servir-lhe-á para dirigi-las, porque quem não sabe uma cousa, não sabe outra.

Uma casa limpa e bem dispostos os seus moveis, desperta os instinctos estheticos e dá boa idéa da capacidade da dona da casa.

Acredita-se que o talento culinario de algumas esposas tem produzido a espantosa fecundidade dos escriptores, seus maridos.

12.— Ser um pouco instruida. Conhecer bem, pelo menos, os rudimentos de arithmetica e de leitura. A mulher é o primeiro funcionario do Estado Familiar, pois tem a seu cargo a importante funcção da despesa, de cuja anarchia rebentam tantas revoluções.

Do bom desempenho deste cargo depende o equilibrio das finanças domesticas.

A quebra de muitos negociantes é devida, na maior parte, ás qualidades anarchicas e prodigas de suas mulheres.

Quando a cozinha suspende pagamentos, o escriptorio estremece; paralyza-se o serviço de mesa e sobrevivem a dispenza geral de empregados, pela ausencia do pagamento de salarios.

Deve se forçar para que haja sempre na casa um fundo de reserva, embora escasso. Desde que sobre um vin-tem, depois de feita a despesa diaria, pôde considerar-se rica. Mas, ao contrario, se lhe faltar, pôde considerar-se tão pobre como o mais infeliz mendigo.

13.— A divisão mathematica deve ser sabida, já que a riqueza é para a maior parte considerada um mytho.

Por não saber dividir bem, algumas mulheres dividem os maridos...

A multiplicação é ainda uma operação mais importante, porque, no casal, é quasi inconsciente.

A mulher que, tendo em seu lar muitos filhos, não dispuser de um grande tino arithmetico, fará que o marido, que não tiver grande fortuna, dê com os burros n'agua.

14.— Como a gloria e as honras não se ligam ao extincto de conservação nem ao da propagação da especie, deve procurar não arrefecer as ambições do marido, quando estas sejam legitimas.

Enquanto houver um átomo de justiça nas almas dos homens, a mulher de um sabio ou de um grande artista serão, no mundo, mais respeitadas e consideradas do que a de um banqueiro ou de um general.

Não busque imitar Dalila, cortando no marido a cabeceira de sua força intellectual.

A viriidade tambem repousa no cerebro do homem.

Contudo, si seu marido é menos adorador de Venus do que de Minerva, recorde-lhe, amada com todas as armas de que dispõe a mulher, que o amor é mais forte do que a sciencia, e que elle se vingará terrivelmente dos maridos que se distrahem com sua vocação de sabios.

(Continúa)

Os amáveis:
— «Até amanhã, céo da minha existencia! Não ponho sello n'esta carta para que ella te fique mais cara».

Quem tiver filhas no mundo
Não ria das maldadadas,
Porque as filhas da desgraça
Tambem nasceram honradas.

Figura 29 Matéria da revista



A vintage black and white advertisement for Aristolino soap. The central illustration shows a woman in a light-colored, patterned dress sitting on a chair, looking towards a man in a dark suit who is standing and holding her hand. The scene is framed by a decorative border with ornate corner pieces. Below the illustration, there is a text box containing a dialogue in Portuguese.

- Que faz V. Ex.^a para ter
sempre as mãos tão
brancas e perfumadas?
- E porque só uso o SABÃO-
ARISTOLINO.

Impressão nos Estabelecimentos Gráficos da Associação

Figura 30 Matéria da revista

A missão da mulher

(Ao A. Gomes Filho)

Segundo o que nos rezam as escripturas, ao formar Deus o mundo, creou primeiro o homem. Reconhecendo, porém, quão monotonico e ao mesmo tempo extenuante, seria o labor sem ter ao seu lado uma creatura amiga que lhe compartilhasse na dôr; uma sensitiva branda e affectuosa que lhe echesse de consolo as horas tristes de desespero; um terno rouxinol que entoasse cantos melodosos de amôr; uma alma igual á sua, porém muito mais sensivel, muito mais amante, muito mais inspirada, na comprehensão da vida espirital, creou a mulher para sua companheira. Deu-lhe uma alma em tudo perfeitamente igual á do homem, porém deu-lhe uma missão muito mais espinhosa, muito mais ardua e repleta de responsabilidades, por isso mesmo mais nobre.

E' a mulher a doce companheira do homem; unidos, os destinos de ambos formam o complexo da vida. E' portanto a missão da mulher toda de affecto, toda de carinho e bondade. Enquanto ao homem conferiu Deus a intelligencia, o conselho e a força deu á mulher a intelligencia do coração, a flexibilidade, a percepção purada, ao instinto

mysterios o dos pequeninos nadas que passam despercebidos ao homem.

O homem domina pela força, a mulher pelo coração. Entretanto é preciso que as mulheres saibam cultivar as qualidades da alma, para que esse dominio seja constante firme e duradouro; para que o imperio da mulher não se assemelhe aos castellos de cartas, que se desfazem ao mais leve impulso do ar. A mulher deve zelar por suas virtudes, fazer dellas o santuario onde depositem, na pyra do soffrimento, todas as tribulações que quotidianamente se lhe deparam na travessia do mundo. Seu coração deve ser o foco irradiador dos santos e puros pensamentos, o centro para onde devem convergir todos os sentimentos da familia. Ella é o espelho onde se reflectem as virtudes da sua prole. Um homem sem uma mulher que o ame é um crente sem um anjo da guarda.

Um navegante sem bussola em pleno mar.

Cuidado; vê que podes naufragar...

ESTRELLA D'ALVA.

O «JORNAL DAS MOÇAS» tem satisfação em
ver o vosso retrato.

Figura 31 Matéria da revista

Flay! Flay!

O maravilhoso e suavissimo perfume!

O Pó de Arroz Flay é incontestavelmente o primeiro, dentre seus similares.
E o que mais adere, amacia e embelleza a pelle.

EXTRACTO FLAY, estupendo.

Brilhantina Flay, inegalavel.

Água de Toilet Flay, incomparavel.

Água da colonia Yvonne, a primeira para o banho e fricções.

Productos da grande

Perfumaria Carnot

Peçam em todas as perfumarias sómente «Flay», o perfume da moda.

Brilhantina Flay, inegalavel.

Vende-se em todas as casas de 1.ª ordem Depositario — PERFUMARIA AVENIDA — AVENIDA
RIO BRANCO, 142 — TELEPHONE CENTRAL 1318



Figura 32 Matéria da revista

CONSELHO

A's Mocinhas.

Reserva algumas graças, alguns encantos,
algumas virtudes cujo descobrimento possa
causar, a teu marido, agradável surpresa.

PITHAGORAS.

Com belleza ou não, tu deves, sempre, amar, porque a mulher sem sentimentos amorosos torna-se fria, apathica á vida, ao lar e até á sociedade.

Sê bella, e ama, porque é essa a tua missão; e se não seguides esse teu dever, commettes o peor dos erros. A tua belleza deve ser o teu cuidado, é mistér seres linda, a Belleza é a Mulher, é Venus, és tu, mas, se não fores bella por natureza, conseguirás por outro qualquer meio, pela sciencia.

Sê laboriosa, modesta nas tuas maneiras, não queiras ser futil, para não te chamarem de "eterna creança". Lembra-te que mais do que o homem a mulher deve ser honrada, a castidade, o pudor é a maior victoria das virtudes femininas, e nunca te esquecerás que "a vaidade costuma, a miudo, andar de braços dados com a baixeza." Não queiras ser siúta em imitar os homens, porque se o fizeres serás infeliz.

Sê distincta, porque em ser direita está a tua elegancia, e assim serás muito querida. Adora o homem, porque é delle que veio a tua vida, o teu marido será o teu senhor. Nunca esquecerás que: «por pouquissimo intelligente que seja uma mulher, comprehenderá tudo quanto se refira ao Amor. Por muito intelligente que seja um homem, não comprehenderá, nesse magno assumpto, mais do que metade.»

BARÃO DE ABRANTES.